

FORMAS DE TRATAMENTO NO DIALETO ORAL URBANO DE CURITIBA

por

Maria Teresa dos Santos Abreu

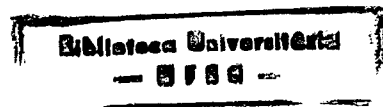


0.192.274-4

UFSC-BU

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, S.C. - 1987.

Esta dissertação foi aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE EM LETRAS - opção Lingüística Teórica - pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina.



M. Maria Martha Furlanetto

Profa. Maria Martha Furlanetto

Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Letras,
área de Lingüística.

BANCA EXAMINADORA

Solange de Ajambuja Lira

Profa. Dra. Solange de Ajambuja Lira

Orientadora

José Luiz da Veiga Mercer

Prof. Dr. José Luiz da Veiga Mercer

Orientador

Leonor Scliar Cabral

Profa. Dra. Leonor Scliar Cabral

M. Maria Martha Furlanetto

Profa. Dra. Maria Martha Furlanetto

Agradecimentos

A minha família, pelo estímulo.

Ao Prof. Sebastião Votre, pelas valiosas críticas e sugestões feitas a este trabalho.

À Profa. Solange Lira, pela orientação desta dissertação.

Ao Prof. José Luiz da Veiga Mercer, orientador e amigo, presente desde as primeiras leituras, ainda no Curso de Letras, até o resultado final deste trabalho.

ÍNDICE

CAPÍTULO ZERO	1
O campo de estudo	1
A sociolinguística quantitativa	2
O objetivo deste trabalho	3
Hipóteses.....	3
Abrangência do trabalho	4
Notas	4
I. O ESTADO DA QUESTÃO	5
1.1. O tratamento na literatura linguística do Brasil ..	9
1.2. Apresentação tradicional do tratamento	11
1.3. O tratamento, uma abordagem teórica	12
1.3.1. As proposições de Roger Brown e Albert Gilman ...	13
1.3.2. Dois trabalhos feitos à luz das proposições de Brown e Gilman	19
1.3.3. Sobre 'THE PRONOUNS OF POWER AND SOLIDARITY'	20
1.4. O tratamento no mundo da fala ocidental	21
a. o português europeu	24
b. o português angolano	29
c. o tratamento no Brasil, um enfoque sociolinguís- tico	32

1.5. O tratamento no mundo da fala oriental	36
Notas	43
II. METODOLOGIA	44
2.1. O teste	45
2.1.1. O modelo teórico	45
2.1.2. O material de apoio, fotografias	48
2.1.3. Aplicação	49
2.1.4. Avaliação do material de apoio	50
2.2. Condicionadores sociais e lingüísticos das formas de tratamento	51
2.2.1. Condicionadores sociais	51
2.2.2. Condicionadores lingüísticos	53
2.3. Os informantes	56
2.4. Protocolo da entrevista	58
2.5. A cidade	59
2.6. Protocolo do processamento computacional dos dados..	60
Notas	62
III. APRESENTAÇÃO DOS DADOS	63
3.1. Condicionadores sociais	64
Conclusão preliminar	76
3.1.1. Inter-relação de variáveis	78
3.1.1.1. Escolaridade e padrão social	81
Conclusão preliminar	82

3.2. Condicionadores lingüísticos	83
3.2.1. Pronome de tratamento e interpelação	83
3.2.2. Pronome de tratamento e mitigação	84
3.3. Considerações finais do capítulo	86
Notas	88
IV. ANÁLISE DOS DADOS	89
V. ANÁLISE COMPARATIVA	112
VI. CONCLUSÃO	117

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar, à luz da sociolinguística, as formas de tratamento no dialeto oral urbano de Curitiba. A análise se baseia em dados coletados através de entrevistas com informantes não necessariamente curitibanos, mas que residam na cidade há no mínimo quinze anos. Segundo o modelo de pesquisa sociolinguística desenvolvido por Labov (1972), são levantados condicionamentos linguísticos e sociais relevantes para a escolha de cada pronome de tratamento. Os resultados acusam a inclusão de um terceiro elemento no sistema pronominal - pronome de tratamento zero. Esse novo componente aproxima o sistema de tratamento curitibano do ~~do~~ dialeto carioca bem como de algumas outras línguas européias e orientais.

ABSTRACT

This piece of work aims at investigating the forms of address within the urban dialect of Curitiba in the light of sociolinguistic perspectives. The analysis has been based on data collected by applying interviews with informants not necessarily 'Curitibanos' (i.e. natives of Curitiba) but with a minimum of fifteen years permanent residence in the city. According to the model of sociolinguistic research developed by Labov (1972) the relevant linguistic and social parameters must be taken into account for the choice of each pronoun within the forms of address. The results highlight the need to include a third element in the pronominal system, namely the form of address with zero-pronoun. This new component puts the 'Curitibano' form-of-address system close to that of the 'Carioca' (native of the city of Rio de Janeiro) as well as certain other European and oriental languages.

CAPÍTULO ZERO

O campo de estudo

À área de lingüística que estuda a linguagem como parte da cultura e da sociedade dá-se o nome de sociolingüística. Sua tarefa é mostrar, na medida do possível, as covariações entre os fenômenos lingüísticos e sociais, e, eventualmente, estabelecer relações de causa e efeito. Não é, portanto, como pode sugerir o termo, um amálgama de lingüística com sociologia, embora exija do lingüística alguma compreensão prévia da estrutura social tal como é concebida pelo enfoque do sociólogo. O fato é que essa área de conhecimento recobre um **campo de estudo** singular que é, em muitos aspectos, senão em todos, equivalente à fusão de formas de comportamento cada uma das quais (caso fossem separadas) possível de ser tratada independentemente por disciplinas distintas. (Pride, 1970).⁽¹⁾

A Sociolinguística Quantitativa

Numa reação à postura da Gramática Gerativa Transformacional, que põe de parte o componente social, Willian Labov insiste na relação entre língua e sociedade, bem como na possibilidade, virtual ou real, de sistematizar a regularidade da variação própria da língua falada. Surge, daí, um novo modelo-teórico de análise da língua - a sociolinguística quantitativa ou sociolinguística de orientação laboviana. Uma das premissas desse modelo é que não há necessidade de entrevistar grande parte ou a maioria dos falantes de um grupo para se obter um quadro representativo da situação linguística da comunidade em questão. Basta que cada célula social da pesquisa seja formada por cinco informantes, e, que cada um deles produza cinco ou dez ocorrências da variável em estudo. (Ver, a propósito, Labov, 1972 [19] * e Tarallo, 1985 [29] .

O sucesso da pesquisa sociolinguística está ligado à organização dos passos que o investigador deve obedecer. O primeiro deles é o levantamento dos condicionamentos linguísticos que possam ser realmente relevantes no uso da variável a ser estudada. Só de posse dessa informação é possível passar à segunda etapa, ou seja, aventar hipóteses, que, uma vez testadas possibilitarão que o pesquisador encaixe a variável no sistema

* As referências bibliográficas completas das obras indicadas entre colchetes serão encontradas na bibliografia, às páginas 122 e 123.

lingüístico. O enquadramento da variável no sistema pode considerar, entre outros, os fatores sociais sexo, faixa etária, classe social e as diferentes situações em que se dão o evento da fala. O terceiro passo da pesquisa é a avaliação da variável obtida por testes específicos com o objetivo de comparar as reações subjetivas do falante quanto à variável e as formas efetivamente usadas por ele na entrevista. E, finalmente, o pesquisador deve procurar o caminho percorrido pela variável a partir de um estágio anterior.

Conclui-se, então, que a sociolinguística trabalha sempre a partir de um **corpus** e que defende a linguagem como sendo, geralmente, todo o comportamento social da ocasião.

O objetivo deste trabalho

Neste trabalho o objetivo da autora é uma pesquisa sociolinguística que delinieie, com a maior fidelidade possível, o quadro sincrônico do sistema de tratamento oral urbano do dialeto de Curitiba. Para tanto, serão objeto de estudo apenas os pronomes de tratamento-sujeito de segunda pessoa em situações de interação face-a-face. Ficam excluídas, portanto, as formas protocolares de tratamento.

Hipóteses

a. O sistema de tratamento de Curitiba não pode ser ca-

racterizado como bipolarizado, apresentando apenas as formas **você** - para situações de familiaridade e **senhor**, para tratamento cerimonioso.

b. A escolha pela forma **você** ou **senhor** é determinada por fatores sociais como idade, sexo e padrão social aparente dos membros da díade conversacional.

Abrangência do trabalho

Este trabalho é composto de seis capítulos. O primeiro deles é formado por uma discussão teórica sobre o tema e apresenta o estágio atual de sistema de tratamento em algumas línguas, inclusive na portuguesa do Brasil. O segundo capítulo é a descrição da metodologia usada na pesquisa de campo e análise dos dados. O material coletado no campo é analisado quantitativamente no terceiro capítulo e apresentado e interpretado no quarto. No quinto capítulo são retomadas as informações do primeiro objetivando uma rápida análise comparativa de diversos sistemas de tratamento com o do dialeto curitibano. A dissertação é concluída no sexto capítulo, que é encerrado com a autocrítica e sugestão de tópicos da pesquisa que merecem ser retomados em estudos posteriores.

Notas

1. PRIDE, J. B., Sociolingüística. In Lyons, John.
(1976: 277-290) [20]

CAPÍTULO I

O ESTADO DA QUESTÃO

Nunca será demasiado insistir que não basta ensinar às pessoas falar uma determinada língua; mas é preciso ensiná-lhes usar expressões gramaticalmente aceitáveis em situações socialmente oportunas. É reiterar a idéia de que é ilusório o estudo da palavra desvinculada de seus prováveis contextos de realização. Com efeito, a palavra é, por definição, polissêmica. Nela estabelecem-se valores sociais contraditórios, reflexos de conflitos e desencontros sociais, daí seu valor estar na proposição ou no conjunto de proposições formado segundo regras não só lingüísticas mas também de interação social, já consolidadas de cada ambiente sócio-cultural. Vale aqui a observação de M. Pêcheux a propósito do discurso político: "a palavra muda de sentido segundo as posições (políticas e sociais) daqueles que a empregam".

Visto por esse prisma, o estudo da palavra nos leva a concluir que o domínio das regras de quem diz, o que, a quem,

onde e como, é a garantia da boa interação do indivíduo na sociedade na qual ele vive e atua. Nessa interação indivíduo/sociedade, as convenções sócio-lingüísticas determinantes da escolha da **forma de tratamento** adquirem extrema importância, porque sobre ela recaem juízos e valores sociais denotadores da estratificação de toda uma sociedade e do grau de formalidade em que se toma a situação.

Da escolha da **forma de tratamento**, Lyons (1982:289) [22] diz com probidade que "a questão geral está clara: o significado social e expressivo de **T** e **V**,⁽¹⁾ é obviamente dependente da cultura; é um caso de conhecimento socialmente adquirido. E o conhecimento é prático e não baseado em proposições: situa-se dentro do escopo do conhecimento social.

Assim sendo, não há novidade em dizer que a escolha da forma de tratamento é determinada pelas relações sociais que, dependendo do grau de formalidade em que elas se estabelecem, conferem direitos e obrigações quanto ao uso dessa ou daquela forma. Conclui-se, então, que o direito ou obrigação de usar determinado **tratamento** é produto do reconhecimento do valor do próprio **status**, em relação ao valor do **status** do interlocutor. Por isso, quando o objetivo é estudar a relação locutor-tratamento-interlocutor, a primeira exigência que se apresenta é de esclarecer, ainda que **grosso modo**, tanto a diferença quanto a relação estreita que há entre **pessoa, papel e símbolo sociais**. Pessoa é o ser composto da combinação de vários papéis que lhe são socialmente atribuídos; papel social é o padrão de conduta esperado de um indivíduo de determinada posição na estrutura

social e, símbolo é um elemento de valor e significado socialmente convencionados capaz de provocar em várias pessoas a mesma reação. (Gerth e Millo, 1973:293-325) [13]

Essa divisão, na verdade, só existe para fins de didatização. O exercício de determinado papel pode fazer de qualquer pessoa em determinada situação um símbolo, isto é, um estereótipo do grupo social por ela representado naquele momento.

Para se ter o indivíduo-símbolo de um grupo social, é preciso formar a imagem que seria a melhor representante desse grupo. Isto se faz mediante a seleção de alguns traços supostos, porém acreditados como verdadeiros, obtendo-se uma imagem estereotipada, formada pelo acúmulo de tipos semelhantes e pela omissão de tipos diferentes. Assim, quando a intenção é desmoralizar um grupo religioso, político ou étnico, elege-se como representante dessa comunidade um indivíduo de comportamento desabonador e constrói-se a partir das atitudes desse elemento a imagem do grupo. Por exemplo, um jornal emprega a palavra **negro** toda vez que uma pessoa de raça negra comete uma transgressão, porém evita mencionar esse símbolo, quando um negro pratica um ato merecedor de elogio e respeito. O estereótipo do **negro** constrói-se, então, através da somatória de incidentes aos quais o símbolo está associado. Para um habitante da Índia do século XIX, o estereótipo do **inglês** era um homem irado, ligado por laços indestrutíveis a navios de guerra, tropas e chicote, um bárbaro consumidor de carne que ingeria bebidas alcoólicas em celebrações religiosas supremas, como a eucaristia. Porém, para os ingleses, o **inglês** era apre-

sentado como um cavalheiro rechonchudo cercado de nativos traiçoeiros ou como a síntese de pequenos comerciantes que tentavam progredir honestamente. Gerth e Millo, 1973:316) [13]

As noções de estereótipos e papel social são da maior importância para se entender o uso das formas de tratamento na relação social estabelecida entre locutor e interlocutor. Este é sempre uma imagem estereotipada, é o indivíduo que, no exercício de determinado papel, representa grupos socialmente iguais, inferiores ou superiores e merecedores, portanto, de atitudes capazes de denotar os mais diferentes graus de respeito ou de desprezo do locutor.

De um modo geral, os papéis sociais permitem diferentes graus de liberdade quanto à interpretação que o falante possa fazer. Mas sempre há regras sociais, manifestas ou tácitas para governar a escolha por determinada forma de tratamento, e há também a expectativa do interlocutor, a qual merece ser levada em consideração. No entanto, entre as regras sociais e a expectativa do interlocutor, há um espaço difícil de ser preenchido, porque, com o seu enunciado de maior ou menor formalidade, um indivíduo se define em relação ao outro. E sempre que o tratamento dado não corresponde à expectativa do interlocutor, cria-se um clima de estranheza entre os falantes, o que pode comprometer toda relação locutor/interlocutor. Também não se pode esquecer que as formas de tratamento são um componente de todo um sistema de comunicação cuja eficiência depende de convenções, e é preciso que essas convenções sejam não só conhecidas como respeitadas pela sociedade. Enfim, a escolha da forma com que abordar o interlocutor deve ser produto da si-

tuação social imediata em que se desenvolve a interação locutor/interlocutor.

1.1. O Tratamento na literatura lingüística do Brasil

Toda literatura lingüística que se propõe trabalhar o sistema de tratamento no português do Brasil, resume-o a **pro nomes de tratamento**, dando um enfoque ora prescritivo, ora descritivo, mas sempre a partir da dicotomia cerimônia/intimidade, na aparente crença de que o falante tenha, necessariamente, de optar entre as extremas situações de descontração e deferência.

Não é difícil perceber que esta não é uma premissa feliz. Há situações em que o tratamento igualitário **você/tu** se torna indevido pela carga de afetividade que pode transmitir ao interlocutor, mas **senhor** também, às vezes, se torna igualmente inadequado pelo formalismo contido no termo.

Mas, se por um lado, em determinadas situações tanto **você/tu** como **senhor** são palavras semanticamente plenas a ponto de dificultar a escolha do falante, por outro, muitas vezes elas parecem perder seu conteúdo de tal maneira que obriga o falante ratificar o **tratamento** em todo o enunciado, reforçando, por exemplo, **senhor** (forma de cerimônia), com **por favor** (forma de polidez) e outros minimizadores sintáticos, como atos de fala indiretos, para dar tratamento respeitoso, como em "Professor, o senhor, por favor, repetiria"...

Em situações concretas de escolha de pronome de tratamento - sujeito de segunda pessoa, o falante muitas vezes se vê num impasse por não encontrar nem em **você/tu**, nem em **senhor** a tradução da sua necessidade do momento, pois:

VOCE: tanto serve como marcador de solidadriedade e afeto quando usado por pessoas do mesmo grupo social em situações amistosas de comunicação, como pode ser marca de ironia ou agressividade, dependendo da entonação com que é pronunciado, do ambiente em que ocorra e da relação de maior ou menor formalismo estabelecido entre locutor e interlocutor. Quando empregado por falante de classe socialmente prestigiada ao se dirigir a um interlocutor de classe marginalizada, pode, ainda, ser manifestação de pseudo-solidariedade, uma maneira de se apoderar do discurso de outro grupo com pretexto humanitário.

SENHOR: serve, em algumas situações, como forma cerimoniosa, de respeito, de fato; em outras, seu emprego manifesta ironia, exarcebação do poder, desejo de tornar maior a distância locutor-interlocutor.

Mas, se é difícil dizer **senhor** e dar formalismo indevido à situação, também é difícil dizer **você** e insinuar maior proximidade e descontração do que a relação permite. Esses constrangimentos criados pela carga semântica das suas formas, podem desmotivar o cumprimento da função primordial do tratamento - **expressar a idéia ou o sentimento do emissor em relação ao seu interlocutor**.

É preciso, portanto, considerar que se por um lado es-

sas formas são marcadas, **você** - familiaridade, **senhor** - cerimônia, por outro, não se pode esquecer a ambigüidade da qual elas são portadoras e que as torna incapazes de traduzir a verdadeira posição do locutor em relação ao seu interlocutor. Daí a qualidade de cerimônia ou familiaridade só ser realmente dada pelo contexto no qual elas se realizam e contexto, se é lingüístico, também é social e determinado pelo tipo de comportamento esperado na situação em que acontece o discurso. Vale lembrar que em muitas situações mesmo na intimidade da família, a abordagem aos pais, tios, avós, enfim às pessoas mais idosas, é feita com o pronome de cerimônia - **senhor**, - ao passo que com pessoas estranhas, mesmo num primeiro contato, não raro é usado o pronome de intimidade - **você**.

1.2. A apresentação tradicional do tratamento

Para Celso Cunha (1980:292)^[9], no português europeu, a forma pronominal **tu** é de emprego geral. No português do Brasil, o seu uso restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território nacional foi ela substituída por **você**. Pode-se mesmo dizer que para a imensa maioria dos brasileiros só há dois tratamentos de segunda pessoa realmente vivos: **você**, como forma de intimidade; **o senhor, a senhora**, como forma de respeito ou cortesia. Neste caso, se se trata de moça solteira, usa-se a forma **senhorita**.

Segundo Vázquez Cuesta e Mendez da Luz (1971:488)^[31], no Brasil os tratamentos estão mais simplificados que em Portugal, podendo dizer-se que se reduzem, como em espanhol, a dois: um de intimidade - **você**, cujo uso é quase equivalente ao do "tu" espanhol e outro de cortesia - **o senhor, a senhora** -, que equivale a "usted".

↙ Também para Evanildo Bechara (1983:96)^[1], são pronomes de tratamento de segunda pessoa:

você, vocês - tratamento familiar;

o senhor, a senhora - tratamento cerimonioso.

1.3. O Tratamento, uma abordagem teórica

Quase toda se não toda pesquisa lingüística sobre **forma de tratamento** feita a partir de 1964 teve como diretriz o artigo "The Pronouns of Power and Solidarity", de autoria dos sociolingüistas norte-americanos Roger Brown e Albert Gilman.⁽²⁾ A importância que a comunidade de pesquisadores da sociolingüística atribui a esse trabalho, faz dele leitura obrigatória. É nele que sociolingüistas e etnógrafos da fala buscam fundamentação teórica, quando trabalhando o mesmo tema. Para Biderman (1972-1973),^[2] tal trabalho "constitui um marco da sociolingüística norte-americana". Além dela e entre outros lingüistas, John Jensen (1981)^[16] entende como fundamental a contribuição daqueles autores que, a seu ver, introduziram todo um gênero de estudos na sociolingüística. Dessas opiniões partilha Oliveria e Silva (1982),^[26] que considera Brown e

Gilman como "pioneiros quer pela cuidadosa metodologia (foram os primeiros a se utilizarem de questionários para estudar o assunto) quer pelo enfoque criado por eles e seguido praticamente por todos os autores subseqüentes". Dada a relevância desse trabalho no estudo das formas de tratamento, torna-se indispensável colocar aqui suas principais proposições.

1.3.1. As proposições de Roger Brown e Albert Gilman

Roger Brown e Albert Gilman estudaram os pronomes de tratamento em algumas línguas européias, entre elas: a francesa, a italiana, a inglesa, a espanhola e a alemã, além de outras línguas da Europa, África e Índia. Para esse trabalho os autores se valeram tanto de pesquisa de campo feita através de questionários, quanto de literatura lingüística genérica como Baugh, 1905; Diez, 1874; Grim, 1822-1837; Jespersen, 1905 e Meyer - Lübke, 1900, autores cujo tema central era a evolução fonética. Também analisaram dissertações e teses de doutoramento centradas na descrição de semântica pronominal de algumas línguas, como trabalhos de Gedika, 1974; Grand, 1930; - Johnston, 1904 e Schliebitz, 1886. Ainda estudaram documentos legais como, por exemplo, Jardine, 1832-1835 e cartas Devereux, 1853; Harrison, 1935.

Da análise desse material, os autores de "The pronouns of power and solidarity" concluíram que à medida em que as sociedades fechadas do passado foram se transformando nas sociedades democráticas do presente, as formas cerimoniais de

tratamento foram cedendo lugar às não-cerimoniosas. Uma evolução que vem se consolidando aos poucos como consequência da nova ideologia permeadora das sociedades modernas - a **ideologia da solidariedade**. À relação estabelecida entre os pronomes de tratamento e a ideologia que condiciona a sua realização, dá-se o nome de **semântica do tratamento**.

Um estudo histórico da semântica do tratamento pode esclarecer algumas correspondências sociais e psicológicas entre as formas de tratamento e o seu contexto determinante.

Na maioria das línguas européias, mas não na inglesa, faz-se uma distinção entre o que é convencionalmente chamado de pronomes de tratamentos polidos e familiares. A origem dessa dicotomia está no latim do período final do Império Romano, o qual após ter sido dividido em duas partes passou a ter dois imperadores, um que imperava na parte ocidental e era radicado em Roma e outro que, de Constantinopla, governava a parte oriental. Então, as palavras dirigidas a um dos governantes era, por implicação, dirigidas aos dois, já que Império buscava a preservação da sua unidade no equilíbrio de forças da administração. Tal fato levou Diocleciano a introduzir como estratégia na abordagem do imperador o artifício de que as pessoas ao interpelarem a qualquer um deles usassem a forma plural **vos**, pois elas estariam na verdade, falando a ambos. Também era verdadeiro que o falante comum quando podia se dirigir ao imperador estava falando com alguém que detinha o poder e, por isso, ao longo do tempo, a forma **vos** foi se tornando símbolo de deferência. Por extensão, a reciprocidade de uso de **vos**, foi tomada como igualdade entre os socialmente po-

derosos. Mas se o imperador e os poderosos recebiam e trocavam entre si o tratamento **vos**, esses ao se dirigirem aos seus subalternos ou aos socialmente inferiores, abordavam com o pronome **tu**. Daí a forma **tu** ter sido mantida, por longo tempo, como pronome empregado de falante socialmente superior ao inferior ou como forma solidária restrita a grupos de classes sociais baixas. Extraídas das formas **tu** e **vos**, Brown e Gilman convencionaram o uso das abreviaturas T e V para nomear os pronomes de solidariedade e familiaridade, T; de poder e cerimônia, V.

Sempre que uma das pessoas envolvidas na situação conversacional detiver maior prestígio em alguma área de comportamento ou atividade, a relação entre esses indivíduos será caracterizada como assimétrica e de poder. Vários elementos alicerçam esse tipo de relação: maior força física, maior poderio econômico, idade mais avançada, sexo diferente, papel institucionalizado da igreja, do estado, do exército ou da família. Da relação de poder, a qual determina tratamento cerimonioso e não-recíproco, são exemplos a Europa Medieval em que a nobreza dizia T aos não-nobres e recebia V; a literatura italiana do século XV, na qual os cristãos davam T aos turcos e judeus e recebiam V (Grande, 1930); ainda a Itália do século XV, onde os penitentes abordavam o padre com V e eram tratados por T; também as peças de Corneille, Racine e Shakespeare, em que os nobres dizem T aos subalternos e recebem V.

A experiência de emprego de tratamento cerimonioso e não-recíproco de um falante remonta à sua infância e às si-

tuações de subordinação aos pais e torna-se, com o passar dos anos, prática que se incorpora à rotina das relações como as que se estabelecem, por exemplo, entre soldado e oficial, empregado e empregador, falante jovem e falante idoso. Para Freud, nas relações sociais da vida adulta, o indivíduo resgata e revive as emoções da infância, reproduzindo o seu protótipo familiar. Segundo essa orientação, na história pessoal de cada homem, os pais são os primeiros receptores do tratamento cerimonioso e não-recíproco. Esse tratamento dado de falante socialmente inferior ao superior é determinado pela **semântica do poder**.

Enquanto o emprego do pronome esteve confinado a esses contextos, ou seja, V para interlocutores socialmente superiores e de cerimônia e T para indivíduos socialmente inferiores ou entre grupos de padrão social baixo, a semântica bi-dimensional do tratamento esteve garantida. Porém, em algum estágio da história dos sistemas de tratamento, um outro fator começou a interferir na escolha do usuário desse sistema, pois ao mesmo tempo em que os falantes que apresentavam assimetria social entre si empregavam pronomes não-recíprocos, os indivíduos do mesmo **status** introduziram o uso alternado de T e V no seu grupo. Tal comportamento, a princípio próprio das classes sociais altas e posteriormente imitadas por falantes de classes sociais baixas, gerou conflitos na escolha de com que forma abordar o interlocutor, fazendo com que as semânticas norteadoras do uso de tratamento passassem por diferentes estágios, sendo que:

1º Estágio: T era forma para interlocutor singular e V para plural.

2º estágio: introdução do fator poder não-recíproco.

3º estágio: introdução de um novo fator, **solidariedade**, geração de conflito.

4º estágio: resolução do conflito a favor da **solidariedade**.

Se no século XIX, a semântica do poder predominava e garçons, soldados comuns e empregados recebiam T como tratamento, ao contrário dos pais e irmãos mais velhos que eram alocucionados por V, é prática atual reinterpretar os atributos da relação de poder da seguinte forma: **mesma família que, com a mesma renda de, o mesmo tipo de ancestral que**. Da pertinência ou não do falante a esses novos grupos, depende o emprego de T ou V. Se os membros da díade são elementos de um mesmo grupo, há maior possibilidade de emprego de T que, cada vez mais, substitui V, já que o pronome de solidariedade vem se tornando forma passível de ser endereçada a toda pessoa alocucionada.

Ao contrário da relação de poder que é condicionada por diferenças sociais, a de solidariedade o é por semelhanças, como classes ocupacionais merecedoras do mesmo prestígio social, proximidade etária, posições semelhantes na hierar-

quia de trabalho, mesmos sexos e raças. Esses elementos que aproximam os indivíduos são os fundamentos da semântica da solidariedade, a qual tem entre suas maiores características a identidade de pensamento, afinidade de comportamento, de filiação política e religiosa.

Embora as línguas tenham resolvido o conflito da escolha, T : V, optando pela abordagem solidária, mantém-se, ainda hoje, um residual da semântica do poder. O direito de sugerir quem introduz o T mútuo na relação é do falante que detém alguma forma de poder. Assim, o reconhecimento, a permissão e a sugestão de emprego da forma solidária são dados do rico para o pobre, do mais velho para o mais jovem, do empregador para o empregado, do nobre para o plebeu e da mulher para o homem.

Pode-se acreditar que o desenvolvimento das sociedades de ideologia igualitária agiu contra a semântica do poder não-recíproco e a favor da solidariedade. Mas deve-se considerar também que há uma gama de expressões de subordinação, autoritarismo e servilismo que traduzem a carga semântica do pronome de poder, dispensando, então, o seu emprego. Nos Estados Unidos, não há pronomes diferentes para o tratamento diferenciado entre negros e brancos, mas há formas de alocação não-recíproca. Um indivíduo branco dirige-se a um negro abordando-o pelo primeiro nome, mas com a expectativa de ser tratado por Mister ...

Enfim, nas relações sociais de poder ou de solidariedade estão as origens da semântica norteadora do uso das formas

de tratamento e essas, por serem atreladas à realidade social, devem traduzir o tipo de relação que matêm entre si emissor e destinatário, se de poder ou de solidariedade.

À relação social assimétrica - relação em que um dos indivíduos detêm o poder e é, por isso, socialmente mais valorizado - corresponde, necessariamente, uma assimetria de tratamento. Por conseguinte, pode-se afirmar que o uso não-recíproco da forma de tratamento é evidência do reconhecimento da diferença de **status** entre os interlocutores. A assimetria de tratamento reflete, pois, a assimetria social.

1.3.2. Dois trabalhos feitos à luz das proposições de Brown e Gilman.

Em 1961, o próprio Brown se dá conta de que a metodologia empregada na Europa não se presta a pesquisa de **tratamento** nos Estados Unidos, onde, em co-autoria com Ford, estuda a combinação dos títulos, nomes e sobrenomes, tendo como variável a diferença de idade, a hierarquia de trabalho e a intimidade entre os membros da díade. Esse trabalho, feito com funcionários de uma empresa de Boston, não traz explicações detalhadas sobre os critérios do falante na escolha T : V, mas conclui que é a pessoa de **status** superior que inicia a mudança do pronome de poder para o de solidariedade e que, com certeza, essa mudança pode acontecer com bastante rapidez.

Lambert (1967) se valeu da metodologia de Brown e Gil-

man para estudar principalmente os conceitos de simetria e de semântica do poder no sistema de tratamento do Canadá de expressão francesa. Concluiu que há mais assimetria na relação pai/filho que na avô/neto.

1.3.3. Sobre "The Pronouns of Power and Solidarity"

Da sua leitura de "The pronouns of power and solidarity", Lyons (1982: 288) conclui que: "a respeito da mudança gradual de poder para a solidariedade, como fator dominante na mudança que ocorreu no uso T : V nas línguas européias nos últimos cem anos mais ou menos, **são de natureza estatística**. Não se trata certamente de poder prever com precisão se duas pessoas usarão T ou V em dada situação com base exclusiva em informação sobre sua classe social, idade, sexo e tendências políticas, etc. Além disso, existem diferenças dentro do que constitui grupos sociais comparáveis em diferentes países da Europa, com relação à liberdade com a qual T é utilizada".

Mas é preciso dizer também que a grande contribuição de "The pronouns of power and solidarity" é prover a pesquisa sociolinguística de diretriz para o estudo de mudança do uso do pronome de tratamento a partir das mudanças sociais, ou seja, é da maior importância a afirmação de que o uso do **tratamento** muda como consequência natural das transformações sofridas pela sociedade.

1.4. O tratamento no mundo de fala ocidental

É norma no padrão ocidental que o sistema pronominal de tratamento se apresente como um sistema fechado com duas ou três opções de abordagem de segunda pessoa. Um estudo diacrônico nos revela que essa é uma característica que remonta à língua latina. Nela, só havia dois pronomes de tratamento: **tu** para interlocutor singular e **vos** para interlocutor plural. Com a evolução, o que veio a diferenciar o tratamento do latim do das línguas européias modernas que o sucederam - neolatinas ou não - é o fato de naquele o pronome não corresponder a diferentes graus de hierarquia social e sim ao número de interlocutores em questão, enquanto nestas as situações e relações sociais têm uma forma própria de expressão: situação formal - tratamento V; situação informal - tratamento T. Tome-se, por exemplo, os tratamentos familiar e formal em:

	Familiar	Formal
francês	tu	vous
espanhol	tu/vos	usted
italiano	tu	Lei/Voi
português	tu/você	senhor
alemão	du	Sie
norueguês	du	De
grego	esi	esis
russo	ty	vy

Em toda história da língua francesa, tem-se um sistema de tratamento sempre muito simples. Na época da corte, as op-

ções para se dirigir ao rei eram **Sire, Majesté, Votre Majesté** e **Monseigneur**, seguidos de **vous**. Excetuando esse período, desde sempre e a despeito de o Governo da Revolução Francesa ter procurado, por força de decreto, impor o uso de **tu** como forma universal, os pronomes de abordagem de segunda pessoa são: **tu** - empregado entre iguais ou como marca de emoção e **vous** - forma cerimoniosa. Na função de vocativo ou como elemento componente do pronome - sujeito quando na sua forma nominal são empregados **Monsieur, Madame** e **Mademoiselle**.

Numa descrição do sistema de tratamento do litoral fluvial argentino, mais precisamente na cidade de Rosário, Boretti de Macchia (1977) ^[4] diz ter constatado a expansão do uso da forma solidária **vos**. Com isso, o emprego do cerimonioso **usted** torna-se assegurado apenas nas classes socialmente baixas ou em situações de extrema formalidade ou como marcador de distância entre os interlocutores.

Embora não haja do ponto de vista da norma obrigatoriedade de uso do pronome-sujeito, ele está sempre presente na frase quando se busca:

- a - realçar a presença do sujeito;
- b - contrastar o sujeito com os outros constituintes frasais;
- c - evidenciar a função apelativa do sujeito.

Em todos esses casos, o pronome tem função enfática e muitas vezes se faz acompanhar de elementos que o reforçam semanticamente, como o termo **mismo** em **usted mismo**.

Boretti de Macchia acredita que a presença de **usted** no

discurso não se deva somente à necessidade de enfatizar o tratamento, como também à possibilidade de desmanchar prováveis ambigüidades.

A escola novaiorquina impõe a forma **usted**. Esta é a conclusão a que chegou Gary Keller,^[17] quando da sua pesquisa sobre o uso de **tu/usted** em falantes nativos de língua espanhola, de classe social média baixa, oriundos de Porto Rico e República Dominicana, vivendo em New York e na cidade do México desde no mínimo três anos. Os resultados dessa pesquisa apontam o ambiente da escola elementar como fator essencial na padronização de uso de **usted**, considerando que uma criança que participe de programas monolíngüe em inglês, usa normalmente **tu**, e muito raramente **usted**; mas se a escola adota um programa bilíngüe - inglês, espanhol, a criança fatalmente dirá **usted** não só aos seus professores como a todos os adultos.

É especialmente interessante nessa comunidade analisada, o emprego do tratamento em família. O pai se dirige cerimoniosamente à filha, tratando-a por **usted**, em oposição ao tratamento igualitário dado ao filho - **tu**, reflexo, provavelmente, da distância heterossexual no núcleo familiar.

Embora algumas pesquisas mostrem no mundo hispânico o tratamento evoluindo em direção ao T mútuo, Gary Keller chama atenção para o fato de imigrantes de fala espanhola residindo em New York e Cidade do México não usarem T mútuo entre estranhos. Uma adolescente, por exemplo, devendo se dirigir a um estranho, usa invariavelmente a forma **usted** e sua expectativa é de também receber **usted**, como tratamento.

Essa comunidade vê nos falantes jovens o uso não recíproco de **usted** (ou seja, tratar o interlocutor por **usted** e receber **tu**) como índice de maturidade associado a aspectos comportamentais reveladores de responsabilidade, deferência e consciência do decoro social. Nela, um indivíduo só pode deixar de dizer **usted** quando receber como sinal de autorização social para tanto, permissão para participar efetivamente da sociedade adulta, isto é, quanto passa a ser aceito no meio social dos adultos e é tratado como tal. A partir de então, a obrigatoriedade de tratamento cerimonioso deixa de existir, e a forma **usted** só é empregada para interlocutor substancialmente superior na escala social.

Na língua espanhola falada tanto na América do Sul quanto na América Central, não há obrigatoriedade da expressão constante do pronome-sujeito; a forma de tratamento é também veiculada apenas pela flexão verbal. Pode-se, por exemplo, dizer **vas/va** mantendo no enunciado a mesma gramaticalidade e inteligibilidade de um pronome sujeito-expresso.

O tratamento de língua portuguesa.

A. Português Europeu.

Numa clara oposição às outras línguas européias modernas que recortam com dois ou apenas um pronome (como a língua inglesa com o seu universal - you) as situações de interação social, a língua portuguesa de Portugal apresenta como tripartido o seu sistema de tratamento. Nele, segundo Cintra (1972:

14-15) [8] pode-se distinguir:

- a - forma própria de intimidade - **tu**;
- b - forma usada no tratamento de igual para igual (ou de superior para inferior) e que não implica intimidade - **você**;
- c - formas chamadas "de reverência" - "de cortesia" - por sua vez repartidas por uma série muito variada de níveis, correspondentes a distâncias diversas entre os interlocutores - V. Ex^a, o senhor Dr., o Antônio, a Maria, o Sr. Antônio, a Sr^a Maria, a D. Maria, etc.

Essas formas são classificadas em diferentes tipos de tratamento: as formas de intimidade (tu) e de tratamento de igual para igual (você) são **tratamentos do tipo pronominal**; as de reverência, **nominal** e há ainda o **tratamento do tipo verbal**, isto é, a possibilidade de interpelar o interlocutor usando apenas a desinência do verbo: *queres?*, *quer?*, *querem?* ↙

O pronome **tu** pouco sai do círculo familiar, e mesmo nele, é empregado entre pessoas da mesma idade ou por indivíduos mais velhos na abordagem dos mais novos. É tratamento não-recíproco de pai para filho, de tio para sobrinho, de patrão para empregado ... A forma **você**, ganhando novos adeptos a cada dia, é usada como intermediária entre os pronomes de intimidade e cerimônia, embora em alguns pontos mais arcaizantes do país, onde a norma é o antigo **vossemecê** para as pessoas a quem se deve um pouco de respeito, **você** seja considerado tratamento depreciativo. (Vázquez Cuesta & Mendes Luz, 1971: 482) [31]

Para a literatura lingüística, a característica maior do sistema de tratamento no português europeu é o **tratamento nominal seguido da terceira pessoa do verbo**. É, pois, mais freqüente e de maior prestígio a forma **o pai está zangado?** que **o senhor está zangado?** Esse tipo de tratamento, o nominal, que é sem dúvida forma de reverência, apresenta uma certa riqueza nas suas possibilidades de combinação de nomes com títulos - fato que lhe permite traduzir, **grosso modo**, alguns níveis de formalidade da situação social em que ocorre a interação verbal. Assim, quando não se conhece o título acadêmico ou profissional do interlocutor, ou no caso de ele não o possuir, antepõe-se ao nome a forma **senhor(a)**. Caso se conheça o título, ele deve ser mencionado antecedendo o nome e, em situações mais formais, usa-se **senhor(a)** seguido do título, como em **o Senhor Engenheiro**. De todas as formas cerimoniais, a que traz maior carga de formalidade é **Vossa Excelência** e seu contexto de realização é claramente delimitado, sendo condicionado por quatro fatores:

- a - é tratamento dado a indivíduo que ocupe posição de destaque na hierarquia social mas sem titulação acadêmica, profissional ou de nobreza;
- b - quando se ignora o título do interlocutor;
- c - para realçar a cerimônia do tratamento dada pelo título acadêmico, profissional ou de nobreza - "Como está Vossa Excelência, Senhor Ministro?";
- d - acompanhando a forma **senhora**.

Para Silva-Brummel [27] - num artigo em que não consta a data, mas com referência a Cintra, e portanto posterior a 1972 - atualmente, os portugueses estão passando "por um saudável esquecimento das formas muito cerimoniais e uma insegurança no uso daquelas que, antigamente, encontravam-se no nível bem definido entre tratamento de intimidade (tu) e de reverência (Vossa Excelência)". Entretanto, mesmo ocorrendo um certo "esquecimento" das formas muito cerimoniais e insegurança no uso das intermediárias, é importante ressaltar que, em Portugal, o tratamento de situações de intimidade não é usado quando os membros da diáde são apenas conhecidos, e que são de extrema relevância os fatores sociais sexo, idade e posição social e profissional do interlocutor. Aí se faz de maneira muito marcada a distinção de com que formas devem ser tratados os amigos, os apenas conhecidos, os desconhecidos e os adultos, por um lado, e as crianças por outro.

A propósito da complexidade desse sistema de tratamento, encontra-se em Cintra (1972: 8) o seguinte depoimento de Peter Fryer e Patrícia McGowan Pinheiro:

À parte as dificuldades de pronúncia, dois obstáculos principais para o principiante (na aprendizagem do português) são a gramática complexa, especialmente no que se refere aos verbos, e a **forma de tratamento antiquada, quase oriental**. A primeira coisa que se deseja fazer com uma língua é falar com as pessoas. **"Mas, em Portugal, uma pessoa está sujeita a ser interpelada de quatro, ou mesmo cinco modos diferentes e a cada um desses modos está associado um grau diverso de intimidade ou de respeito, cada um deles fixa firmemente o tipo de relação entre a pessoa interpelada e a pessoa que se lhe dirige"**.

Esse depoimento suscita questões que merecem ser elucidadas. A primeira, o fato de considerar o tratamento português como forma antiquada, **quase oriental**. Da forma antiquada, são da maior relevância os posicionamentos de Harri Meier e Silva - Brummel que, embora com mais de vinte anos de diferença entre si, não apresenta visões diferentes do fato. Cintra (1972: 9) [8], em referência ao trabalho de Meier (1951), diz que esse ao concluir uma completa e sólida descrição da "sintaxe do tratamento" em português, não deixara de reconhecer a íntima relação entre a complexa estratificação do **sistema português de tratamento** e a **surpreendente expansão e persistência em Portugal de um modo de conceber a sociedade, próprio, noutros países, de um número restrito de instituições extremamente tradicionalistas e muitas vezes fossilizadas** (v.g. Academias ou o Exército)". Recentemente, Silva - Brummel diz que **nem mesmo a mudança política - e até certo ponto social - originada pelo 25 de abril de 1974 alterou o sistema de formas de tratamento do português europeu.**

Ora, é bem conhecido o fato de a sociedade portuguesa ser uma sociedade conservadora, fechada, quase à margem dos padrões de comportamento e idéias próprias do mundo moderno. Nela, os direitos e os deveres do cidadão são adquiridos - basicamente - por nascimento e fixos numa escala social mais ou menos imutável. Portanto, é de toda evidência que o tratamento, na sua função maior que é a de refletir as relações sociais, não se apresenta como sistema em evolução, isto é, as mudanças político-sociais, eventualmente ocorridas, não são sentidas como significativas, daí não produzirem novas alte-

rações lingüísticas de tratamento.

Quanto a ser o tratamento português **quase oriental**, não se pode deixar de considerar a diferença com que são concebidas a estratificação social e visão de mundo nas sociedades orientais e na portuguesa, bem como seus reflexos nas interações sociais e, por conseguinte, no **tratamento**.

B. O Português angolano.

Questionando-se sobre as transformações políticas e sociais sofridas pela sociedade angolana durante os treze anos de luta que culminaram com sua independência política de Portugal a 25 de abril de 1974, Silva - Brummel [28] coloca a seguinte questão: "será que essa revolução político-social encontrou já a sua definitiva expressão lingüística nas formas de tratamento? ou seja: até que ponto elas se afastaram já do sistema de tratamento do português europeu, acusando, portanto, uma nova forma de estar em família e sociedade?" Para responder essa questão, a lingüista colocou lado-a-lado os dois sistemas e estabeleceu suas diferenças. É dela o estudo que se segue.

Por longo período, diante da necessidade de interpe-
lar um interlocutor, o falante angolano se valia do esquema-
tipo do português de Portugal: artigo definido + substanti-
vo + verbo (3a. pessoa singular/plural). Tal como na norma
européia, na angolana, o substantivo tem um significado geral
(senhor/senhora/menino/menina); indica o grau de parentesco
(avô, tio, padrinho, comadre); é o nome próprio ou apelido do
interlocutor, precedido do artigo definido e do substantivo

senhor; e um título profissional ou hierárquico (mestre, comadre, comissário). Mas atualmente, em Angola, estão sendo desenvolvidas formas totalmente diferentes das formas portuguesas de tratamento. Concorrendo com a possibilidade oferecida pelo português europeu, no português angolano o **artigo definido começa a ser suprimido**, principalmente na língua oral; nela, já não é tão freqüente ouvir: "O avô trabalha na terra por quê?" mas sim "Avô trabalha na terra por quê?" Além da supressão do artigo definido, duas formas completamente desconhecidas em Portugal estão se firmando em Angola. A primeira é a interpelação formada por **artigo definido + substantivo + verbo na segunda pessoa do singular**, como em: "O menino foste no branco sô Souto, foste?"; e a segunda **o emprego predominante de você acompanhado ora pela segunda, ora pela terceira pessoa do singular do verbo**, por exemplo, se "você quer", "você vai", "você dizes".

Em contrapartida, atualmente, "no singular, o português angolano não conhece a forma de tratamento típica do português europeu formada pelo artigo definido + nome próprio/apelido do interlocutor + verbo (tipo: "O Antônio/ O Silva vai ao cinema?") e, no plural, a forma de tratamento nominal "Os senhores + verbo (tipo: "Os senhores chamaram?")". (p.274). Em Angola, a única forma de plural para o tratamento é **vocês**. Diferentemente da língua de Portugal, na de Angola não são usadas o pronome **tu** com a forma verbal correspondente e nem as formas nominais muito cerimoniais como - V. Exa. + verbo na 3a. pessoa singular -, "o único exemplo registrado neste âmbito insere-se num discurso literário, onde tal forma tem

a função de satirizar o personagem que a usa (mestiço muito comprometido com o poder colonial): "Vocelência vai-me desculpar a minha ousadia". O tratamento cerimonioso é **você + 3a. pessoa singular do verbo.**

Enfim, verifica-se nas formas de tratamento do português de Angola forte tendência à simplificação da estrutura, a par de insegurança no uso das formas verbais. As três formas do português europeu (**tu** = intimidade, **você** = familiaridade sem intimidade; **Vossa Excelência** = cerimônia) foram reduzidas a **você**, gerando insegurança no emprego da forma verbal, que aparece na 3a. pessoa quando a situação é de cerimônia e na 2a. quando é de solidariedade ou intimidade.

Mesmo se distanciando visivelmente do sistema europeu e caminhando rumo a uma forma universal - **você**, no tratamento em família, o português angolano se mostra tão conservador quanto o de Portugal, considerando os fatores sociais idade, grau de intimidade e sexo como determinantes da escolha da forma de tratamento. Assim como no português europeu, no angolano, a designação do parentesco é uma constante na interpelação: "Vovô, que é que "você esta" a ver no céu?".

É importante destacar que a "nova ideologia política começa já a ser traduzida a nível da língua e num campo lexical, onde tal fato à primeira vista poderia parecer improvável" (sic) como se pode ver em: "Então como é, "camarada tio", hoje não bumbas?", em que a forma verbal na 2a. pessoa do singular denota intimidade entre sobrinho e tio, e o vocativo "camarada tio" veicula admiração, respeito do sobrinho frente ao tio que acaba de assumir determinada opção política.

Voltando à questão que deu origem a esse trabalho - até que ponto o sistema de formas de tratamento do português angolano se afastou já do português europeu -, pode-se afirmar que o esquema de tratamento angolano corresponde "plenamente a atual fase de transição do português de Angola". Nele, no tratamento, coexistem "formas clássicas" absolutamente idênticas às do português europeu e "formas novas" próprias da nova sociedade angolana. Do distanciamento entre tratamento europeu e angolano, Silva - Brummel conclui: "Por um lado, constatamos não ter efetuado uma "descolonização" total do sistema de tratamento, na medida em que o português angolano mantém ainda vivas estruturas coincidentes com o português europeu. Por outro lado, revelando uma vigorosa força inovadora, verificamos que o português angolano desenvolveu já estruturas sintáticas próprias que prefere inequivocamente às do português europeu e se definem por uma decidida simplificação dos elementos constituintes".

C. O Tratamento no Brasil, um enfoque sociolinguístico

No artigo **Forms of address in brazilian portuguese: standart european or oriental honorifics?** Jensen (1981) [16] critica investigações sociolinguísticas que, embora boas, seguem modelos europeus para estudo das formas de tratamento do português do Brasil; entretanto, foi com base nas premissas e com a mesma metodologia de Brown e Gilman que ele estudou o uso das formas de tratamento nas capitais e algumas áreas do interior dos Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Ceará. Com esse trabalho, o linguista chegou à con-

clusão de que a escolha feita por brasileiros entre T : V (você/tu ou senhor) é muito semelhante à opção T : V em outras línguas, exceto pelo fato de os brasileiros terem avançado menos que os europeus em direção ao uso do pronome de solidariedade.

Moura Mundim (1981) [22] afirma que o sistema de tratamento do Rio de Janeiro é dual e que o falante tem como critérios norteadores da escolha T : V as noções de formalidade e informalidade, conhecimento e desconhecimento do outro, além do respeito pelo falante alvo e diferença etária entre os membros da diáde. Nesse trabalho, a autora diz não ter constatado o uso da forma **senhor** com os objetivos de marcar distância entre os indivíduos envolvidos na conversação ou de humilhar o interlocutor. Mas que, ao contrário, o emprego de tal forma foi sempre manifestação de respeito por uma pessoa não-íntima. Quanto ao pronome **você**, essa pesquisadora o considera como de uso geral e forma não-marcada. Mundim também encontrou situações que propiciam a ausência do pronome de tratamento. Sempre que for possível uma abordagem direta, isto é, sem forma de tratamento, ou quando um indivíduo não quiser se posicionar socialmente diante do interlocutor, sua opção recairá sobre o grau zero de realização do pronome de tratamento de segunda pessoa.

Brian Head (1976) [14] estudou, em falantes cultos, a influência de fatores sociais no tratamento do Brasil. Retomando o enfoque de Brown e Gilman, teve como variáveis sociais: a hierarquia social, a diferença de geração, o paren-

tesco, o sexo, e considerou as variações individuais como sendo estilísticas. Nesse trabalho, o pesquisador pôde concluir, assim como Brown e Gilman, que as formas cerimoniais de tratamento estão sendo substituídas pelas não-cerimoniosas. Conclui também que a relação emissor/destinatário é o maior condicionador social da escolha T : V, além de chamar a atenção para importância da situação em que se desenvolve o discurso.

Para Oliveira Silva (1974 e 1982) [25] e [26], a introdução de **você** como forma de tratamento de segunda pessoa (séc. XIX) trouxe desequilíbrio à semântica do sistema, além do que, na sua migração de terceira para segunda pessoa o pronome **vo-cê** passou a ter como clítico habitual **te**, restringindo, com isso, o uso de **lhe** e **o**. No seu estudo do uso do tratamento na zona rural do Rio de Janeiro, a autora encontrou as pessoas mais conservadoras e, portanto, maior emprego do tratamento cerimonioso nos falantes de classes socialmente mais baixas e menos instruídas.

Bidermann (1972-1973) [2] declara que com a leitura de "The Pronouns of Power and Solidarity" e a de outros títulos que lhe seguiram, sentiu-se motivada a investigar o problema das formas de tratamento, relacionando-as com as estruturas sociais nas sociedades latinas, particularmente na Península Ibérica e América Latina". Seu trabalho mostra o quanto é significativa a herança ibérica de estrutura e comportamento sociais no Brasil, bem como seu reflexo no nosso sistema de tratamento. Nele, a autora dá como origem provável da assimetria no nosso sistema de tratamento, o fato de os colonos es-

panhóis e portugueses terem sido pessoas sem nenhum poder nos seus países e que, por isso, quando na condição de "superior", levaram a extremo a relação de poder. E foi diante da população por eles dominada e escravizada (índios e negros africanos) que a condição de superioridade do europeu gerou relações sociais assimétricas responsáveis pela assimetria de tratamento na família e no trabalho, ainda hoje. É particularmente interessante como a professora descreve a trajetória da forma **você** na língua portuguesa. Por ter sido, desde o século XVIII até meados do século XIX, forma de tratamento de superior para inferior e coexistido com **Vossa Mercê**, Bidermann coloca **você** como forma intermediária de tratamento entre **tu** e **Vossa Mercê**. Para ela, só no final do século XIX tal forma substituiu **tu**, efetivamente. Quanto ao critério atual para escolha T : V, Bidermann diz que quando se trata de alguém da mesma classe social e contemporâneo estário, o tratamento o **senhor**, a **senhora** pode alternar com **você**. Geralmente as pessoas de educação mais conservadora e de ambiente mais refinado utilizam o tratamento mais formal e menos familiar. Trata-se, pois, de regra flutuante, dependendo dos imponderáveis da personalidade individual.

Assim como em alguns países da Europa, também no Brasil diferentes trabalhos confirmam a tese de Brown e Gilman. De fato, as formas não-cerimoniosas de tratamento estão substituindo as cerimoniosas. Porém, aqui, não se chega a um consenso quanto ao campo de predominância de emprego de formas. Tome-se, por exemplo, as diferentes conclusões a que chegaram

Oliveira Silva e Bidermann. Enquanto a primeira encontrou maior emprego de V nas classes socialmente mais baixas e menos instruídas, para Bidermann geralmente as pessoas de educação mais conservadora e de ambientes mais refinados optam pelo tratamento mais formal e menos familiar.

Com exceção da língua inglesa que tem como pronome de tratamento de segunda pessoa apenas o universal **you**, o tratamento de padrão ocidental é descrito como um sistema binário simples, com paradigmas obrigatoriamente marcados ora pela semântica do poder ora pela semântica da solidariedade. No padrão oriental, ao contrário, dependendo do grau de formalidade e do **status** do interlocutor, o falante pode escolher entre um leque de diversas formas de abordagens de segunda pessoa, a que melhor se presta à situação do momento, como se pode ver nas descrições dos sistemas de honoríficos feitos por Jensen (1981) [16] e listadas a seguir.

1.5. O Tratamento no mundo de fala oriental

Na língua de Java, a expressão de deferência é uma escolha vocabular feita entre três conjuntos de elementos correspondentes a graus de honorificência. O **Ngokô** é um léxico completo e contém a maioria das palavras usadas na língua. O **Madyô** oferece trinta e cinco termos que nomeiam os conceitos mais básicos, enquanto o **Krono** tem oitocentos e cinquenta palavras especiais. Esses três níveis de vocabulários são combináveis com três estilos flexionais de modo a permitir nove níveis de abor-

dagens. Tais níveis de abordagem correspondem, grosso modo, ao eixo europeu T : V, como é possível notar nos quadros seguintes:

FORMA		APLICAÇÃO
Oriental	Européia	entre solidários
Ngokô	T	
Krono	V	entre não-solidários
Madyô		não-solidários que não expressam relação de poder

Esses três níveis básicos, quando flexionados assumem a seguinte configuração:

Ngokô		
FORMA	FLEXÃO	APLICAÇÃO
Ngokô	BA	para íntimos de status muito alto (p. ex. esposa nobre)
	AB	para íntimos de status médio
	NgL	superiores para inferiores; velhos para jovens; entre amigos e parentes da mesma geração

Krono

FORMA	FLEXÃO	APLICAÇÃO
Krono	MK	inferiores para superiores; jovens para nobres mais velhos
	KA	estrangeiros, nem superiores nem inferiores
	WK	velhos para nobres mais jovens, superiores para inferiores mais velhos

Madyô

FORMA	FLEXÃO	APLICAÇÃO
Madyô	MdK	jovens para mais velhos; inferiores para camaradas superiores
	MdA	para camaradas velhos de status médio e não-íntimo
	MdNg	para camaradas velhos de status baixo; jovens do mesmo status

A língua japonesa tem na **flexão verbal** a maior característica do seu complexo sistema de tratamento. Numa análise transformacional que dá conta da grande sutileza dos **honoríficos japoneses**, Prideaux (1970)⁽³⁾ encontra, por exemplo, vinte formas possíveis para "**ler**" alternáveis de acordo com

características pessoais do falante, como: polido, exaltado, elevado, deferencial, humilde, passivo e formal. Se essa análise trabalha com sutilezas, há outra (de Martin, 1974)⁽⁴⁾ que exclui recursos auxiliares e formas cerimoniais obsoletas e chega a um sistema simples de apenas dois eixos. Um que se refere principalmente à atitude do falante em relação ao ouvinte, como da dicotomia T : V; outro, o eixo humilde/neutro/exaltado, usado para fazer referência à terceira pessoa. Mas tanto Prideaux como Martin encontram a maior carga de expressão de honoríficos da língua japonesa na flexão verbal.

Além dos verbos que expressam honoríficos, o falante japonês pode se valer de um conjunto rico de pronomes de segunda pessoa, cuja escolha depende das características tanto do emissor quanto do destinatário. Porém, a inclusão de qualquer sujeito explícito é opcional e sua omissão é muito frequente, o que torna possível ao falante evitar a complicação adicional imposta pela seleção pronominal num sistema já complexificado pelas flexões verbais (Peng & Kagiya, 1973; Yamamoto, 1974).⁽⁵⁾

Na língua coreana, assim como na japonesa, os honoríficos são expressos principalmente pelas formas verbais, e os pronomes ocorrem opcionalmente por necessidade de clarificar ou contrastar o sujeito em relação aos outros elementos do contexto frasal. Ao contrário da língua japonesa, a coreana não possui forma de humildade (Martin, 1964)⁽⁶⁾, mas em ambas o tratamento e a flexão verbal têm origem na dicotomia pertinência/não-pertinência ao grupo social. O interlocutor pertinente ao grupo é distinguido com direto/íntimo/familiar

e o não pertinente como polido/autoritário/deferencial, com base no eixo de referência neutro/exaltado e com um conjunto de verbos eufemísticos.

Em vietnamita, a presença do sujeito é obrigatória e, em tese, deve ser expressa por um pronome ou por alguma forma lingüística de valor pronominal. Mas, atualmente, os pronomes estão sendo substituídos por outras formas que preencham o espaço do tratamento com a mesma gramaticalidade e clareza do pronome. Essas formas que vêm substituindo o pronome são produto da semântica da solidariedade. Há um antigo pronome - **may** - perdendo cada vez mais espaços por poder ser usado como forma de humilhação, embora os falantes idosos o usem com sentido equivalente ao do inglês "you" para se dirigir a interlocutores socialmente inferiores ou a amigos de razoável intimidade.

Hoje, o pronome é pouco usado, já que o vietnamita geralmente trata seu interlocutor com termos de parentesco (usando não só entre pessoas da família, mas também por amigos próximos), títulos (tais como **ông** "senhor", **ba** "senhor", usados entre não-solidários) e nomes próprios. Essa última modalidade ocorre não só com função de evitar tratamento de excessiva cerimônia como a antiga e humilhante forma **may** além de contornar a marca de solidariedade. Atualmente também pode ocorrer o uso de um termo neutro **tôi**.

Num estudo contrastivo dos sistemas de tratamento das línguas portuguesa e japonesa, Hisayuki Yamasaki [15] afirma: "em português, entende-se como tratamento, mais especificamen-

te os pronomes. Já em japonês abarca não somente os pronomes propriamente ditos, como também os verbos (DOSHI), sufixos flexíveis (JODOSHI) e prefixos (SETTOGO). Além disso, as expressões de tratamento em japonês podem ser classificadas em três espécies: expressões de respeito (SONKEI HYOGEN), expressões modéstia ou humildade (KENJO HYOGEN) e expressões de polidez (TEINEI HYOGEN). Tanto a primeira como a segunda espécies são tratamentos que manifestam respeito. A diferença está em que a primeira é usada para os atos de pessoa a quem se quer dirigir o respeito. E a segunda, para os atos da pessoa que dirige o respeito".

As características dos honoríficos orientais podem ser resumidas assim:

1. uso de recursos lingüísticos múltiplos para expressar os relacionamentos falante-ouvinte;
2. existência de mais de duas opções em muitos parâmetros de solidariedade e poder;
3. determinação do honorífico por meio de noções sociais e semânticas semelhantes àquelas que ingressaram no tratamento europeu, mas mais detalhadas para refletir sociedades altamente estruturadas e estruturas lingüísticas mais variadas;
4. uso que está mudando assim como a sociedade, em direção a uma simplificação e uma dependência crescente em relação à solidariedade, que parecem estar se tornando determinantes da forma a ser escolhida.

Colocando lado-a-lado honoríficos orientais e sistema

de tratamento ocidental, com o propósito de analisar os vários níveis de abordagem coincidentes ou não nos dois sistemas, constata-se que há entre eles duas diferenças fundamentais. A primeira, o fato de os honoríficos serem um contínuo com múltiplos recursos lingüísticos capazes de recortar com **sutileza de tratamento de vários níveis** as altamente estratificadas sociedades orientais, em nítida oposição ao sistema ocidental que se apresenta com apenas dois ou três níveis de abordagem. Já a segunda oposição consiste no fato de os honoríficos terem sua maior carga semântica traduzida pela abordagem verbal, ao contrário do sistema europeu que a tem nos tratamentos nominal e pronominal.

As informações registradas nessa revisão de literatura serão retomadas no quinto capítulo com o objetivo de estabelecer relações entre elas e o sistema de tratamento do dialeto curitibano, pesquisado no campo e analisado segundo a metodologia descrita a seguir.

Notas

1. T e V são abreviadas das formas latinas de **tu** e **vos**, convencionadas por Roger Brown e Albert Gilman como tratamento familiar (T) e cerimonioso (V).
2. BROWN, Roger e Gilman, Albert. In: *Style and language*: [5]
3. In Jensen, J. (1981) [16]
4. Idem.
5. Idem.
6. Idem.

CAPITULO II

METODOLOGIA

A autora deste trabalho passou quatro tardes observando abordagens feitas por indivíduos em situação de interação face-a-face - duas tardes no balcão de um dos pontos de atendimento do INAMPS em Curitiba, e duas na secretaria do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina, - sem que se conseguisse flagrar emprego significativo do pronome de tratamento-sujeito de segunda pessoa. Configurava-se então o primeiro problema na coleta de dados. Entendendo que a omissão de pronome-sujeito de segunda pessoa fosse natural em encontros casuais, concluiu-se que seria preciso elicitar as formas de tratamento através de um instrumento que permitisse maior controle da coleta de dados. Contudo, os questionários com lacunas a serem preenchidas não pareceram um bom instrumento para retratar a realidade do uso das formas de tratamento. É natural que, diante de uma lacuna, a primeira reação do informante fosse preenchê-la. E, se ela correspondesse a uma forma de tratamento, o infor-

mante não hesitaria em colocar a que mais lhe parecesse oportuna. Porém, as horas de observação foram suficientes para mostrar que, quando a forma de tratamento pode ser manifestada por um **pronome**, ela é muitas vezes omitida nos enunciados. O questionário daria, portanto, uma imagem distorcida da realidade. (1)

Optou-se, então, por um teste em que os informantes pedissem favores, solicitassem serviços e dessem explicações aos seus interlocutores. Esse instrumento parecia permitir controle mais efetivo da situação de campo que a simples observação, sem sugerir ao informante o uso do tratamento.

2.1. O teste

A elaboração do teste consistiu em montar dezoito situações artificiais de conversação, nas quais os informantes deveriam pedir informações, favores e/ou fazer alguma declaração aos seus interlocutores.

2.1.1. O modelo teórico

Para elaborar o elenco de pedidos que o falante deveria fazer, teve-se como modelo teórico o artigo **Pedidos e Desculpas** - um estudo transcultural de padrões de realização de atos de fala -, de Blum - Kulka e Olshtain. [3] Nele, **pedidos** são definidos como **atos ameaçadores** com os quais o falan-

te viola ou se choca com o desejo de liberdade de ação da pessoa interpelada. Ciente não só do impacto que sua atitude causará no interlocutor como também da necessidade de minimizá-lo, o falante se vale de estratégias para contornar ou mascarar a imposição contida no ato do pedido. Para isso, um dos recursos possíveis - dos quais o falante lança mão sempre que pode - é ativar a escolha da forma do pedido em direção a atos de fala indiretos. Uma vez decidido em que nível de diretividade será realizado o ato de fala, a língua oferece uma variedade de meios com as quais o falante pode manipular o grau de imposição envolvido.

Em termos teóricos, há três níveis maiores de diretividade em que se manifestam os pedidos:

- a - nível mais direto, mais explícito, realizado por pedidos marcados sintaticamente como tal, tais como imperativo ou por outros meios verbais que nomeiam o ato como um pedido, como performativo Austin, 1962 e Fraser, 1975.
- b - o nível convencionalmente indireto, materializado por procedimentos que realizam o ato por referência a pré-condições contextuais necessárias para sua execução, estratégias normalmente referida na literatura sobre atos de fala, desde 1975, como atos de fala indiretos: **você poderia fazer ...;**
- c - nível indireto não convencional, ou seja, o grupo não fechado de estratégias indiretas (pistas) que realizam o pedido tanto por referência parcial ao objeto ou elemento necessário para a implementação do ato (por que a janela está aberta?) quanto por dependência de dados contextuais (está frio aqui).

Na montagem do teste, procurou-se organizar pedidos que levassem a escolha do informante a recair sempre no nível **b**. Foi considerada, ainda segundo Blum-Kulka e Olstain, a perspectiva a partir da qual o informante poderia se colocar, uma vez que nas realizações de pedidos os falantes podem incluir referências ao locutor, à pessoa elicitada e à ação executada. Escolhendo diferentes maneiras de se referir a qualquer um desses elementos, o falante opta pela perspectiva que o pedido deve tomar. Entre os pedidos **você poderia ...** e **eu poderia ...** há uma diferença de perspectiva. Em **você poderia**, enfatiza-se o papel do interlocutor no ato de fala, enquanto em **eu poderia** acentua o papel do locutor. Na análise da perspectiva de pedido, deve-se distinguir as seguintes categorias:

a - orientada para o interlocutor:

seria possível a senhora guardar o bilhete para mim? (2) M451 (3)

b - orientada para o locutor:

Eu quero ir para o aeroporto. M4AL.2

c - orientada para o locutor e interlocutor:

Vamos para o aeroporto. F5S2

d - impessoal:

Para o aeroporto, se possível. F35.2

Na organização do teste, procurou-se condicionar as situações em que o informante se colocaria de maneira que ele direcionasse o seu pedido para a categoria a.

2.1.2. O material de apoio - fotografias ⁽⁴⁾

Foram fotografadas dezoito pessoas com idade variando entre vinte e sessenta anos, e de diversos padrões sociais aparentes.⁽⁵⁾ Na impossibilidade de determinar cientificamente a classe social do indivíduo que serviria de modelo dos diversos segmentos sociais a serem trabalhados, foram fotografadas pessoas que pela indumentária e postura sugeriram à autora diferentes **status**. O padrão social atribuído ao indivíduo fotografado é então filtrado por uma visão particular, ou seja, pela percepção de uma pessoa que se classifica como de "classe social média", mas que não sabe dizer precisamente em que ponto do tecido social se encontra. Esse é um critério subjetivo e, portanto, passível de críticas, não há dúvidas. Porém, não foi possível substituí-lo por algo mais positivo, dado não encontrar na literatura informações objetivas de como identificar **classes sociais**.

Os critérios para seleção dos indivíduos fotografados foram semelhantes aos adotados na escolha dos informantes. Isso quer dizer que se observou na pessoa sua aparência, que deveria refletir o padrão de vida de classes sociais média alta, média média, média baixa e classe de baixo padrão social. Para se atribuir um padrão de vida a um indivíduo, le-

vou-se em consideração, sua postura, seu vestuário e o lugar onde ele foi fotografado. Dos dezoito fotografados, treze estavam em seus locais de trabalho, fato que possibilitou um pouco mais de rigor na classificação do **status** da pessoa: o prestígio social da sua profissão. Mas das cinco pessoas que foram flagradas na rua, não se tem nenhum dado concreto quanto aos seus lugares na hierarquia social. A par do padrão social aparente do indivíduo, observou-se também a idade provável e o sexo da pessoa fotografada.

O uso dos mesmos critérios para seleção de informantes e de indivíduos fotografados, deveu-se ao objetivo de elicitar **as formas de tratamento** em situações de simetria e assimetria social. O conjunto de fotografias - que não recorta todas as nuances do contínuo que representa a sociedade curitibana - colocou o informante em contato com diferentes indivíduos - símbolos e estereótipos de grupos sociais que fazem parte do seu cotidiano, obrigando-o a adequar sua forma de abordagem ao seu interlocutor, aos seus propósitos e ao contexto em que se desenvolvia a interação. O produto dessa adequação da linguagem do informante às características sociais do seu interlocutor e ao contexto da situação conversacional foi sempre o reflexo da simetria ou assimetria social e acabava por condicionar a escolha do informante pelo tratamento recíproco ou não-recíproco.

2.1.3. Aplicação

A cada item do teste, o informante recebia uma foto-

grafia e ouvia a descrição da situação em que deveria se colocar. Por exemplo, de posse da fotografia de uma vendedora de bilhete de loteria, de aproximadamente quarenta anos, sentada em frente de um conhecido prédio em que funciona uma agência do Banestado, o informante devia:

- 1º) dizer à vendedora que na noite anterior havia sonhado com o bilhete da cobra e gostaria de comprá-lo;
- 2º) devia explicar à vendedora que estava sem dinheiro e, por fim, pedir a ela que o esperasse entrar no banco e sacar o dinheiro para pagar o bilhete⁽⁶⁾.

2.1.4. Avaliação do material de apoio e da opção pelo teste

Não há dúvida de que usar fotografia confere muito artificialismo à situação de abordagem e pode, a princípio, causar estranheza ao informante. Mas, por outro lado, esse material tem a vantagem de mostrar com clareza os condicionadores sociais a serem trabalhados, evitando que o pesquisador precise constantemente chamar a atenção do informante sobre eles. Com isso, a interferência do entrevistador se torna menor, não induzindo o informante a usar qualquer das formas elicítadas. Contudo, a metodologia não está imune à críticas. Substituir gravações livres ou mesmo observações de conversas informais por testes tem o inconveniente de transformar a pesquisa de campo em **trabalho de atitude**.

2.2. Condicionadores sociais e lingüísticos das formas de tratamento

2.2.1. Condicionadores Sociais

A pesquisa sociolingüística tem tradicionalmente como critérios sociais para estudo da linguagem os fatores sexo, idade, classe social, etnia, situação geográfica, escolaridade e situação de fala. Mas no presente estudo, serão trabalhados como condicionadores sociais da escolha da forma de tratamento apenas idade, sexo e escolaridade do informante. Tal limitação se justifica uma vez que as situações geográficas e de fala serão as mesmas durante toda a pesquisa de campo, como será visto ainda neste capítulo. E, dada a dificuldade em definir cientificamente **classe social**, optou-se pela **escolaridade** que, acredita-se, evidencia, através de seus níveis, o padrão econômico e social do falante. Também não se considerou **etnia** por não se acreditar que esse seja um condicionador no uso do tratamento.

Idade

Recortou-se o contínuo que representa a idade em quatro faixas diferentes, por julgar que a diferença etária entre os membros da idade possa favorecer o uso de determinada forma de tratamento. Os informantes têm entre vinte e dois e sessenta anos. Formarão quatro grupos distintos, cuja diferença será de oito anos do primeiro para o segundo grupo, e de uma década de vida do segundo grupo em diante. O

limite mínimo de sete e dois anos se deve à escolaridade, uma vez que somente a partir dessa idade, se poderia encontrar informantes com curso universitário completo.

Escolaridade

A categoria escolaridade foi dividida em quatro subcategorias segundo o informante tivesse o primeiro, o segundo ou o terceiro grau, ou fosse apenas alfabetizado. Considerou-se como alfabetizados os informantes que tivessem concluído o antigo curso primário e não frequentado além de primeira série do antigo curso ginásial, ou que tivessem abandonado a escola tão logo tivessem terminado a quarta série do atual primeiro grau. Nos outros níveis, o critério para classificação do informante foi sempre a conclusão do curso do nível em questão, sem que se iniciasse curso do nível imediatamente superior.

Sexo

Alguns trabalhos sociolinguísticos sobre formas de tratamento (por exemplo, Ervin-Tripp, 1972)^[10] mostram que as formas respeitadas são mais usadas nas abordagens dirigidas aos homens. Para Oliveira e Silva (1974)^[25] a variável sexo apresentou-se como irrelevante enquanto condicionador do pronome de tratamento. A inclusão de tal variável neste trabalho tem origem no objetivo de investigar se tal fator social pode determinar a escolha da forma de tratamento no dialeto curitibano.

2.2.2. Condicionadores lingüísticos

Com o objetivo de estudar as relações e os determinantes do tratamento na organização frasal, foram consideradas como prováveis condicionadores lingüísticos do pronome de tratamento as formas de interpelação e de mitigação.

a) Formas de Interpelação

São formas de interpelação toda manifestação lingüística ou extralingüística dirigida a um indivíduo com o objetivo de introduzi-lo a uma situação conversacional. Neste trabalho, serão analisados, além do grau zero de realização da interpelação as suas formas manifestas como:

chamamento: **ei**, me fala onde é o escritório do dr.
Paulo Ma.AL.1

Psiu, ô ... ô F2 AL-2

polidez: **Por favor**, me informe onde fica o Largo
da Ordem M3 S2

Ô, dá licença aí? Como eu chego no Largo
da Ordem? M4 AL.2

vocativo: **Soldado**, como é que faço para chegar no
Lago da Ordem? M2S.2

Seu guarda, aonde fica o Lago da Or-
dem? M4 AL.1

cumprimento: **Boa tarde**. Onde fica o Lago da Ordem? F2S.3

Ôpa, tudo bem? Vendendo estas redes que
você mesmo fez elas? M2S.1

grau zero de realização da interpelação:

- . Vamos para o aeroporto. P2 S.3
- . Esse trabalho é feito por você? F3 S.3

Foram excluídas deste trabalho algumas formas de interpelação que, ao contrário do que se esperava, foram usadas muito eventualmente, sendo que algumas delas sequer foram empregadas. São elas: polidez + vocativo, vocativo + cumprimento, polidez + cumprimento, chamamento + vocativo, chamamento + polidez.

b) Formas de Mitigação

Neste trabalho, toda manipulação discursiva que tenha como função minimizar o impacto causado pelo ato da fala do pedido, será analisada como mitigação. Para Taerch e Kasper (1984),⁽⁷⁾ tais manipulações podem tomar formas tanto de modificações internas como externas. As modificações internas são obtidas por meio de recursos lingüísticos dentro do ato central do pedido. Por exemplo:

- a - Por favor, será que poderia me informar onde fica o Largo da ordem? F2 29 1
ato central: será que poderia me informar onde fica o Largo da Ordem?
mitigador sintático. **será que poderia.**
- b - Camaradã, você está na pior e eu não estou na melhor. Olha, eu sei que é complicado, mas eu não posso deixar você ficar aqui. Por favor, pode sair

daqui? M3 AL.1

ato central: pode sair daqui

mitigador sintático: contexto imediato: você está na pior e eu não estou na melhor. Eu sei que é complicado, mas eu não posso deixar você aqui.

São formas de mitigação sintática.

a) interrogação: Você não teria um palito de fósforo para me vender? M4S1

Me arranja um palito de fósforo? M4S3

b) negação: **Não** dá para você se retirar desse local? M3S2

A senhora **não** se importaria de guardar o bilhete? M4S2

c) verbo nas formas condicionais: Eu **queria** uma informação. M3S2

A senhora **podia** me dizer onde é o escritório do dr. Paulo? F3S2

Outros mitigadores (modificações fora do ato central do pedido):

d) estabelecimento de pré-compromisso:

Você pode me fazer um favor? F3AL1

Olha, vamos fazer o seguinte: você ... F3S2

e) justificativa:

Está havendo um problema. Sua permanência neste local não é aceita pelos moradores. Acho que você de-

ve se retirar. M4S2

Por favor, ô menino, você não pode ficar aqui. Vai para outro lugar, tá bom? M3 AL1

f) recursos de consulta:

Dá para me dizer como eu faço para chegar no Largo da Ordem? F4 AL1

Você sabe me dizer qual é o horário de funcionamento dessa repartição? F3AL.3

Na análise dos dados, dos mitigadores externos ao ato central do pedido, apenas a justificativa ocorreu com frequência significativa, razão pela qual não aparecerão na tabela **Pronome de Tratamento e Mitigação** as formas de recursos de consulta e de estabelecimento de pré-compromisso.

2.3. Os informantes

Aconselha-se freqüentemente que em pesquisas sociolinguísticas entrevistem-se somente os indivíduos que tenham nascido na comunidade a ser estudada ou a ela tenham chegado até os cinco anos de idade. Valendo-se de tal critério, acredita-se, o pesquisador estará afastando a possibilidade de os processos de escolarização e interação social - pelos quais o falante tenha passado em outras sociedades - refletirem sobre as características sociolinguísticas do grupo estudado no momento. Contudo, a literatura sociolinguística sobre o **tratamento** argumenta que as regras sociais determinantes do seu

uso podem ser adquiridas num espaço de tempo relativamente curto, através de intensa exposição do falante aos fatos da língua, sem necessidade de educação formal. Com respaldo nessa última afirmação de pesquisadores sociolinguistas, para esta dissertação não se considerou como restrição o fato de alguns informantes terem chegado a Curitiba após os cinco anos de idade.

Neste trabalho, os informantes formam um grupo de noventa e seis pessoas, sendo quarenta e oito de cada sexo, escolhidos dentre pessoas não necessariamente nascidas em Curitiba, mas que residissem na cidade há no mínimo quinze anos.⁽⁸⁾ Para cada célula básica do conjunto de informantes, foram entrevistadas três pessoas. A seguinte descrição pode ser elucidativa: são três falantes alfabetizados com idade variando entre 22 e 29 anos e do sexo masculino. Nesse mesmo subgrupo, há mais três pessoas, já agora do sexo feminino, com a mesma faixa etária e grau de escolaridade. Para melhor visualização das células sociais, sua constituição será colocada no quadro a seguir:

QUADRO 1 - Informantes

Sexo	Idade	Escolaridade			
		alf.	1º g	2º g	3º g
M	22-29	3	3	3	3
F		3	3	3	3
M	30-39	3	3	3	3
F		3	3	3	3
M	40-49	3	3	3	3
F		3	3	3	3
M	50-59	3	3	3	3
F		3	3	3	3
TOTAL		24	24	24	24 = 96

2.4. Protocolo de entrevista

As regiões da cidade em que seriam feitas as entrevistas do dia, foram escolhidas mediante sorteio, após a listagem dos nomes dos bairros mais próximos ao centro da cidade, de algumas praças e da região central do comércio. Já no bairro ou rua sorteado, optava-se por um ponto de convergência de pessoas como parada de ônibus, posto de gasolina ou entrada de supermercado. Enfim, o que se buscava era a certeza de obter uma amostra aleatória através de entrevistas com diferentes pessoas e de diferentes regiões.

O informante era escolhido e abordado segundo seu padrão social aparente. Jamais foi informado de que se tratava de um trabalho sobre a língua e não houve nenhum caso manifesto de dúvida quanto à justificativa de que a pesquisa tivesse sido encomendada por uma fábrica de cosmético, o que, de resto, levou o informante a deter-se na aparência da pessoa fotografada. Acreditando, talvez, na justificativa apresentada pelo entrevistador ou numa atitude jocosa, alguns informantes, os mais desconfiados, teciam comentários em relação às pessoas fotografadas, dizendo que para aquele tipo de pessoa não falaria nada, na realidade. Ou que diante de uma moça tão bonita quanto aquela (da fotografia) tentaria passar por surdo e gago, repetindo muitas vezes a abordagem para ter tempo de olhá-la melhor. Também houve comentário como: "Ah, esta tem cara de sogra, merece respeito". (M3 AL.1) Os enunciados produzidos pelo informante foram registrados por escrito à medida em que eram emitidos, razão pela qual, supõe-

se, alguns entrevistados tenham-se mostrados constrangidos nos primeiros momentos de interação. Não houve um segundo encontro com os informantes para refazer as entrevistas, como tampouco se verificou a veracidade dos dados fornecidos pelo entrevistado para formação do seu perfil social. O contato pesquisador-informante resumiu-se aos quarenta minutos, que foram em média o tempo de duração de cada entrevista.

2.5. A Cidade

Na descrição da cidade, é preciso considerar que o poder aquisitivo de uma população é o fator determinante do padrão habitacional e da opção pelas áreas específicas a serem ocupadas no processo de expansão urbana. Há que se considerar que no Brasil, os trabalhadores de baixa renda e os migrantes recém-chegados se agrupam geralmente, em grande densidade nos bairros da periferia. A ocupação do espaço, vinculada aos valores econômicos que condicionam o acesso a certas regiões, determina a formação de áreas relativamente homogêneas em seu padrão habitacional. Esses padrões são, de regra, indicadores sócio-econômicos da população e demonstram a posição ocupada pelo habitante no extrato de renda da cidade.

Para identificar as áreas homogêneas de Curitiba, foi realizado pelo IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba), um levantamento do padrão de construção das habitações, tendo como fonte de referência o Relatório de 1985 do Cadastro de Imposto Predial e Territorial Urbano, em

que são classificados os bairros segundo o padrão de construção das residências. Com base nos resultados desse levantamento, pode-se concluir que há relativa homogeneidade em todo o município, com predominância alternada de tipos de residência em todos os bairros.⁽⁹⁾ Tal constatação possibilitou que se optasse pela região central e pelos bairros mais próximos do centro como campo para a pesquisa, uma vez que não se fazia necessário ir até a periferia para encontrar informantes de baixo padrão social aparente nem ir a distantes condomínios fechados a procura de informantes de alto padrão social aparente. Todos poderiam ser encontrados em regiões de fácil acesso, possibilitando economia de tempo e facilidade de locomoção para o pesquisador.

2.6. Protocolo do processamento computacional dos dados

Os dados obtidos na pesquisa de campo foram processados no Centro de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Paraná, em computador DEC - System 10.

Para este trabalho foi elaborado um programa em linguagem FORTRAN/77 a que se chamou **PHOTO**. Tal programa pode ser submetido ao pacote estatístico SPSS (Statistical package for the social sciences). Do SPSS, que é um conjunto de programas de computador cuja finalidade é executar cálculos e testes estatísticos, foram utilizados dois programas: o **FREQUENCIES** e o **CROSSO TABS**. O **FREQUENCIES**, que monta tabelas de distribuição de frequência, foi usado para tabular as

variáveis: pronome de tratamento, interpretação e mitigação. CROSS TABS é responsável pelas tabelas de frequência de dupla entrada como, por exemplo, o cruzamento de informações de duas ou mais variáveis. (10)

Técnica estatística

Para determinar o grau de aceitabilidade das hipóteses deduzidas a respeito das variáveis pesquisadas, recorreu-se ao teste de Qui-Quadrado.

A seguir serão objeto de estudo a apresentação, a análise e a interpretação dos dados obtidos no campo segundo a metodologia descrita neste capítulo.

Notas

1. Oliveira e Silva (1982:109) [27] observa que com o uso de questionário para elicitare os pronomes de tratamento, o falante é levado muito mais à atitude do que ao desempenho.
2. Os exemplos seguidos de códigos foram retirados do corpus da pesquisa.
3. Os códigos que seguem os exemplos fornecem o perfil social do informante. As letras M e F correspondem ao sexo, o primeiro algarismo, à faixa etária 2 - 22 a 29 anos, 3 - 30 a 39, 4 - 40 a 49, 5 - 50 a 59 anos; a escolaridade é indicada por AL - informante alfabetizado, S - falante com curso superior concluído, os ordinais 1º e 2º para os cursos de 1º e 2º graus concluídos, e o último algarismo é o número do informante entrevistado no seu grupo.
 - M - informante do sexo masculino
 - 3 - de idade entre 30 e 39 anos
 - S - com curso superior concluído
 - 2 - segunda pessoa entrevistada no seu grupo social.
4. As fotografias foram tiradas pelo fotógrafo José Luiz de Moraes Sarmiento.
5. As cópias xerocadas das fotografias estão no anexo I deste trabalho
6. O elenco de pedidos dirigidos a cada pessoa fotografada é parte do anexo I deste trabalho.
7. In Blum - Kulka [3]
8. O modelo de ficha usado para obtenção dos dados pessoais que dariam o perfil social do informante estão no anexo I deste trabalho.
9. No anexo II encontram-se fichas com o histórico de cada bairro onde se desenvolveu parte da pesquisa.
10. A listagem do programa e a massa de dados estão no anexo III.

CAPITULO III

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

É de reconhecida importância a influência do condicionamento que fatores sociais exercem sobre a variação de uso da língua. Mas deve-se considerar, a par dos fatores sociais, o contexto lingüístico como também determinante do valor adquirido pela variável ao longo do enunciado. A relação existente entre condicionadores sociais e lingüísticos é, pois, de co-determinação. O grau de importância de que se reveste cada pronome de tratamento no dialeto curitibano segundo seus condicionadores sociais e lingüísticos é o objeto de estudo deste capítulo.

Condicionadores sociais e lingüísticos no uso do pronome de tratamento

3.1. Condicionadores sociais

Na análise que se segue, serão trabalhados como condicionadores sociais das formas de tratamento, em situação de pronome-sujeito, os fatores: escolaridade, sexo e faixa etária. Na primeira etapa da análise dos dados obtidos no campo, cada um desses fatores foi analisado isoladamente, com objetivo de testar a possibilidade de se encontrar, entre eles, um só elemento capaz de condicionar mais efetivamente a forma de tratamento. Também se buscou, nessa primeira etapa da análise, obter uma visão geral dos resultados da pesquisa de campo, como marco norteador de futuros passos para a análise quantitativa que será desenvolvida neste capítulo.

Resultados

3.1.1. Escolaridade

Quando da pesquisa de campo, os informantes foram selecionados de maneira a formar quatro grupos, considerando-se como alfabetizado o grupo de indivíduos que tivessem concluído a quarta série do antigo curso primário ou a atual 5a. série. Os outros grupos foram formados tendo como critério a

conclusão do curso correspondente ao nível em que o informante seria classificado. Há, então, três novos grupos: o de pessoas com o 1º, 2º e 3º graus concluídos, sem terem iniciado cursos do nível imediatamente superior. Na primeira análise, que tinha como objetivo avaliar isoladamente o condicionamento exercido pela escolaridade sobre as três formas de tratamento investigadas (**senhor, você e pronome de tratamento-zero**), os primeiros resultados mostram a possibilidade de reagrupar os quatro grupos originários de informantes em relação a cada uma das formas a ser estudada; como se pode constatar tabela e no gráfico a seguir. ⁽¹⁾

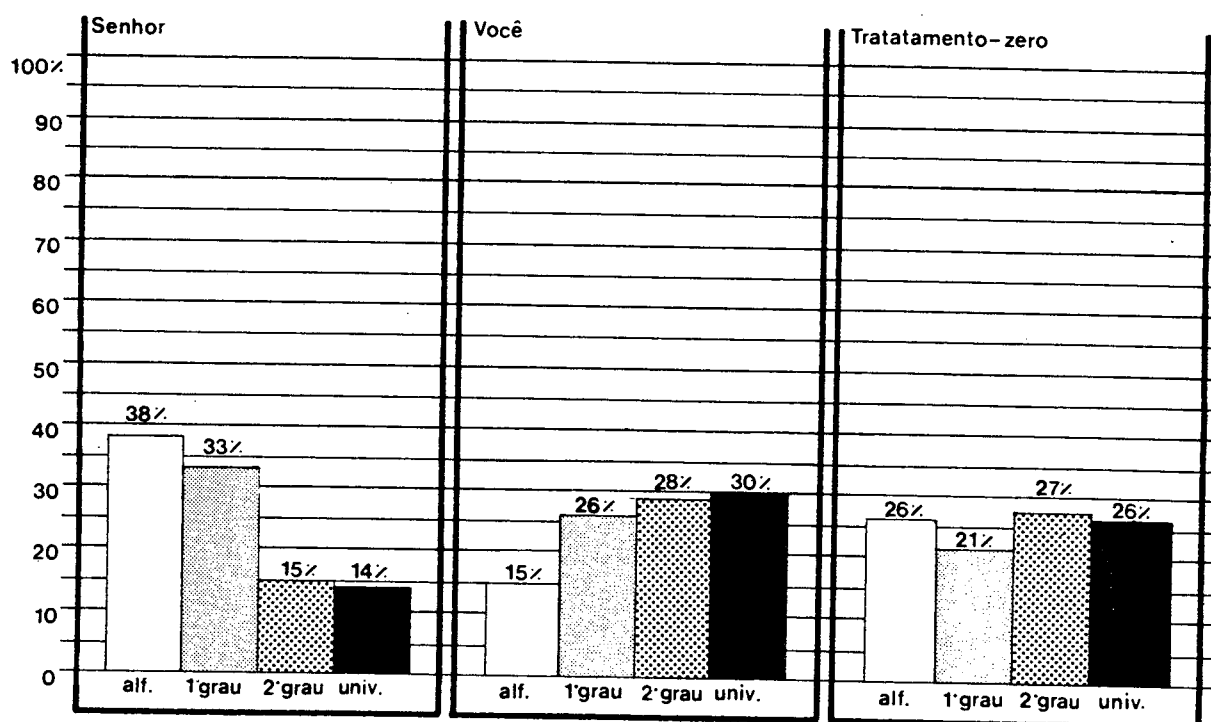
TABELA 1

USO PORCENTUAL DOS PRONOMES DE TRATAMENTO SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO INFORMANTE.

Nível de Escolaridade	Senhor	Você	Ø	Total
alfabetizado	131 38%	79 14,9%	217 26%	427 25%
1º grau	114 33%	140 26,4	176 21%	430 25%
2º grau	51 15%	150 28,3%	230 27%	431 25%
universitários	49 14%	161 30,4%	116 26%	426 25%
TOTAL	345 20%	530 40%	839 40%	1714 100%

GRÁFICO 1

USO DAS FORMAS DE TRATAMENTO SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO INFORMANTE

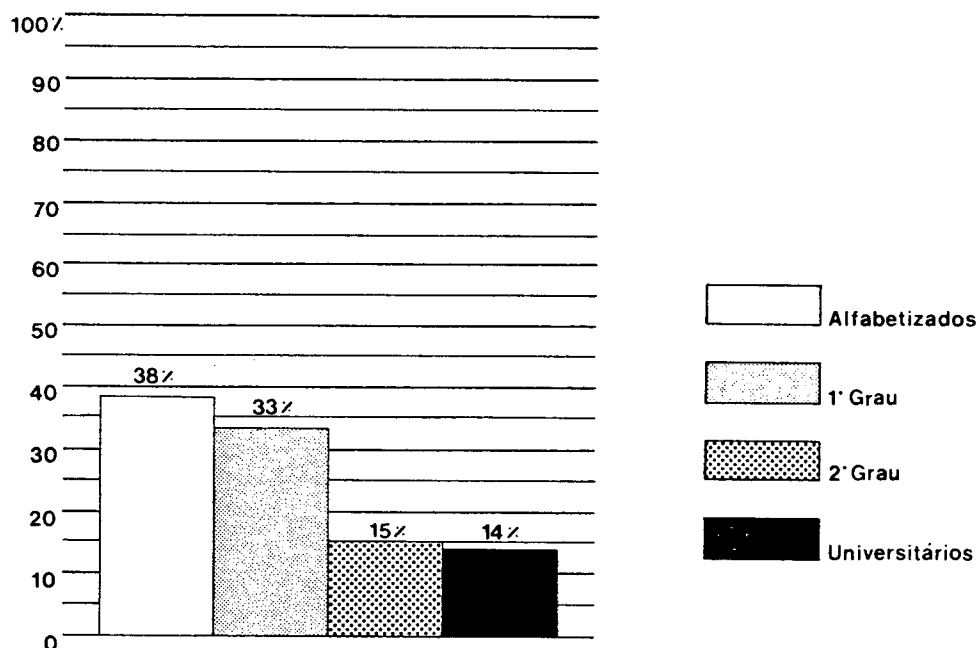


A forma senhor

Diante dos resultados obtidos quanto ao emprego da forma senhor, pôde-se concluir que os informantes alfabetizados apresentam comportamento semelhante ao dos informantes de 1º grau. Formam, pois, alfabetizados e informantes de 1º grau, nessa etapa da análise apenas um grupo, cuja característica é a nítida preferência pela forma senhor em detrimento da forma você. Esse resultado será melhor visualizado no gráfico abaixo.

GRÁFICO 2

USO DA FORMA SENHOR SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO INFORMANTE



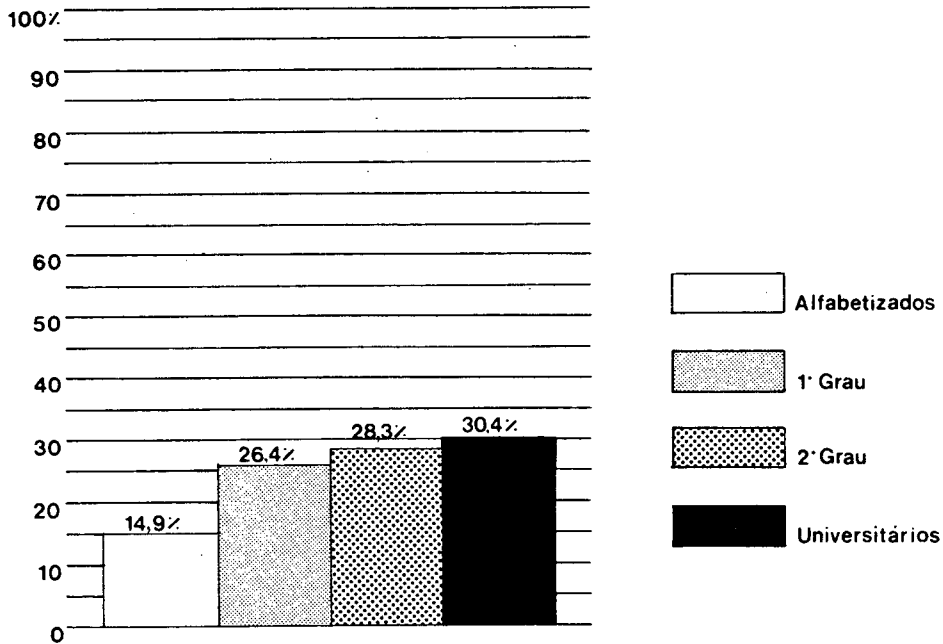
A incidência de senhor aumenta à medida em que diminui a escolaridade.

A forma você

É no grupo de informantes cuja escolaridade não foi além da alfabetização que se encontra o menor índice de ocorrência de você. Nesse caso, não há identificação entre falantes alfabetizados e de 1º grau. Como se pode notar no gráfico que se segue, os alfabetizados formam, agora, um grupo isolado, e a diferença na escolha do tratamento diminui gradativamente entre os informantes de 1º, 2º e 3º graus.

GRÁFICO 3

USO DA FORMA VOCÊ SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO INFORMANTE



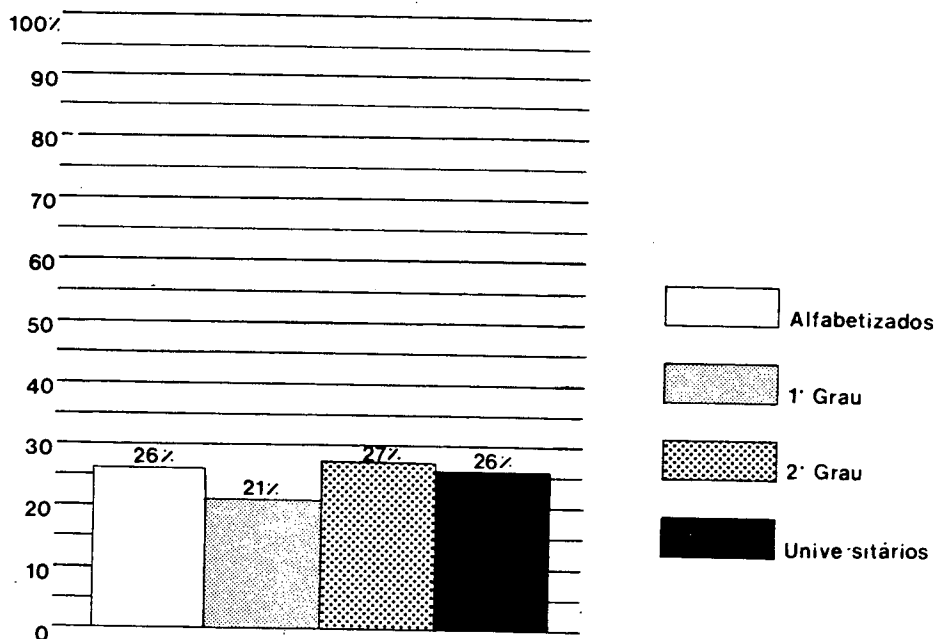
O emprego da forma você, ao contrário da forma senhor, aumenta à medida em que aumenta a escolaridade.

A forma pronome de tratamento-zero

Dos pronomes de tratamento, o pronome de tratamento-zero é o único que mantém porcentagens próximas de emprego independentemente do nível de escolaridade do falante, como demonstra o gráfico a seguir.

GRÁFICO 4

USO DO PRONOME DE TRATAMENTO-ZERO SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO INFORMANTE



O pronome de tratamento-zero não se mostra condicionado pela escolaridade.

3.2.1. Sexo

Os informantes do sexo feminino optam mais frequente-

mente pela presença do pronome de tratamento na seguinte escala decrescente: **você, senhor, pronome de tratamento-zero**. Já os de sexo masculino têm ligeira preferência pela ausência do pronome de tratamento-sujeito. A tabela e o gráfico a seguir demonstram com clareza esse resultado.

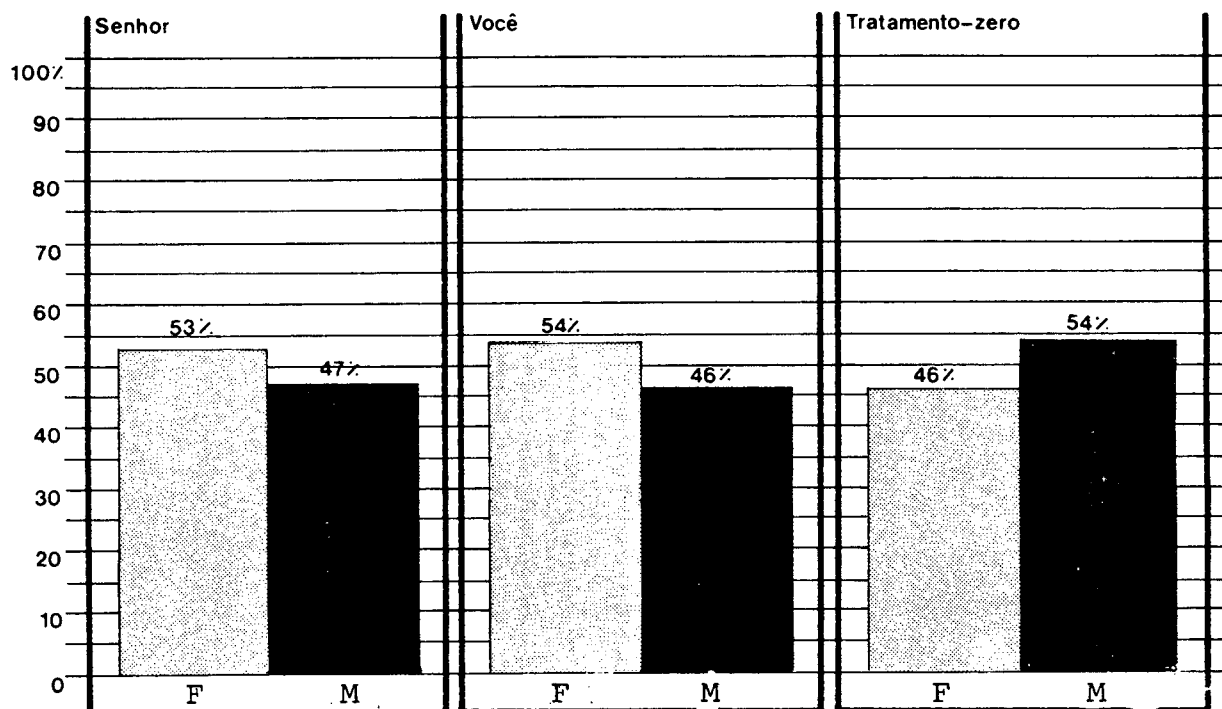
TABELA 2

USO DAS FORMAS DE TRATAMENTO SEGUNDO O SEXO DO INFORMANTE

Sexo	Senhor	Você	0	Total
masculino	161 47%	244 46,6%	456 54%	50%
feminino	184 53%	286 54%	383 46%	50%
TOTAL	345 20%	530 31%	839 49%	1714 100%

GRÁFICO 5

USO DAS FORMAS DE TRATAMENTO SEGUNDO O SEXO DO INFORMANTE



Contudo, como se pode notar no gráfico, por ora, não há dife-

rença fortemente significativa quanto à escolha do pronome de tratamento em qualquer de suas formas que seja ditada pelo sexo.

3.1.3. Faixa Etária

No capítulo anterior foi aventada a hipótese de que a diferença etária entre os membros da díade pudesse favorecer o uso de determinada forma de tratamento. Entretanto, na análise geral dos dados, constatou-se identidade de comportamento lingüístico entre falantes de diferentes idades. Tome-se, por exemplo, a proximidade de frequência de ocorrências do **pronomes de tratamento-zero** nos informantes das faixas de 22 a 50 anos. As opções pelos pronomes do tratamento segundo a idade dos grupos de informantes é demonstrada na tabela e nos gráficos a seguir

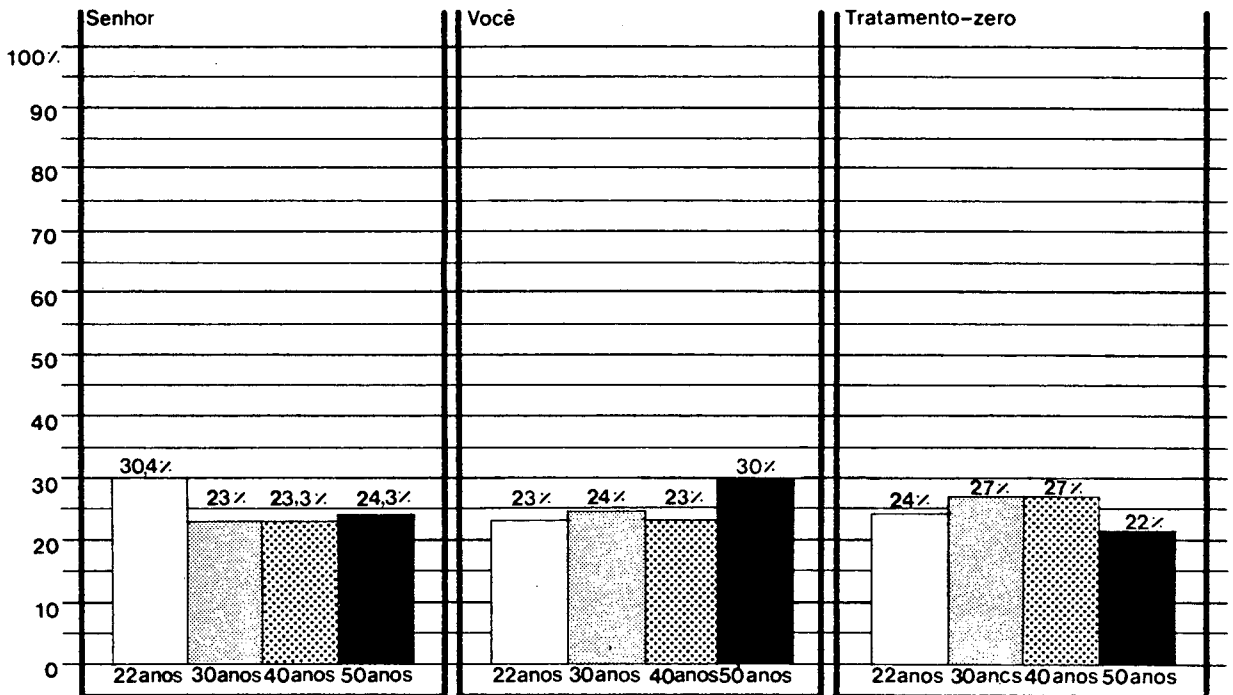
TABELA 3

USO PORCENTUAL DOS PRONOMES DE TRATAMENTO SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA DO INFORMANTE

Faixa etária	Senhor	Você	0	Total
22 - 29 anos	105 30,4%	118 23%	206 24%	429 25%
30 - 39 anos	79 23%	130 24%	222 27%	429 25%
40 - 49 anos	77 22,3%	124 23%	228 27%	429 25%
50 - 59 anos	84 24,3%	158 30%	183 22%	425 24,8%
TOTAL	345 20%	530 31%	839 49%	1714 100%

GRÁFICO 6

USO DAS FORMAS DE TRATAMENTO SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA DO INFORMANTE



Analisando isoladamente o comportamento lingüístico dos infor-

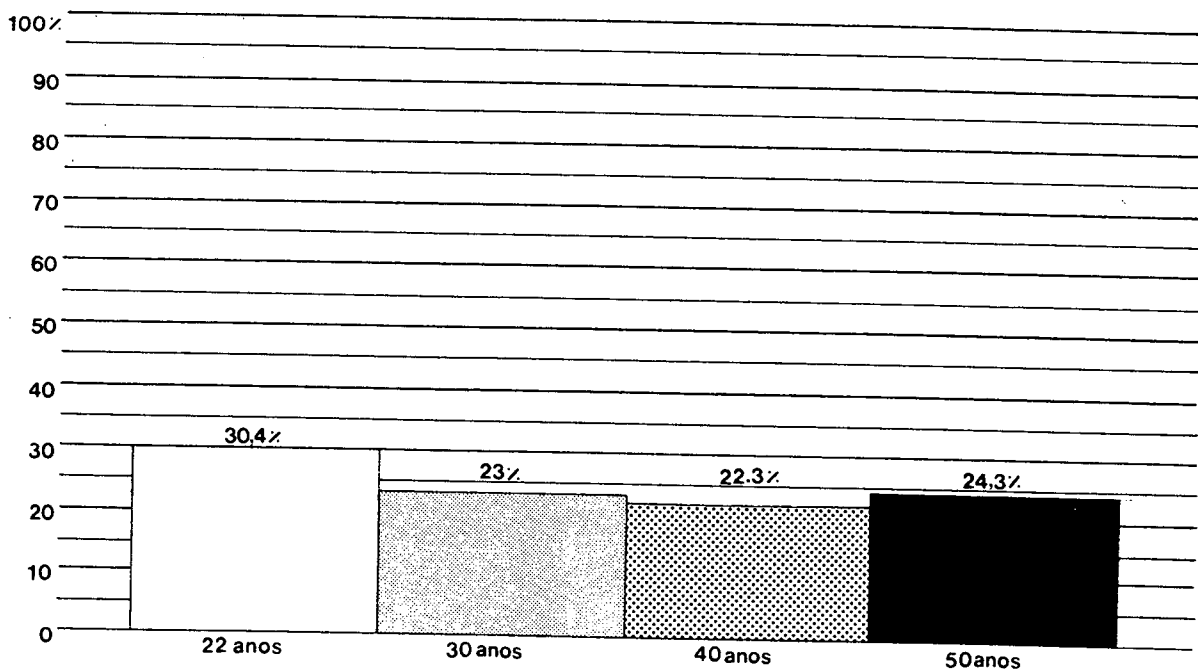
mantas segundo as faixas de 22 a 29, 30 a 39, 40 a 49 e 50 a 59 anos - inclusive, os resultados para cada uma das formas de tratamento foram:

Senhor

Entre os informantes de 30 a 59 anos inclusive, não há diferença estatisticamente significativa de emprego de senhor. São os informantes da faixa de 20 a 29 - inclusive, que apresentam maior incidência de uso dessa forma. Consta-se esse resultado no gráfico abaixo.

GRÁFICO 7

USO DA FORMA SENHOR SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA DO INFORMANTE

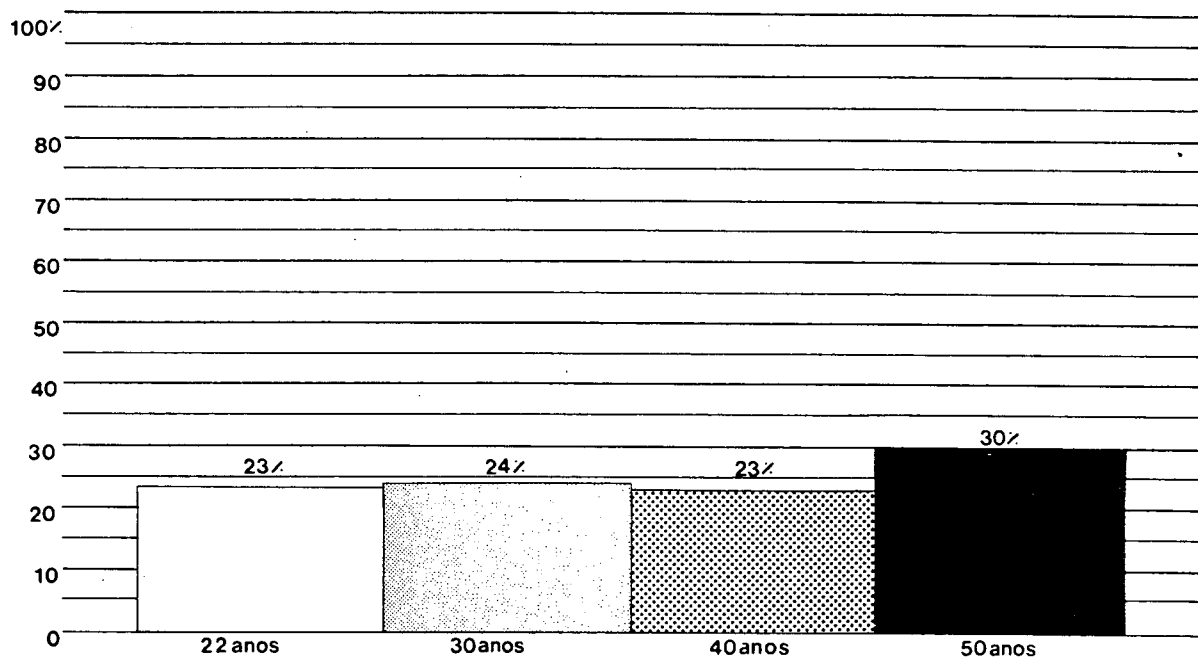


Você

Os falantes com idade superior a 50 anos empregam mais a forma *você* que os informantes de 20 a 49 anos. Esses não apresentam entre si, diferenças estatisticamente significativas quanto ao número de ocorrência do pronome, como demonstra o gráfico abaixo.

GRÁFICO 8

USO DA FORMA VOCÊ SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA DO INFORMANTE

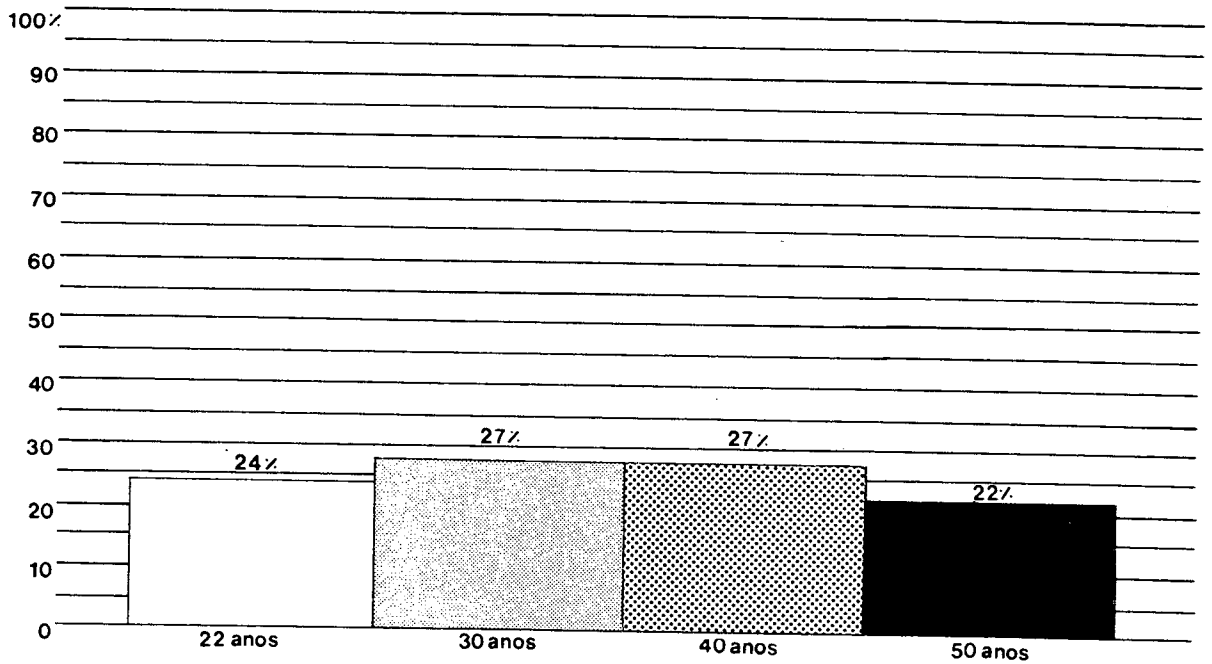


Pronome de Tratamento-zero

Não há diferença significativa quanto ao número de ocorrências do pronome de tratamento-zero entre os informantes de 20 a 49 anos - inclusive. Mas o número de ocorrência dessa forma nos falantes de 50 a 59 anos é menor que nas outras faixas. Para melhor visualização esses resultados foram colocados no gráfico a seguir:

GRÁFICO 9

USO DA FORMA PRONOME DE TRATAMENTO-ZERO SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA DO INFORMANTE



Para a análise que se segue, os informantes formarão dois grupos, denominados alfabetizados e universitários, uma vez que o critério adotado foi a indiscutível identidade de comportamento lingüístico entre informantes que tivessem concluído o 1º grau e os apenas alfabetizados por um lado, e informantes de 2º e 3º graus, por outro.

TABELA 4

FREQUÊNCIA PORCENTUAL DE USO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO DE ACORDO COM A ESCOLARIDADE E O SEXO DOS INFORMANTES, EM SITUAÇÕES DE SIMETRIA SOCIAL (M=mulher, H=homem; dirigindo-se a →)

Tratamento	Universitários				Total
	Díades				
	M → M	M → H	H → H	H → M	
0	20 50%	17 45%	20 51%	19 47%	76
Você	13 33%	15 39%	10 26%	14 35%	52
Senhor	7 17%	6 16%	9 23%	7 18%	29
TOTAL	40	38	39	40	157

Segundo a análise geral dos dados os falantes universitários têm uma nítida preferência pela forma **você**. Essa informação se comprova nas díades M → M, M → H, M → M, mas não na díade H → H, em que as percentagens de emprego de **senhor** e **você** são muito próximas. Nesse caso, se se deixa de confirmar o primeiro resultado geral que previa significativo uso

de **você**, confirma-se a menor receptividade do homem à pressão da escola, que nos seus níveis mais altos privilegia o emprego de **você**.

Conclusão preliminar

Dos três fatores sociais analisados isoladamente como prováveis condicionadores dos pronomes de tratamento - escolaridade, sexo e faixa etária -, apenas a escolaridade mostrou exercer condicionamento fortemente marcado. A escolaridade, quando baixa, é a variável que atua de maneira mais acentuada no sentido de privilegiar o uso da forma **senhor**, enquanto a escolaridade mais alta favorece o emprego de **você**. Porém, quanto à forma **pronome de tratamento-zero**, não se registra nenhuma influência exercida pela escolaridade, nem pelo seu nível mais alto nem pelo mais baixo.

Dai a conclusão de que a escolaridade não condiciona o emprego dessa forma.

A literatura sociolinguística tem dado ênfase à constatação de que a idade é, entre outros, um fator de alta relevância na variação linguística. Labov (1972) recomenda que se considerem as diferenças etárias no estudo de mudanças linguísticas a partir das evidências do tempo aparente, ou seja, pela comparação entre as linguagens de falantes jovens e velhos. O resultado dessa comparação é o indicador de quais mudanças estarão se efetuando na língua.

Segundo essa orientação e comparando-se os resultados

obtidos na análise dos dados dessa pesquisa, verifica-se no máximo 7.4 pontos de diferença da frequência com que é empregada uma forma de tratamento em detrimento da outra no intervalo compreendido entre as idades mínima e máxima dos informantes, 22 a 59 anos, inclusive. Pode-se concluir, desde já, que os falantes na faixa de 22 a 29 anos empregam com maior frequência a forma **senhor** em detrimento de **você**. Já os informantes com idade variando entre 50 a 59 anos optam pelo pronome **você** em detrimento de **senhor**. É de supor que tal diferença de opção seja uma das características que identificam por um lado a linguagem dos jovens, e por outro, a linguagem dos mais velhos. É, pois, um caso de variação inerente e não se pode, por isso, concluir, sem pesquisa exaustiva, que a menor frequência de emprego de **senhor** seja indicativo de sua extinção da língua. Deve-se considerar que os informantes de faixas etárias mais altas têm menos motivos para usar forma cerimoniosa de tratamento. Fato que não se dá com os falantes mais jovens, que, frequentemente, devem maior deferência aos seus interlocutores quer pela diferença etária, quer pelos graus de hierarquia social ou ocupacional dos membros da diáde. Quanto ao pronome de tratamento **você**, é surpreendente que seu emprego por falantes nas faixas de 20 e 50 anos não apresente diferença relevante, não sendo possível afirmar que a ausência do pronome de tratamento seja critério para recorte da linguagem de falantes jovens e velhos. Visto que grosso modo, a opção dos informantes recaiu sobre o pronome de tratamento-zero.

Diante dos resultados relativos ao emprego de **você**,

senhor e pronome de tratamento-zero, optou-se, neste trabalho, pelo abandono da variável faixa etária apesar da importância que lhe confere a literatura sociolingüística.

3.1.1. Inter-relação de Variáveis

Embora na análise geral dos dados se tenha constatado que apenas a escolaridade exerça condicionamento maior na escolha da forma de tratamento, talvez constituísse postura simplista não analisar mais detalhadamente as influências de outro fator social usado como critério para seleção dos informantes, o sexo.

É fato conhecido na literatura sociolingüística que as mulheres são mais sensíveis à pressão da escola que os homens. Vele, pois, verificar se se pode comprovar mais uma vez essa afirmação, cruzando os resultados relativos ao condicionamento exercido pela escolaridade e sexo, em situações sociais ora simétricas ora assimétricas entre locutores e interlocutores, ainda que a princípio o fator social **sexo** tenha se mostrado pouco relevante no estudo do **tratamento** no dialeto curitibano. Nesta subseção do trabalho, os informantes formarão apenas dois grupos denominados alfabetizados e universitários.

TABELA 5

FREQUÊNCIA PORCENTUAL DE USO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO DE ACORDO COM ESCOLARIDADE E SEXO DOS INFORMANTES EM SITUAÇÕES DE SIMETRIA SOCIAL (M=Mulher; H=homem; dirigindo-se a \rightarrow)

Tratamento	Alfabetizados				Total
	Díade				
	M \rightarrow M	M \rightarrow H	H \rightarrow H	H \rightarrow M	
0	19 47%	12 32%	15 39%	24 62%	70
Você	7 18%	10 27%	12 32%	4 10%	33
Senhor	14 35%	15 41%	11 29%	11 28%	51
TOTAL	40	37	38	39	154

É muito significativo o condicionamento que o fator social sexo exerce na escolha da forma de tratamento em falantes de pouca escolaridade. Na díade M \rightarrow H, há 41% de emprego da forma **senhor** contra 28% de emprego dessa mesma forma em H \rightarrow M. Nesse grupo, os homens são significativamente mais solidários no tratamento entre si que as mulheres. Os homens, quando se dirigindo a outros homens, empregam 32% da forma **você**, enquanto apenas 18% das mulheres se dirigem à outras mulheres dessa maneira. Ao contrário do que comumente se lê na literatura sociolinguística (Tarallo, 1987, entre outros),⁽²⁾ há mais tratamento solidário de M \rightarrow H (27%) que de H \rightarrow M (10%). Dirigindo-se à mulheres, os informantes de baixa escolaridade optam significativamente pelo pronome de **tratamento-zero** (62%). Embora as mulheres tratem com maior solidariedade o interlocu-

tor do sexo oposto que os homens, os dados dessa tabela confirmam a asserção da sociolinguística sobre maior conservadorismo da mulher no uso da linguagem em relação ao homem.

TABELA 6

FREQUÊNCIA PORCENTUAL DO USO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES DO SEXO FEMININO (M=mulher, H=homem; dirigindo-se a →)

Informantes Femininos					
Tratamento	ALFABETIZADOS		UNIVERSITÁRIOS		Total
	M → M	M → H	M → M	M → H	
0	19 47%	12 32%	20 50%	17 45%	68
Você	7 18%	10 27%	13 33%	15 39%	45
Senhor	14 35%	15 41%	7 17%	6 16%	42
TOTAL	40	37	40	38	155

Aqui, pode-se ver que, mais que o sexo, a escolaridade condiciona a escolha da forma de tratamento. Assim como na análise geral dos resultados, nessa tabela, a baixa escolaridade privilegia com significativa diferença o emprego da forma **senhor** em detrimento de **você** mesmo da díade M → M; enquanto também com significativa diferença, a escolaridade mais alta favorece o emprego de **você** em detrimento de **senhor**. Em oposição às universitárias que tratam solidariamente os interlocutores dos dois sexos, as alfabetizadas empregam 27% da forma **você** na díade M → H contra 18% dessa forma em M → M. A porcen-

tagem mais alta da forma cerimoniosa - senhor - encontrada na díade M→H (41%) no grupo de alfabetizadas é reflexo, provavelmente, da pouca autoridade que a mulher exerce em ambiente de baixo padrão social.

TABELA 7

FREQUÊNCIA PORCENTUAL DE USO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO DE ACORDO COM O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES DO SEXO MASCULINO. (M=mulher; H=homem; - dirigindo-se a →)

Informantes Masculinos						Total			
Tratamento	ALFABETIZADOS		UNIVERSITÁRIOS						
	H	H	H	M			H	H	H
0	15		24		20		19		78
	39%		62%		51%		47%		
Você	12		4		10		14		40
	32%		10%		26%		35%		
Senhor	11		11		9		7		38
	29%		18%		23%		18%		
TOTAL	38		39		39		40		156

É muito pequena a diferença de uso das formas senhor e **você** nos informantes universitários masculinos na díade H→H, mas é significativo o não emprego de senhor em H→M entre esses informantes.

Há entre os alfabetizados do sexo masculino forte preferência pela forma pronome de tratamento-zero em H→M. Comparando os resultados da díade H→M, vê-se que o homem universitário é significativamente mais solidário à mulher que o alfabetizado. Em H→M, o alfabetizado opta com nítida prefe-

rência pelo pronome de tratamento-zero. Um dado importante dessa tabela é o equilíbrio com que são usadas as formas **você** e **senhor** na díade H→H nos dois níveis de escolaridade. Nesse caso, o sexo exerce maior condicionamento que a escolaridade sobre a escolha do pronome de tratamento.

3.1.1.1. Escolaridade e Padrão Social

Neste trabalho, o nível de escolaridade do informante é considerado indício do seu **status** social. E embora **padrão social** seja um critério subjetivo, é da maior importância estudar o condicionamento que escolaridade e padrão social exercem no comportamento lingüístico dos falantes, quando em situações de assimetria social.

TABELA 8

FREQUÊNCIA PORCENTUAL DE USO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO LOCUTOR E O PADRÃO SOCIAL APARENTE DO INTERLOCUTOR (alfabetizados - falantes que tenham cursado até a 8a. série do 1º grau; universitários-falantes que tenham concluído o 2º grau e curso superior; dirigindo-se a →)

Escolaridade e Padrão Social				
Tratamento	ALFABETIZADOS		UNIVERSITÁRIOS	
	Padrão Social Aparente		Padrão Social Aparente	
	baixo	alto	baixo	alto
0	22 45%	12 28%	16 43%	20 53%
Você	8 16%	2 5%	10 27%	8 21%
Senhor	19 39%	29 67%	11 30%	10 26%
TOTAL	49	43	37	38

Como era de supor, o informante de nível universitário não se deixa influenciar pelo padrão social do seu interlocutor, ao contrário do alfabetizado, que aborda cerimoniosamente o interlocutor de **status** superior ao seu. É interessante notar que os falantes alfabetizados, quando no seu grupo social, ou seja, dirigindo-se à pessoas de nível social baixo, usam ora pronome de tratamento-zero, ora pronome de cerimônia, mas não usam em situação alguma a forma **você** com frequência significativa. Um dado revelador dessa tabela é o fato de tanto informantes universitários como alfabetizados optarem pelo pronome de tratamento-zero quando das abordagens dentro do seu grupo social.

Conclusão Preliminar

Embora a primeira análise tenha dado a escolaridade como o mais efetivo dos condicionadores sociais, no cruzamento dos fatores, por vezes, a influência do sexo mostrou-se predominante. Sejam disso exemplo os resultados da díade H→H da tabela 7, em que os informantes masculinos rompem o padrão proposto pela escolaridade, que, quando alta, reforça o emprego da forma **você**, e, quando baixa, atua de maneira a condicionar o emprego de **senhor**. Em tal díade os informantes mostram equilíbrio no emprego das formas **você** e **senhor**, independente do nível de escolaridade dos seus membros.

3.2. Condicionadores Lingüísticos

Nesta subseção do trabalho serão trabalhados como condicionadores lingüísticos do pronome de tratamento as formas de interpelação e mitigação.

3.2.1. Pronome de Tratamento e Interpelação

TABELA 9

FREQÜÊNCIA PORCENTUAL DE USO SIMULTÂNEO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO E FORMAS DE INTERPELAÇÃO. (chamamento = ei, psiu, ô ...; polidez = por favor, por gentileza ...; vocativo = cara, bicho, meu senhor, dona ...; cumprimento = bom dia, olá, tudo bem ...) (3)

Pronome	Interpelação					Total
	chamamento	polidez	vocativo	cumprimento	0	
0 (n=764)	32 37%	180 57%	170 71%	38 46%	344 43%	764
Você (n=528)	50 58%	89 28%	54 22%	40 47%	295 37%	528
Senhor (n=234)	4 5%	48 15%	17 7%	6 7%	159 20%	234
TOTAL	86 100%	317 100%	241 100%	84 100%	798 100%	1.526

Pela tabela acima vê-se que há correlações significativas entre o pronome e as formas de interpelação. Assim é que

pronome de tratamento-zero e vocativo se complementam, enquanto a forma **senhor** dispensa qualquer outro tipo de abordagem. Ela se basta. **Você** coocorre principalmente com chamamento e dentre as formas acima é um tanto incompatível com vocativo. Tanto o **pronome de tratamento-zero** quanto a forma **você** podem ser acompanhados de cumprimentos, mas é muito pouco provável que o cumprimento coocorra com **senhor**. Segundo essa tabela, as díades de compatibilização que exprimiram a expectativa de uso seriam as seguintes:

- a - pronome de tratamento-zero + vocativo ou
- b - você + chamamento ou
- c - senhor + grau zero de interpelação

3.2.2. Pronome de Tratamento e Mitigação

TABELA 10

FREQUÊNCIA PORCENTUAL DE USO SIMULTÂNEO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO E DAS FORMAS DE MITIGAÇÃO. ⁽³⁾

Pronome	Pronome de Tratamento e Mitigação			Total
	Sintática	Justificativa	Nenhuma	
0	202 27%	43 45%	594 68%	839
Você	308 42%	35 37%	187 21%	530
Senhor	230 31%	17 18%	98 11%	345
TOTAL	740 100%	95 100%	879 100%	1.714

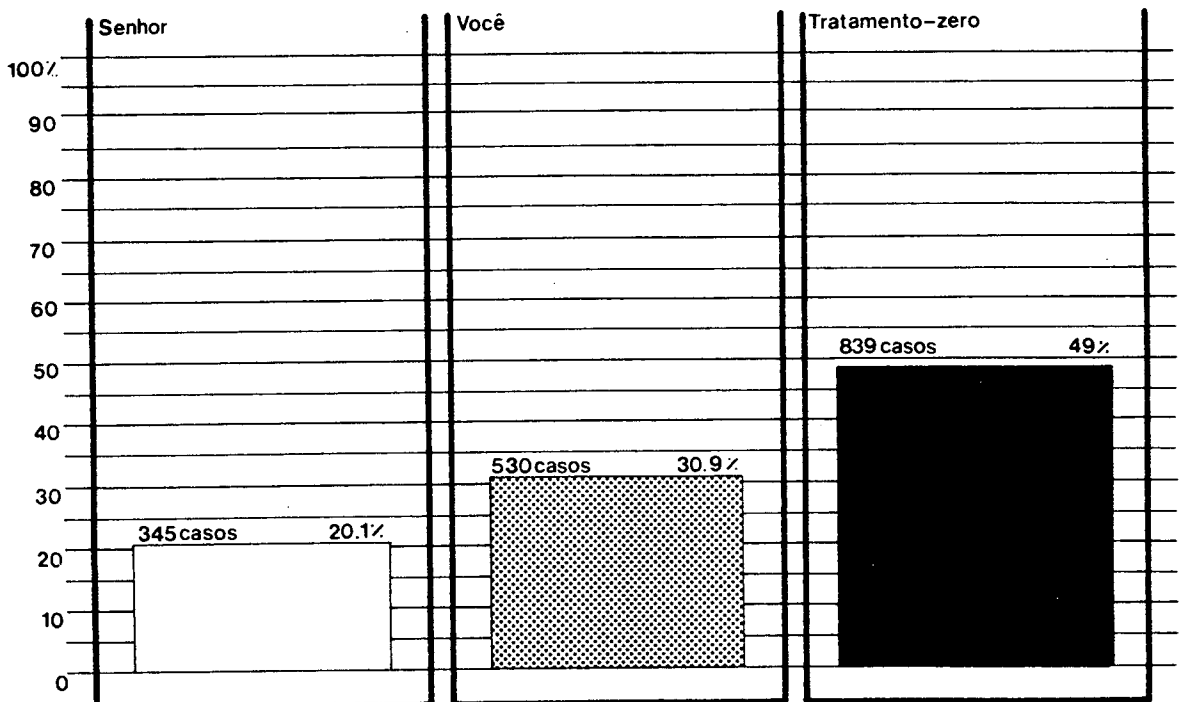
Uma das intuições iniciais do trabalho era a substituição do pronome de tratamento-zero pela mitigação. Os dados da tabela mostram a impossibilidade de comprovação de tal idéia. Quando não há explicação do pronome de tratamento, é alto o não-emprego da mitigação.

3.3. Considerações Finais deste Capítulo

Na conclusão deste capítulo, deve ser ressaltada a baixa frequência de uso da forma senhor, que, além de não ter seu emprego efetivado por força de condicionamento social, se mostrou pouco compatível com as formas de interpelação e mitigação. Pelo número de ocorrências dos pronomes de tratamento, constatou-se que o módulo geral desse sistema é formado pelas formas pronome de tratamento-zero, você e senhor, cujas porcentagens de emprego podem ser vistas no gráfico a seguir:

GRÁFICO 10

USO GERAL DAS FORMAS DE TRATAMENTO



Uma das premissas desta dissertação é de que o sistema pronominal de tratamento não é bipartido e nem tão pouco pode ser reduzido às formas **você e senhor**. Não consistiu, pois, surpresa a constatação de um terceiro elemento no sistema. Mas é notável a predominância de seu uso em detrimento das outras formas, razão pela qual, no próximo capítulo, serão aventadas hipóteses para o valor e a função do pronome de **tratamento-zero** no dialeto curitibano.

Notas

1. Todas as tabelas apresentadas neste trabalho apresentam arredondamento de valores nas casas decimais.
2. Nesse trabalho, Tarallo (1987) [30] limitou-se em estudar o desempenho de entrevistadoras em situação de interação com entrevistadores dos dois sexos. Entretanto, o autor não documentou o comportamento de locutores do sexo masculino em entrevistas à mulheres. Não há, portanto, argumentos para afirmação da inferioridade ou solidariedade na díade H→M, em entrevistas nos meios de comunicação.
3. Na análise das ocorrências simultâneas de pronome de tratamento e interpelação, foram abandonadas algumas formas de interpelação que não se mostraram significantes quando da aplicação do teste Qui-quadrado. Por isso, essa tabela apresenta total de dados (1526) diferentes das tabelas gerais de **Pronomes de Tratamento** (tabela 1, total 1714) e Pronome de Tratamento e Mitigação (tabela 10, total de dados 1714). As formas não computadas para essa tabela são: gesto, polidez + vocativo, vocativo + cumprimento, polidez + cumprimento, chamamento + vocativo, chamamento + polidez.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

No capítulo anterior foi examinado o uso de cada forma de tratamento, segundo condicionamentos sociais e lingüísticos. Neste, baseando-se nos resultados anteriores, nas informações extraídas da revisão bibliográfica e experiência vivida durante todas as etapas do trabalho, passa-se a discutir o comportamento de cada forma de tratamento em relação às hipóteses iniciais desta dissertação.

A primeira dificuldade com que se depara o pesquisador interessado em formas de tratamento do Brasil é a escassez de estudos e referências sobre o assunto. A essa dificuldade acrescenta-se ainda o fato de as referências encontradas na gramática serem normativas e prescritivas, feita à luz da diacronia, sem explicar a diferenciação de uso das formas. Também não se encontra nos trabalhos dos gramáticos e nem mesmo

nos de sociolinguistas preocupação em investigar o potencial de formas e combinações léxicas capazes de expressar sutilezas de tratamento. Gramáticos e linguistas reduzem o tema a uma constação apenas elementar: excetuando as formas protocolares (Vossa Eminência, Vossa Excelência, entre outras), o tratamento de segunda pessoa no português do Brasil é composto de **você**, para situações de familiaridade e **senhor** para cerimônia (Cunha, 1972:210-13); [9] Biderman (1972:373). [2]

A exceção de Jensen (1981) [16] e Mundin (1981), [22] que reconhecem a legitimidade da existência do grau zero de realização do pronome de tratamento-sujeito de segunda pessoa, também não se encontra, na literatura linguística, estudos sobre a ausência desse pronome, embora seja sabido que sua omissão é frequente não só na língua portuguesa, como também na maioria das línguas latinas.

Aliás, quando se trata de analisar e descrever a omissão do pronome de tratamento-sujeito de segunda pessoa, é muito importante distingui-la da omissão do pronome-sujeito. A omissão do pronome-sujeito (e não do pronome de tratamento-sujeito) é prática que remonta ao latim e já bem documentada por gramáticos e linguistas. Para Celso Cunha (1980:284) [9] os pronomes sujeitos **eu, tu, ele (ela), nós, vós, eles (elas)** são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, assim como o número gramatical (singular e plural) dessa pessoa:

calo (eu) caímos (nós)

vendes (tu) recebestes (vós)

louva (ele, ela, você) fugirem (eles, elas, vocês)

Para Vázquez Cuesta e Mendes Luz (1971:481), [31] a língua portuguesa faz pouco uso do pronome pessoal sujeito pelo fato de apresentar, tal como em espanhol, as desinências pessoais do verbo bastante diferenciadas, de modo que a omissão do pronome não determina ambigüidade.

Assim como a ausência do pronome não determina a ausência do sujeito, a ausência do pronome de tratamento-sujeito não determina a ausência do tratamento. Esse, quando não se materializa sob a forma de pronome, é expresso ao longo de toda construção do enunciado, através das formas de polidez, ou das formas atenuadoras de abordagem ou dos sinais paralingüísticos, ou ainda na combinação de alguns desses elementos, mas mantendo sempre e com a mesma clareza os dados informativos quanto à opinião do locutor a respeito do interlocutor.

A ausência do pronome de tratamento se configura, por vezes, como produto do intervalo que se abre entre os valores com que são empregadas as formas **senhor e você**, os quais, pelas suas marcas de cerimônia e familiaridade, não traduzem as muitas nuances das várias fases e relações que recortam o contínuo da interação social. Nesse caso, o **pronome de tratamento-zero**, talvez se revista de uma significação capaz de identificá-lo não com um determinado tipo de relação, mas sim com possíveis relações nas quais o falante não esteja, ainda, emocional ou socialmente envolvido a ponto de justificar a presença do pronome de cerimônia ou de intimidade. Seria en-

tão, forma de tratamento dada a interlocutor não-solidário, não-superior. Seu emprego seria determinado pela consciência do falante de que não há motivo para dirigir-se ao interlocutor tratando-o por **quer você quer por senhor**.

O quadro a seguir mostra o emprego do **pronome de tratamento-zero** por falantes dos dois sexos, com idade variando entre 30 e 39 anos, com curso superior concluído, na abordagem de interlocutor da mesma faixa etária e padrão social aparente que o grupo em questão.

QUADRO II

fotografia 8

Informante	Pronome de Tratamento	
	dado	esperado
F3S1	0	você ou senhor
F3S2	0	
F3S3	você	
F3S1	0	
M3S2	0	
M3S3	0	

Para a fotografia 8, era de supor que o informante optasse entre os pronomes **você** e **senhor**. A escolha de **você**, se justificaria pela identidade social locutor/interlocutor que poderia levar a uma abordagem solidária e descontraída; já a escolha de **senhor** se explicaria por uma atitude de respeito pelo **status** da profissão pelo reconhecimento da condição de detentor da informação, que o interlocutor daria ou não. E, nesse caso, o emprego do pronome de cerimônia teria como função mitigar a abordagem.

Os resultados mostraram que identidade social entre locutores e interlocutor, nesse grupo, não condicionou o emprego de **você**, talvez porque a relação social não fosse de familiaridade e, provavelmente, porque não fosse de cerimônia também não determinou o emprego de **senhor**. Mais que a identidade social, seria, pois, a situação em que se desenvolve a abordagem a influência predominante na escolha do tratamento.

Há que se considerar também o tipo de assunto a ser desenvolvido ou o favor que se pretende obter, como fatores determinantes do grau de formalismo da situação e, portanto, como um condicionador indireto da escolha da forma de tratamento. Perguntar a um professor onde fica a secretaria da escola é fazer um pedido banal. Mas não se pode dizer o mesmo da solicitação de empréstimo a um gerente de banco, no seu local de trabalho. Como era a situação em que deveriam se colocar os informantes no Quadro III, que mostra o pronome de tratamento-zero usado pelo grupo de falantes nos dois sexos, com idade variando entre 30 e 39 anos, com curso superior concluído, na abordagem de um interlocutor da mesma faixa etária na condição de executivo (gerente de um estabelecimento bancário).

QUADRO III

fotografia 10

Informante	Pronome de Tratamento	
	dado	esperado
F3S1	0	você / 0 / senhor
F3S2	senhor	
F3S3	você	
M3S1	0	
M3S2	0	
M3S3	0	

Com relação a abordagem a ser feita à pessoa mostrada na fotografia 10 e considerando o tipo de favor que lhe pediram, a expectativa era de que os falantes se sentissem diante das três possibilidades. A primeira delas, menos provável, seria o informante se ater à identidade existente entre o seu perfil social e o de interlocutor e, então, tratá-lo por **você**. Uma segunda possibilidade seria o informante reconhecer o poder social que a instituição confere àquele funcionário e tratá-lo cerimoniosamente, usando a forma **senhor**, apesar da identidade dos perfis sociais. Como última alternativa, o falante podia não reconhecer ou relativizar o poder do interlocutor, mas também não sentir a identidade de perfis sociais como motivação para estabelecer relação de solidariedade e, por isso, optar pelo **pronome de tratamento-zero**, já que a relação social não teria se caracterizado como solidária ou cerimoniosa.

Aqui, como na situação anteriormente descrita, pode-se perceber que a identidade de perfil social não determinou o

uso do pronome de solidariedade, assim como apenas o poder socialmente atribuído não condicionou o emprego da forma cerimoniosa. Não existindo, efetivamente, relação de solidariedade ou cerimônia, o falante optaria pelo pronome de tratamento-zero.

A condição de forma não-marcada como de poder ou de solidariedade absolutos daria ao **pronome de tratamento-zero** possibilidade de refletir um tipo de relação social em que o falante aborda respeitosamente o seu interlocutor, sem, contudo, tratá-lo com excesso de deferência. Empregado nesse contexto social, o **pronome de tratamento-zero** parece configurar-se como forma convergente de duas posturas distintas, solidariedade e poder. É **tratamento solidário e cerimonioso**, mas não é **reconhecimento de poder social**. Nesse caso, sua realização se dá nas situações em que o interlocutor sugere a expectativa de ser tratado por **senhor (a)** sem com isso criar qualquer constrangimento para os membros da díade. Tal era possível prever que acontecesse na abordagem de uma pessoa como a que nos mostra a fotografia 15. O quadro a seguir mostra o comportamento de informantes dos dois sexos, com idade variando entre 40 e 49 anos e com curso superior concluído, na abordagem de interlocutor mais idoso e com o mesmo padrão social aparente dos seus interlocutores.

QUADRO IV

fotografia 15

Informantes	Pronome de Tratamento	
	dado	esperado
F4S1	0	senhor
F4S2	senhor	
F4S3	senhor	
M4S1	0	
M4S2	0	
M4S3	0	

Com vistas aos resultados do Quadro IV, pode-se reafirmar que o poder, aqui devido ao fator social idade, não condiciona a forma **senhor**. Nesse grupo de falantes, o tratamento - sem dúvida respeitoso - é dado pelo pronome de tratamento-zero, numa forma de abordagem em que confluem solidariedade e cerimônia sem subserviência.

Em alguns casos particulares, o pronome de tratamento-zero estaria a refletir o mandonismo do locutor em relação ao seu interlocutor. Aliás, é com essa conotação que ocorreu a sua freqüência mais alta, 62% de emprego na díade H→M alfabetizados. Já em outros casos, a função do zero parece ser a de impor distância. Seja exemplo o quadro a seguir que mostra os resultados relativos ao uso do pronome de tratamento-zero por locutores de baixo padrão social aparente dos dois sexos, com idade variando entre 30 e 39 anos, dirigindo-se a interlocutores do sexo feminino de também baixo padrão social aparente.

QUADRO V

fotografia 4

Informante	Pronome de Tratamento	
	dado	esperado
F3AL1	senhora	senhora
F3AL2	0	
F3AL3	senhora	
M3.AL1	0	
M3AL2	senhora	
M3AL3	0	

A baixa escolaridade desse grupo sugeria que os locutores, ao se dirigirem à interlocutora de baixo padrão social aparente, usassem significativamente a forma **senhora**. Essa hipótese, porém, não se confirmou. Com vistas a esse grupo, é possível entender o pronome de tratamento-zero como uma nova forma de pólo cerimonioso cuja função seria a de manter distância entre interlocutores.

Também há empregos do **pronome de tratamento-zero** que parecem ter como objetivo contestar a condição de formas de solidariedade ou de cerimônia atribuídas aos pronomes **você** e **senhor**. Possibilidade que deve ser considerada, como mostram os resultados relativos ao uso do **pronome de tratamento-zero** por falantes de baixo padrão social aparente, com idade variando entre 30 e 39 anos, dos dois sexos, dirigindo-se a uma policial (guarda de trânsito) em serviço.

QUADRO VI

fotografia 14

Informante	Pronome de Tratamento	
	dados	esperado
F3AL1	você	0 você
F3AL2	você	ou senhora
F3AL3	0	
M3AL1	0	
M3AL2	senhorita	
M3AL3	0	

É fato notório na literatura sociolinguística - e no capítulo anterior ficou comprovado mais uma vez - que as mulheres não são solidárias entre si. Os resultados analisados anteriormente também mostram que nos grupos de baixo padrão social aparente, raramente a forma **você** é empregada. É possível então concluir que, nesse quadro, assim como no anteriormente descrito, o pronome **você** empregado na díade M→M não indica solidariedade, mas sim negação do poder socialmente atribuído à interlocutora. Quanto ao **pronome de tratamento-zero** na díade H→M, sua função parece ser a de refletir o não conhecimento do poder socialmente delegado à interlocutora, uma vez que o homem de baixa escolaridade além de não ser solidário à mulher, age, muitas vezes, com mandonismo em relação a ela.

O pronome de tratamento-zero não se presta ao mascaramento do discurso ou à manifestação de pseudo-solidariedade. É o que se deduz, diante dos resultados relativos ao uso

dos pronomes de tratamento empregados por falantes de 30-39 anos dos dois sexos, com curso superior concluído na abordagem de um mendigo.

QUADRO VII

fotografia 18

	Pronome de Tratamento	
	dado	esperado
F3S1	você	senhor, você
F3S2	senhor	0
F3S3	você	
M3S1	você	
M3S2	você	
M3S3	você	

A grande assimetria social sugeria o uso de **senhor** como marca de exercício do poder, ou de **você**, como estratégia para mascarar a abordagem. Era de considerar também a hipótese de o **pronome de tratamento-zero** ser usado, aqui, como forma de esquivança. O falante não diria **senhor** para simular solidariedade, mas também não trataria o interlocutor por **você** para se manter socialmente superior. Os resultados mostraram a nítida preferência dos informantes pela forma **vo-cê**. É interessante observar que, provavelmente, pelo tipo de tarefa atribuída ao informante - pedir que o seu interlocutor se retirasse -, esse foi o único caso de abordagem em que o pronome apareceu repetidas vezes no enunciado. Como em:

Por gentileza, não dá para **você** se retirar desse local? Eu gostaria que **você** se retirasse. M 3 S 2

Você não quer ir para outro lugar? Aqui não é bom **você** ficar. M 3 S 3

Também o grupo de falantes alfabetizados, dos dois sexos, com idade variando entre 40 e 49 anos, repetiu o emprego do pronome na construção do enunciado. Como:

Olha, **você** vai me desculpar, mas você tem que se arrancar daqui. Não dá para **você** abusar. M 4 AL 2

O **senhor** vai me desculpar, mas aí o **senhor** não pode ficar. M 4 AL 3

Na análise dos resultados das abordagens feitas ao mendigo, deve-se considerar o constrangimento provavelmente contido na atitude de pedir a alguém que se retire de determinado local, mas não se deve entender que seja esse o único responsável pelo não emprego do **pronome de tratamento-zero**. É de supor que haja outros impedimentos para o emprego de tal forma, como, talvez, o baixo padrão social aparente do interlocutor. Como se constata nas abordagens feitas a um vendedor de rede e uma vendedora de bilhetes de loteria, tratados por **você** e **senhor**, num jogo de dados provavelmente esclarecido pela influência do sexo do interlocutor. Como se vê no quadro a seguir que mostra os resultados gerais da pesquisa relativos as abordagens feitas às pessoas das fotografias 3 e 7.

QUADRO VIII

Pronome de Tratamento

Formas	Nº de Ocorrência	
	Fotografia 3	Fotografia 7
0	20	20
você	35	41
senhor	41	35
TOTAL	96	96

É possível que haja no falante expectativa quanto a harmonização entre os condicionadores sociais. Essa harmonia se evidenciaria na compatibilização dos elementos componentes da semântica do poder ou da solidariedade. Assim é que uma pessoa, quando no exercício de um papel que traduza reconhecida autoridade com poderes delegados por instituição social, deve apresentar também outras características de gravidade ou poder como, por exemplo, não ser muito jovem. Uma vez quebrada essa harmonia, o falante pode se sentir inseguro quanto à abordagem a ser feita. Por isso, para os militares da fotografia 1, esperava-se que a pouca idade deles, associada a condição de autoridade exercida por eles no momento da abordagem, gerasse no informante algum conflito quanto à escolha do pronome de tratamento. Tal conflito se resolveria na opção pelo **pronome de tratamento-zero**, que permitiria ao informante não só evitar a carga semântica do **senhor** - aparentemente muito forte para ser dada à pessoas jovens, ainda que na qualidade de representantes de uma instituição austera -, como também

contornar a insinuação de solidariedade indevida com o emprego de **você**. Nesse caso, o **pronome de tratamento-zero** traduziria o **comportamento de evitação, cuja finalidade seria o não-comprometimento com a semântica do poder ou da solidariedade.**

O resultado geral da pesquisa acusa a validade da hipótese acima. Dos noventa e seis informantes, dezoito deles empregaram o pronome **senhor**, vinte e um usaram **você** e cinquenta e sete optaram pelo **pronome de tratamento-zero**, quando da abordagem às pessoas da foto 1. A alternância com que foram empregadas as formas **você** e **senhor** parece testemunhar a insegurança do falante, que não teria encontrado nos condicionadores sociais - idade e classe ocupacional do interlocutor - um elemento concludente que direcionasse a escolha para **senhor** e **você**. Assim como em outros grupos de informantes vistos anteriormente, identidade de faixa etária e poder social atribuído não condicionaram o emprego do pronome de solidariedade ou de tratamento. Tal ocorreu no grupo de informantes alfabetizados, dos dois sexos com a idade variando entre 22 e 29 anos, dirigindo-se a interlocutor da mesma faixa etária e com algum poder atribuído por instituição social, como se vê no quadro a seguir:

QUADRO IX

fotografia 1

Informante	Pronome de tratamento	
	dado	esperado
F2AL1	senhor	0
F2AL2	0	
F2AL3	0	
M2AL1	0	
M2AL2	senhor	
M2AL3	0	

Também poderia ser índice da função de evitação que o pronome de tratamento-zero exerce a frequência de empregos das formas **você** e **senhor**, como mostram os dados gerais da pesquisa com relação à abordagem feita a pessoa da fotografia 12 colocados no quadro a seguir.

QUADRO X

fotografia 12 - dados gerais

Dados		esperado
formas	ocorrência	
0	40	0 - você - senhor
você	29	
senhor	27	
TOTAL	96	

Uma forma particular de evitação é sugerida pelo **pronome de tratamento-zero** quando o objetivo aparente é escamotear o emprego de **senhora**.

QUADRO XV

fotografia 16

Informantes	Pronomes de Tratamento	
	dado	esperado
F21.1	você	0 ou você
F21.2	você	
F21.3	você	
M21.1.	você	
M21.2	0	
M21.3	0	

Por vezes, o pronome de tratamento-zero parece ter como função negar à pessoa abordada o status de interlocutor, transformando-a em mera cumpridora de ordens. Nesse caso, sua frequência é quase absoluta, como revelam os dados a seguir:

QUADRO XVI

fotografia 2 - dados gerais

Pronome de Tratamento		
dado		
forma	nº ocorrência	
0	82	0 - você - senhor
você	3	
senhor	11	
TOTAL	96	

QUADRO XI

fotografia 11 - dados gerais

Pronome de Tratamento		esperado
dado		
forma	ocorrências	
0	35	senhora
você	26	
senhora	35	
TOTAL	96	

O pronome de tratamento-zero pode também ser forma de **solidariedade**. Caso em que sua ocorrência se dá em contexto social de descontração, que autoriza o emprego de **você**, como era possível prever no grupo de informantes dos dois sexos, com idade variando entre 30 e 39 anos e que concluíram algum curso do 2º grau, dirigindo-se a locutores da mesma faixa etária e padrão social aparente a exemplo do que se vê nos quadros seguintes:

QUADRO XII

fotografia 13

Informante	Pronome de Tratamento	
	dado	esperado
F21.1	0	0 ou você
F21.2	você	
F21.3	0	
M21.1	0	
M21.2	você	
M21.3	você	

QUADRO XIII

fotografia 5

Informante	Pronome de Tratamento	
	dado	esperado
F21.1	você	0 - você
F21.2	0	
F21.3	0	
M21.1	você	
M21.2	você	
M21.3	0	

Das dezoito situações criadas para elicitare as formas de tratamento, apenas em duas delas, o **pronome de tratamento-zero** competiu com **você**. De posse dessa informação, parece ser possível concluir que **embora em alguns contextos e pronome de tratamento-zero assumam a condição de forma solidária, essa não é a sua melhor tradução**. Como pode se constatar no comportamento de falantes dos dois sexos, com idade variando entre 22 e 29 anos e com o 1º grau de escolaridade concluído, na abordagem de interlocutora da mesma faixa etária, refletido nos quadros seguintes:

QUADRO XIV

fotografia 17

Informantes	Pronome de Tratamento	
	dado	esperado
F21.1.	você	0 - você
F21.2	você	
F21.3	você	
M21.1	você	
M21.2	você	
M21.3	0	

QUADRO XVII

fotografia 9 - dados gerais

Pronome de Tratamento		esperado
dado		
forma	ocorrência	
0	89	0 - senhora
você	3	
senhor	4	
TOTAL	96	

Considerações finais deste capítulo

Neste capítulo, a par do alto índice de frequência com que foi empregado o **pronome** de tratamento-zero, deve ser ressaltado o pouco uso da forma **senhor**, que não teve seu emprego efetivado nem mesmo quando o contexto social o favorecia. O resultado geral da pesquisa mostra a não-significância da diferença de emprego dos pronomes **você** e **senhor** na única situação em que a escolha do informante recaiu sobre **senhor**, resultado que poderá ser melhor analisado no quadro a seguir:

QUADRO XVIII

fotografia 3

dados gerais

Pronome de Tratamento		esperado
dado		
forma	nº de ocorrência	
0	20	você - senhor
você	35	
senhor	41	
TOTAL	96	

Alguns contextos anteriormente analisados mostraram que na abordagem de interlocutores de baixo padrão social aparente não ocorre o uso do **pronome de tratamento-zero** porque essa não é forma que se preste ao mascaramento discursivo. No capítulo I, comentou-se sobre a carga de ambigüidade da qual são portadores tanto **você** quanto **senhor**, que ora são formas de solidariedade e respeito, ora são manipulações discursivas com as quais o falante se apodera do discurso de outrem para obter lucros lingüísticos e sociais, e ora são estratégias para rebaixar socialmente o interlocutor. Disso sirvam de exemplo as abordagens recebidas pela pessoa da fotografia 3 (quadro XVIII), nas quais não se é possível assegurar com que funções e valores foram empregados **você** e **senhor**. Mas é possível supor que **você** não tenha valor de solidariedade e que **senhor** não tenha sido empregado como forma cerimoniosa, de respeito, e sim como pseudo-respeito ou marcador de distância, uma vez que se tratava de interlocutor de baixo padrão social aparente.

Assim como o pronome **senhor**, **você** também é forma passível de ser substituída ou de cocorrer com o **pronome de tratamento-zero**. São, portanto, **senhor**, **você** e **pronome de tratamento-zero**, formas ambíguas de tratamento, cuja função social e carga semântica se efetivam no contexto social e ao longo da construção do enunciado. São as combinações léxicas, associadas a fatores extralingüísticos, que traduzem as muitas nuances de solidariedade e deferência de que são portadoras as relações sociais.

Compare-se, por exemplo, as seguintes formas de abor-

dagem:

Bom dia, onde fica o Largo da Ordem? F 25.3.

Por favor, você poderia me informar onde fica o Largo da Ordem? M25.2.

Aeroporto, por favor. F25.2.

Bom dia, faz favor, você me leva ao aeroporto. M25.1.

Esse trabalho é feito por quem? Pelo Senhor? F25.1.

Que rede bonita! Foi o senhor que fez? M25.3.

Por favor, você sabe onde é o Boticário? F25.2.

Gata, onde é o Boticário? M25.3.

Já foi afirmado neste trabalho que sempre que o tratamento dado não corresponde à expectativa do interlocutor, cria-se um clima de estranheza entre os falantes, o que pode comprometer toda relação entre os indivíduos envolvidos na interação social. Tal estranheza pode ser levada a extremo quando da abordagem a um indivíduo desconhecido. A esse constrangimento, acrescenta-se ainda o problema da seleção do pronome de tratamento - sujeito, que, por apresentar, em português, apenas duas formas, não satisfaz as necessidades do falante que - não raro - se vê obrigado a se valer de estratégias de abordagem que não o comprometem diante do seu interlocutor. Nessas abordagens, busca-se contornar as marcas de solidariedade e de poder. É sem dúvida com o emprego do pronome de trata-

mento-zero que, pela sua condição de forma não-marcada, se alcança tal objetivo. Com efeito, as cargas semânticas contidas em **você** e **senhor** impossibilitam o uso de tais formas sempre que o indivíduo-símbolo a ser abordado se apresente com traços sociais contraditórios, como um jovem no desempenho de um papel para o qual, se imagina, o normal seria uma pessoa mais idosa.

De um modo geral, o pronome de tratamento pode, na concretização de seu uso, apresentar uma ruptura com o seu próprio padrão. Por exemplo, quando **você** é empregado como manifestação de pseudo-solidariedade, tal forma rompe com o seu padrão ideal, qual seja o de forma solidária. Do mesmo comportamento pode ser acusado o tratamento **senhor**, quando deixa de ser cerimonioso para ser marcador de distância ou exercício de poder, como quando falante socialmente superior se dirige a interlocutor inferior. Entretanto, não se pode dizer o mesmo do **pronome de tratamento-zero**, cuja significação básica apontaria para relações nas quais o falante não esteja, ainda, emocional ou socialmente envolvido para tratar seu interlocutor quer por forma familiar, quer por forma cerimoniosa. O **pronome de tratamento-zero** mantém no seu uso o seu significado básico, evitando tanto a familiaridade quanto a cerimônia indevidas e rompe, por isso, com o padrão dos outros dois pronomes, que se propõem serem de solidariedade e de poder, independentemente do grau de interação social existente entre os indivíduos.

O comportamento do sistema de tratamento no dialeto

curitibano será assunto do próximo capítulo, já em sua relação com os outros sistemas descritos no capítulo I.

CAPÍTULO V

ANÁLISE COMPARATIVA

Este capítulo terá como tema as relações possíveis entre os sistemas de tratamento de outras línguas e dialetos descritos anteriormente e os resultados relativos à pesquisa das formas de tratamento no dialeto curitibano.

Dos sistemas descritos aqui, vê-se que, por um lado, o tratamento português de Portugal se opõe claramente ao das línguas javanesa, japonesa e coreana, por essas terem seus honoríficos formados pela flexão verbal; por outro, o vietnamita, no seu estágio atual em que os pronomes de tratamento estão sendo substituídos por títulos, termos de parentesco e nomes próprios, parece começar se aproximar do português europeu. Contudo, há entre os sistemas vietnamita e português uma diferença que deve ser ressaltada. Em vietnamita, o emprego do nome é uma forma de não declarar presença ou ausência de

solidariedade; em português, é uma deferência. Assim como em vietnamita, o dialeto curitibano tem uma forma de evitar as marcas de solidariedade, não pelo emprego do nome mas sim pelo grau zero de realização do pronome de tratamento.

Assim como nas suas irmãs européias, o tratamento português de Portugal condiciona suas formas ao eixo poder/solidariedade sem nuances semânticas em cada um desses paradigmas - em evidente oposição às línguas orientais - mas, ao contrário de suas irmãs, apresenta uma forma intermediária. Ao contrário das línguas européias que optam pelo tratamento **pronominal**, o português de Portugal opta pelo **nominal**. Assim como na língua espanhola, e ao contrário da francesa, utiliza, sem ferir a norma lingüística, o **tratamento verbal**. Em oposição à língua francesa, e bem como na espanhola, no dialeto curitibano a ausência do pronome de tratamento-sujeito da segunda pessoa não traz agramaticalidade à frase.

No plano da cortesia, considerado pela literatura lingüística o mais rico em formas dentro do sistema, o português de Portugal utiliza **Vossa Excelência**, seguido ou não de títulos profissionais ou acadêmicos, seguidos de **Senhor**, mas **Vossa Excelência e Senhor** são formas gerais que adquirem no título em questão maior plenitude semântica, ao contrário das línguas orientais, em que cada flexão verbal designa exatamente qual é a distância social entre os interlocutores. Ao contrário das línguas orientais e portuguesa de Portugal, no dialeto curitibano, o tratamento de deferência e a marca de distância social entre os interlocutores é manifestado ao longo de toda a construção do enunciado, independentemente do

emprego do pronome de cerimônia.

Por ser um sistema tripartido, cuja maior característica é o tratamento **nominal**, o sistema de tratamento do português de Portugal tem uma estrutura própria que o diferencia tanto dos honoríficos orientais quanto do padrão europeu de tratamento. Assim como o sistema português europeu e ao contrário dos honoríficos, no dialeto curitibano, o sistema de tratamento se apresenta tripartido, porém, uma das suas formas - o pronome de tratamento-zero - tem como função não intermediar a familiaridade e a cerimônia, mas sim evitá-las quando indevidas.

Assim como em Angola, percebe-se em Curitiba uma insegurança quanto a escolha da forma do tratamento, mas ao contrário da sociedade angolana, em que a incerteza é quanto às formas verbais, aqui se tem dúvida quanto a escolha entre **voçê** e **senhor**. E se o angolano escolhe **voçê**; o curitibano prefere o **pronome de tratamento-zero**. Mas ambos os sistemas utilizam com pouca frequência a forma **senhor**.

As razões que Mundin [22] encontrou no dialeto carioca para a opção pelo grau zero de realização do **pronome de tratamento-sujeito** coincidem com as origens do pronome de tratamento-zero do dialeto curitibano: o não - posicionamento social do falante diante do seu interlocutor e a possibilidade de se fazer uma abordagem direta, sem pronome de tratamento. Ainda em comportamento semelhante ao encontrado em pesquisa do dialeto carioca (Oliveria e Silva), [25] em Curitiba, o maior número de ocorrência do tratamento cerimonioso é en-

contrado nos falantes de classes socialmente mais baixas e menos instruídas.

Como Brown e Gilman [5] constatavam nos países da Europa, também no dialeto curitibano a forma cerimoniosa de tratamento está sendo substituída pela não-cerimoniosa.

Da mesma forma que Brian Head [14] constatou em suas pesquisas que o tipo de relação locutor/interlocutor é o maior condicionamento social na escolha T : V, o mesmo pode-se concluir do dialeto curitibano, que tem no alto índice de frequência do **pronome de tratamento-zero** o reflexo da vontade ou da necessidade que o falante sentiu de contornar as marcas de solidariedade e poder, uma vez que, nesta investigação, os informantes abordavam pessoas desconhecidas, num contexto em que as relações não eram nem de cerimônia nem de familiaridade.

Da discussão feita no capítulo I à luz de propostas e asserções de lingüistas em busca de explicação para a escolha T : V, pôde-se concluir que, com exceção do português de Portugal, os demais sistemas - inclusive o do dialeto curitibano - parecem estar evoluindo em direção à informalidade, desfazendo as grandes diferenciações.

Ao contrário do que afirmam lingüistas e gramáticos, o sistema pronominal de tratamento de português do Brasil, não é bipartido, ou pelo menos não o é em todas as regiões. Há, no dialeto curitibano, assim como no carioca, um terceiro elemento - o grau zero de realização do pronome de tratamento-sujeito de segunda pessoa. Esse elemento tem, em todas as

línguas e dialetos que o admitem, determinantes semelhantes: a vontade do falante de evitar o seu posicionamento social diante do interlocutor, contornar as marcas de poder e solidariedade e a possibilidade de abordagem direta ao interlocutor.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho, estabelecido na introdução, era fazer uma investigação sociolingüística que permitisse delinear o quadro sincrônico do sistema de tratamento do dialeto curitibano. No que se refere à análise quantitativa do estudo sociolingüístico, foi constatado que, de todas as formas de tratamento, a mais utilizada foi o **pronome de tratamento-zero** (839 ocorrências, 49%) seguida de **você** (530 ocorrências, 30.9%) e finalmente **senhor** (345 ocorrências, 20.1%). Dos condicionamentos lingüísticos propostos, apenas a interpelação se mostrou fortemente ligada ao pronome de tratamento, já que a mitigação não correspondeu à expectativa da autora. Dos fatores sociais, a escolaridade teve maior atuação, embora em contextos particulares fosse suplantada pelo sexo, que, de modo geral, se mostrou como irrelevante no estudo do tratamen-

to.

A opção T : V no dialeto curitibano é determinada não só pelas características pessoais dos membros da díade (sexo, faixa etária e padrão social aparente) mas também pelo contexto social em que os falantes se encontram. Na escolha entre T ou V, o falante se respalda no conhecimento, certamente não-consciente, de que o pronome adquire um significado particular em cada contexto social em que se produz a abordagem. É nesse saber do falante que se encontra a justificativa de emprego de *voce* a interlocutores desconhecidos, pois se essa fosse, de fato, somente forma de familiaridade, sua manifestação não teria se dado nessa pesquisa em que os indivíduos envolvidos na situação conversacional eram desconhecidos.

Como os informantes da faixa etária mais baixa (22 a 29 anos) empregaram a forma *senhor* com maior frequência que a de outros falantes, não se pode afirmar que tal forma esteja em extinção. É, porém, merecedor de atenção o fato de ter sido esta a forma menos usada, quando, por ser manifestação de cerimônia e distância social, deveria ter sido a forma de tratamento dada a todo interlocutor não-solidário ou desconhecido de faixa etária superior ou de padrão social aparente também superior ao do locutor.

Efetivamente, não se pode considerar o sistema de tratamento curitibano como bipolarizado. É indiscutível a existência do pronome de tratamento-zero, e plenamente compreensível seu emprego. Ele é a única opção disponível no sistema para resolver o constrangimento sentido pelo falante na abordagem de interlocutor não-solidário, não-superior.

AUTOCRÍTICA

Este trabalho apresenta algumas falhas que devem ser corrigidas numa próxima abordagem. A primeira delas, o fato de não estudar a relação tratamento-possessivo-clítico. Percebe-se facilmente que, em Cuririba, o emprego de **você + seu + lhe** resulta em tratamento cerimonioso. Ao contrário, **você + teu + te** é forma familiar de abordagem. Foi ilusório o uso de várias fotografias de pessoas que mostraram fatores sociais em aparente contradição. Um número menor de estereótipos teria facilitado a análise do material obtido no campo. Também se mostrou pouco operante a variedade dos tipos de informantes. O ideal seria que a multiplicidade de fatores se concentrassem em apenas um dos pólos, ou nos informantes ou no material de apoio. O teste montado para obter respostas abertas pode ter deixado o falante muito à vontade, o que gerou, por vezes, narrativas longas que exigiram maior tempo que o previsto para transcrição e análise da entrevista. Houve, por parte da pesquisadora, ignorância quanto à potencialidade desse instrumento.

O trabalho teria sido enriquecido se a análise sincrônica do tema tivesse sido precedida de um estudo diacrônico.

Seria conveniente que num próximo estudo do **tratamento**, se fizessem melhor distribuição de valores das formas de abordagem. O ideal seria que as formas de interpelação tivessem, no enunciado, o mesmo peso atribuído ao pronome, ao invés de ser considerada como sua determinante. Tal procedimento pos-

sibilitaria, acredita-se, a descoberta de formas denotadoras de nuances de familiaridade e de poder no sistema de tratamento.

Falta para o estudo de tratamento, à luz da teoria sociolingüística, a elaboração de um instrumento que elicite as formas de tratamento sem as sugerir - caso do questionário, mas sem deixar o informante excessivamente à vontade - como aconteceu com o teste de perguntas abertas utilizado nesta dissertação.

17. KELLER, Gary D. Spanish tú and usted: patterns of interchange. Texto xerocado sem referência.
18. LABERGE, S. Étude de la variation des pronoms définis et indéfinis dans le français parlé à Montréal. Université de Montréal, Ph.D. dissertation, 1977.
19. LABOV, Willian. Sociolinguistic patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press. 1972.
20. LYONS, John (organizador). Novos horizontes em lingüística. São Paulo. Cultrix e Ed. Universidade de São Paulo. 1976. pp. 277-290.
21. LYONS, John. Linguagem e lingüística. Rio, Zahar/editores, 1982.
22. MUMDIM, Sonia Moura. Formas de tratamento e vocativo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras da UFRJ. 1981. Dissertação de Mestrado.
23. POPLACK, S. Function and process in a variable phonology. University of Pennsylvania Ph.D. dissertation. 1979.
24. SANKOFF, G. The social life of language. University of Pennsylvania Press. 1980.
25. SILVA, Gisele Machline de Oliveira e. Aspectos socio-lingüísticos dos pronomes de tratamento em português e francês. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras da UFRJ, 1974. Dissertação de Mestrado.
26. SILVA, Gisele Machline de Oliveira e. Estudo da Regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras da UFRJ, 1982. Tese de doutoramento.
27. SILVA - BRUMMEL, Maria Fernanda. As formas de tratamento no português angolano. Texto xerocado sem referência.
28. TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolingüística. São Paulo, Cética, 1985 (série princípios).
29. TARALLO, Fernando e ALKMIN, Sânea. Falares crioulos. Línguas em contato. Ática. 1987 (série princípios) pp. 55-59.
30. TRUDGILL, P. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban british english of Norwich. In Language in society. 1972. pp. 179-95.
31. VÁZQUEZ CUESTA, Pilar e MENDES LUZ, Albertina. Gramática portuguesa. São Paulo. Livraria Martins Fontes. 1971.

17. KELLER, Gary D. Spanish tú and usted: patterns of interchange. Texto xerocado sem referência.
18. LABERGE, S. Étude de la variation des pronoms définis et indéfinis dans le français parlé à Montréal. Université de Montréal, Ph.D. dissertation, 1977.
19. LABOV, Willian. Sociolinguistic patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press. 1972.
20. LYONS, John (organizador). Novos horizontes em lingüística. São Paulo. Cultrix e Ed. Universidade de São Paulo. 1976. pp. 277-290.
21. LYONS, John. Linguagem e lingüística. Rio, Zahar/editores, 1982.
22. MUMDIM, Sonia Moura. Formas de tratamento e vocativo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras da UFRJ. 1981. Dissertação de Mestrado.
23. POPLACK, S. Function and process in a variable phonology. University of Pennsylvania Ph.D. dissertation. 1979.
24. SANKOFF, G. The social life of language. University of Pennsylvania Press. 1980.
25. SILVA, Gisele Machline de Oliveira e. Aspectos socio-lingüísticos dos pronomes de tratamento em português e francês. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras da UFRJ, 1974. Dissertação de Mestrado.
26. SILVA, Gisele Machline de Oliveira e. Estudo da Regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras da UFRJ, 1982. Tese de doutoramento.
27. SILVA - BRUMMEL, Maria Fernanda. As formas de tratamento no português angolano. Texto xerocado sem referência.
28. TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolingüística. São Paulo, Cética, 1985 (série princípios).
29. TARALLO, Fernando e ALKMIN, Sânea. Falares crioulos. Línguas em contato. Ática. 1987 (série princípios) pp. 55-59.
30. TRUDGILL, P. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban british english of Norwich. In Language in society. 1972. pp. 179-95.
31. VÁZQUEZ CUESTA, Pilar e MENDES LUZ, Albertina. Gramática portuguesa. São Paulo. Livraria Martins Fontes. 1971.

ANEXO I

Elenco de Tarefas Dadas aos Informantes

FOT. 1

Explique a esta(s) pessoa(s) que você não é de Curitiba. Pergunte se ela(s) pode(m) explicar para você onde fica o Largo da Ordem.



pronome de tratamento-zero

- 57 ocorrências

você

- 21 ocorrências

senhor

- 18 ocorrências

FOT. 2

Pergunte se esta pessoa está com tempo para fazer uma corrida para você. Peça que ela te leve ao aeroporto Afonso Pena.



pronome de tratamento-zero

- 82 ocorrências

você

- 03 ocorrências

senhor

- 11 ocorrências

FOT. 3

Pergunte a esta pessoa se ela que fez a rede. Diga que o preço é muito alto. Pergunte se ela faz um abatimento.



pronome de tratamento-zero

- 20 ocorrências

você

- 35 ocorrências

senhor

- 41 ocorrências

FOT. 4

Pergunte a esta pessoa se ela conhece o Dr. Paulo, aquele do 5º andar. Pergunte se ela viu se ele já desceu.



pronome de tratamento-zero

- 62 ocorrências

você

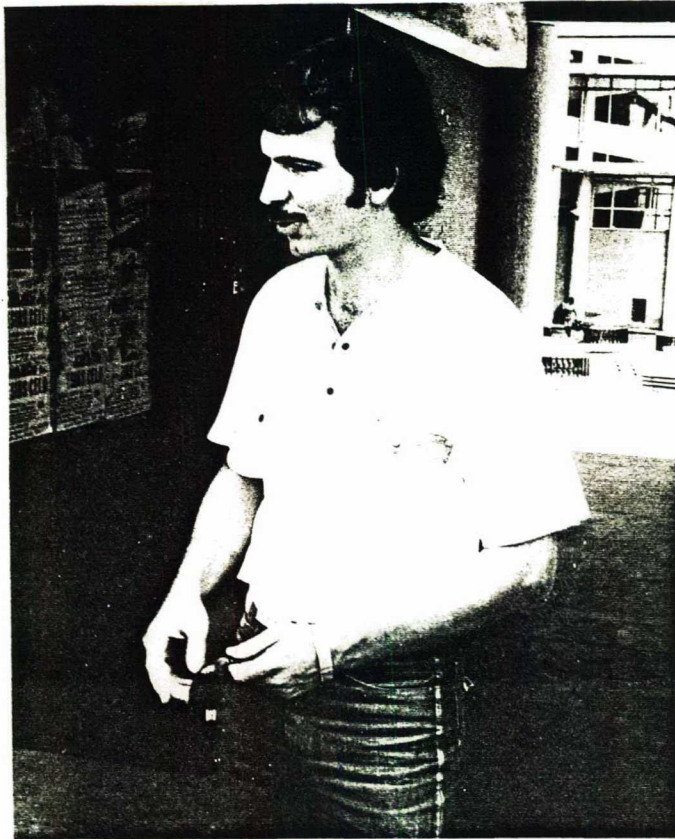
- 07 ocorrências

senhor

- 27 ocorrências

FOT. 5

Pergunte a esta pessoa se ela viu se o ônibus da excursão para Vila Velha já chegou e onde estacionou.



pronome de tratamento-zero

- 42 ocorrências

você

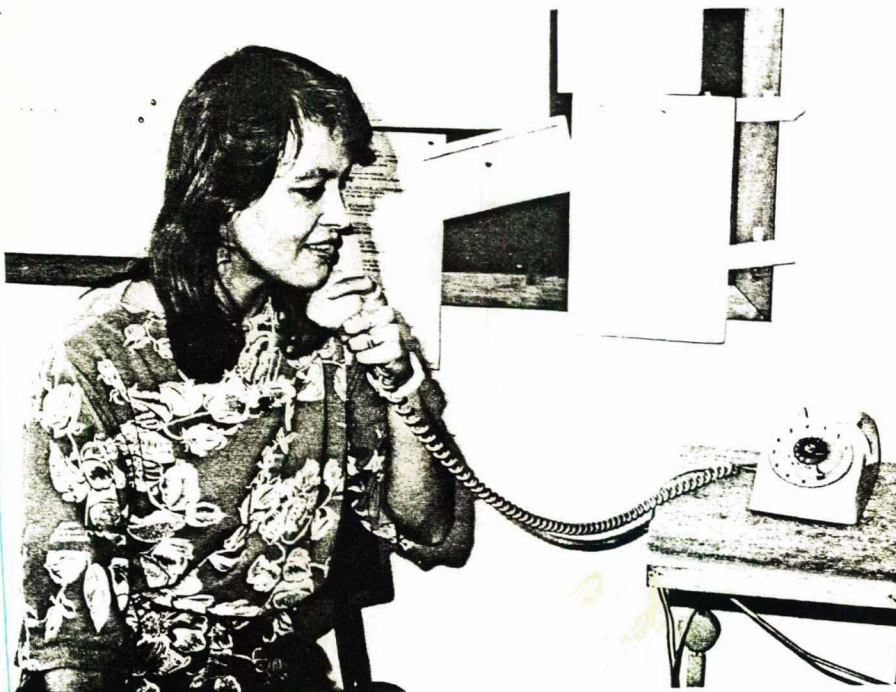
- 45 ocorrências

senhor

- 09 ocorrências

FOT. 6

Pergunte a esta pessoa até que hora ela pode esperar os documentos que você esqueceu.



pronome de tratamento-zero

- 67 ocorrências

você

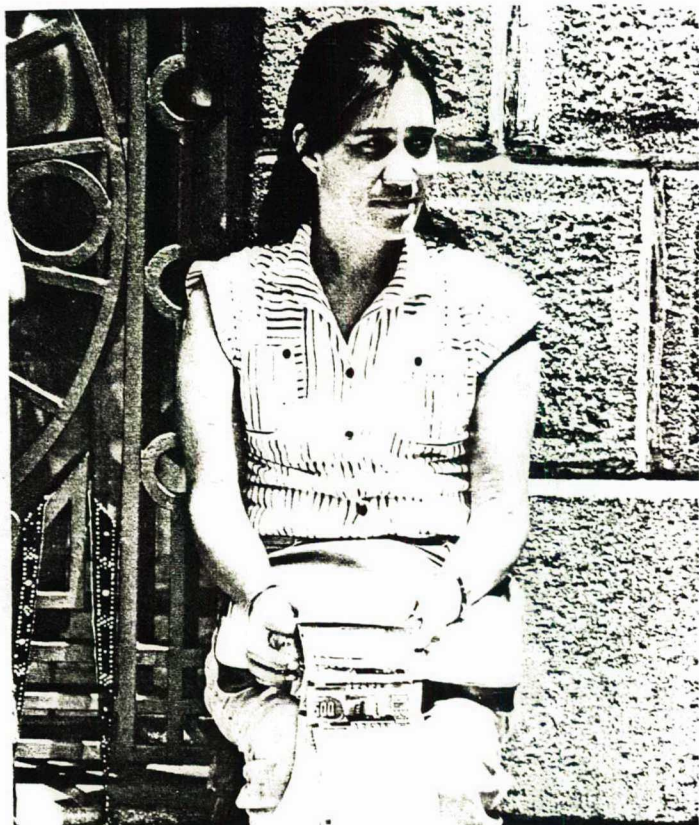
- 25 ocorrências

senhor

- 04 ocorrências

FOT. 7

Diga a vendedora que na noite passada você sonhou com a cobra. Explique a ela que você está sem dinheiro. Pergunte se ela espera você ir ao Banco pegar dinheiro para comprar o bilhete.



pronome de tratamento-
zero

- 67 ocorrências

você

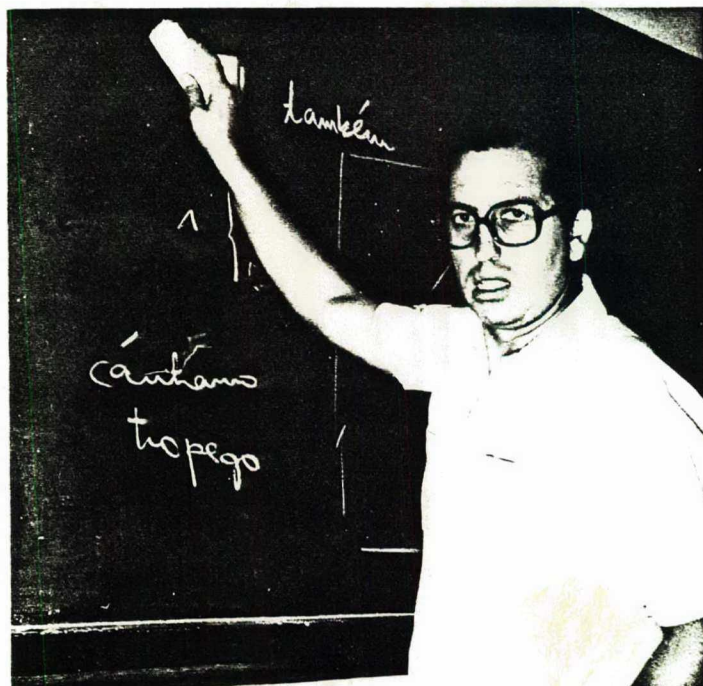
- 25 ocorrências

senhor

- 04 ocorrências

FOT. 8

Pergunte a esta pessoa se ela pode dizer onde é a secretaria da escola.



pronome de tratamento-
zero

- 52 ocorrências

você

- 13 ocorrências

senhor

- 31 ocorrências

FOT. 9

Explique a esta pessoa que ontem você emprestou o livro de uma outra professora, que não está na sala, agora. Pergunte a esta pessoa se ela pode devolver o livro à outra funcionária.



pronome de tratamento-zero

- 87 ocorrências

você

- 03 ocorrências

senhor

- 04 ocorrências

FOT. 10

Você precisa fazer um empréstimo no Banco em que esta pessoa é o gerente. Como você vê, ele está ocupado. Pergunte se ele poderia te atender ainda nesse expediente.



pronome de tratamento-zero

- 42 ocorrências

você

12 ocorrências

senhor

- 41 ocorrências

FOT. 11

Explique a esta pessoa que você não é de Curitiba. Pergunte se ela pode explicar para você onde fica o Largo da Ordem.



pronome de tratamento-
zero

- 35 ocorrências

você

- 26 ocorrências

senhor

- 35 ocorrências

FOT. 12

Pergunte as horas a esta pessoa.



pronome de tratamento-
zero

- 40 ocorrências

você

- 29 ocorrências

senhor

- 27 ocorrências

FOT. 13

Você está em frente ao teatro.

Diga a esta pessoa que você comprou ingresso para o show do Chico Anísio e não sabe qual é a sala do espetáculo. Peça para ela mostrar a sala.



pronome de tratamento-zero

- 45 ocorrências

você

- 41 ocorrências

senhor

- 10 ocorrências

FOT. 14

Explique a esta pessoa que você precisa estacionar e não tem talão de ESTAR. Pergunte se ela pode te ajudar.



pronome de tratamento-zero

- 59 ocorrências

você

- 31 ocorrências

senhor

- 06 ocorrências

FOT. 15

Você está andando na rua atrás desta pessoa e viu quando ela derrubou uma carteira com documentos. Chame a atenção da pessoa e diga o que você viu.



pronome de tratamento-
zero

- 63 ocorrências

você

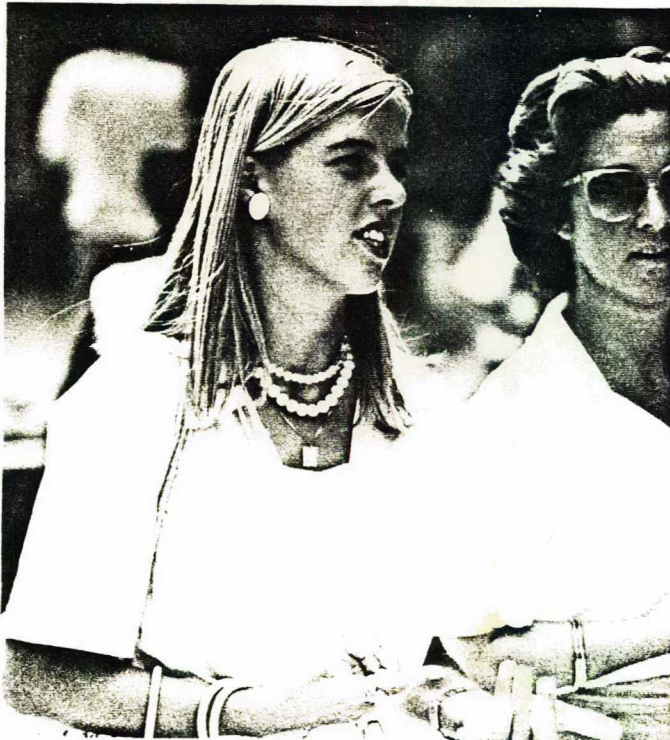
- 06 ocorrências

senhor

- 16 ocorrências

FOT. 16

Diga a esta(s) pessoa(s) que você não é de Curitiba. Peça que ela(s) diga(m) para você onde fica a loja do Boticário, a mais próximo.



pronome de tratamento-
zero

- 34 ocorrências

você

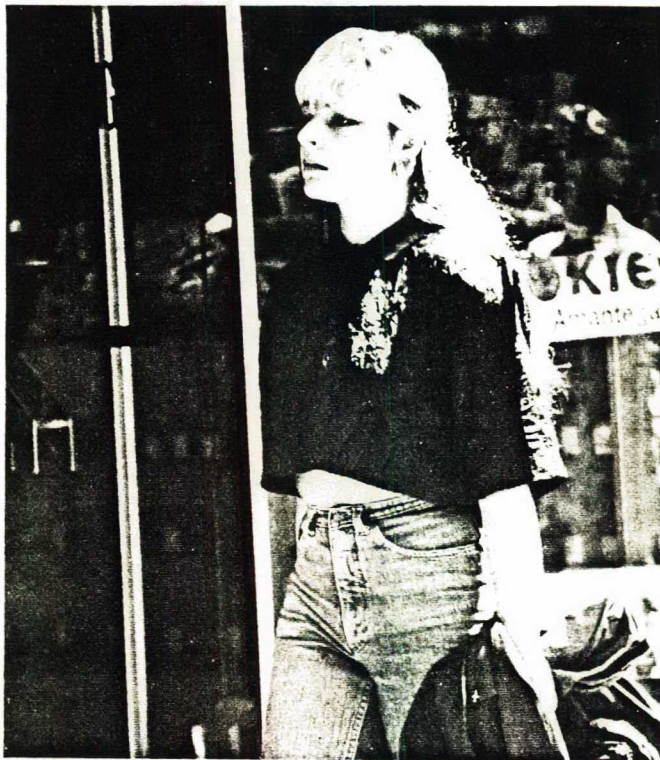
- 57 ocorrências

senhor

- 05 ocorrências

FOT. 17

Diga a esta pessoa que você não é de Curitiba. Peça que ela diga para você onde fica a loja do Boticário, a mais próxima.



pronome de tratamento zero

- 16 ocorrências

você

- 74 ocorrências

senhor

- 06 ocorrências

FOT. 18

Esta pessoa está pedindo esmola em frente do seu prédio ou da sua casa. Explique que ela não pode ficar aí. Peça que ela se retire.



pronome de tratamento-zero

- 16 ocorrências

você

- 61 ocorrências

senhor

- 19 ocorrências

FICHA DO INFORMANTE

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: _____

escolaridade: _____

Bairro que reside: _____

Tempo de residência em Cuririba: _____

ANEXO II

Alto da Glória

Área (ha): 88(1980)
 População: 5.264(1980)
 6.433(1985)
 Taxa anual de crescimento: 4.22 (1980-85)
 Densidade (hab./ha): 73.10 (1985)
 Domicílios ocupados: 1.470(1980)
 Hab./dom.: 3.61 (1980)

Cristo Rei

Área (ha): 147(1980)
 População: 8.080(1980)
 12.361(1985)
 Taxa anual de crescimento: 8.95 (1980-85)
 Densidade (hab./ha): 84.09 (1985)
 Domicílios ocupados: 2.155(1980)
 Hab./dom.: 3.78 (1980)

Alto da Rua XV

Área (ha): 149(1980)
 População: 11.549(1980)
 12.412(1985)
 Taxa anual de crescimento: 1.52 (1980-85)
 Densidade (hab./ha): 83.30 (1985)
 Domicílios ocupados: 3.290(1980)
 Hab./dom.: 3.54 (1980)

São Francisco

Área (ha): 135(1980)
 População: 11.393(1980)
 13.736(1985)
 Taxa anual de crescimento: 3.94 (1980-85)
 Densidade (hab./ha): 101.75 (1985)
 Domicílios ocupados: 2.798(1980)
 Hab./dom.: 4.11 (1980)

Batel

Área (ha): 176(1980)
 População: 10.501(1980)
 13.304(1985)
 Taxa anual de crescimento: 4.98 (1980-85)
 Densidade (hab./ha): 75.59 (1985)
 Domicílios ocupados: 2.712(1980)
 Hab./dom.: 3.90 (1980)

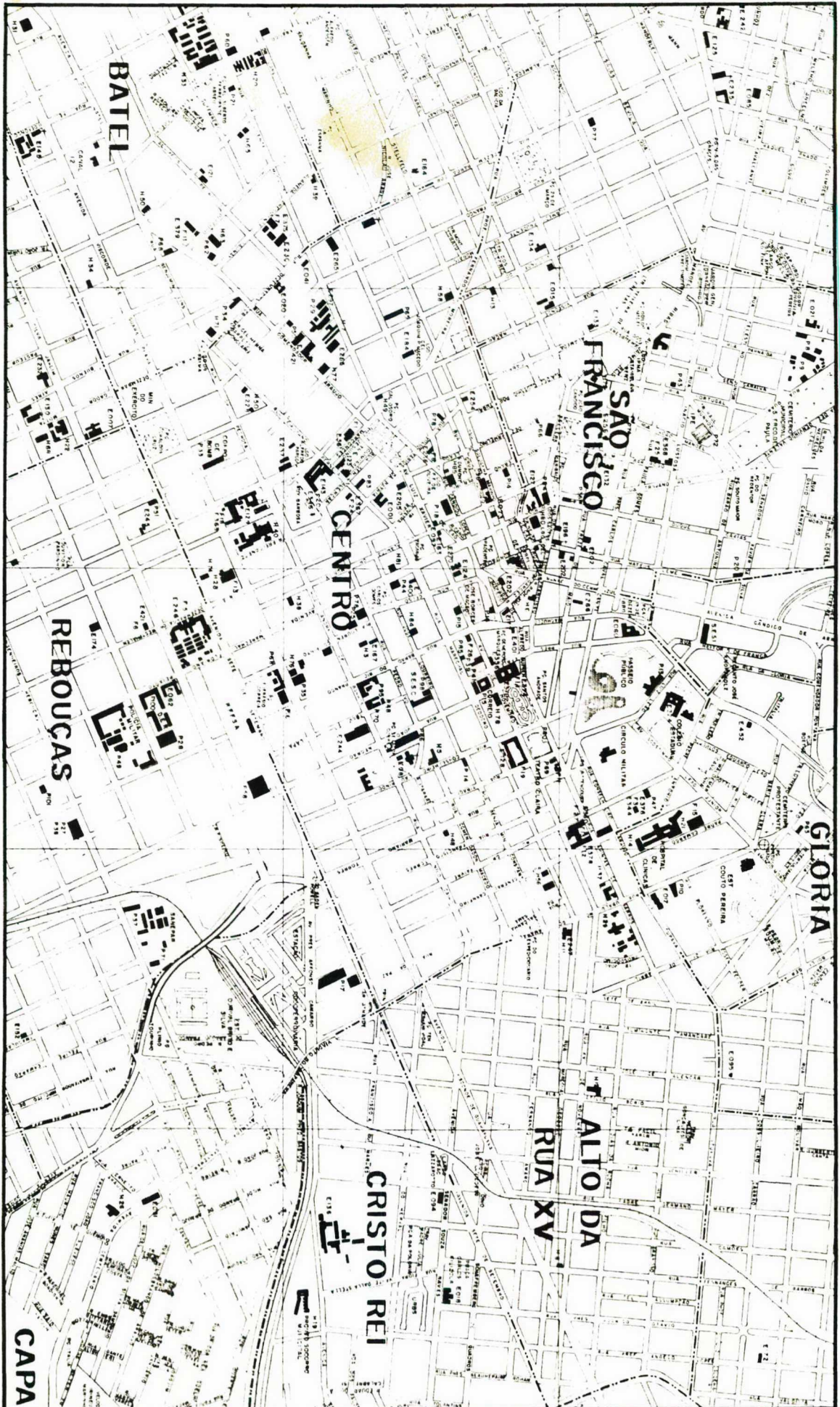
Rebouças

Área (ha): 291(1980)
 População: 18.823(1980)
 20.963(1985)
 Taxa anual de crescimento: 2.26 (1980-85)
 Densidade (hab./ha): 72.04 (1985)
 Domicílios ocupados: 5.098(1980)
 Hab./dom.: 3.72 (1980)

Centro Cívico

Área (ha): 95(1980)
 População: 5.253(1980)
 7.801(1980)
 Taxa anual de crescimento: 8.32 (1980-85)
 Densidade (hab./ha): 82.12 (1985)
 Domicílios ocupados: 1.524(1980)
 Hab./dom.: 3.47 (1980)

FONTE: IBGE (Censo demográfico 1980)
 IPPUC(Estimativas para 1985)



ANEXO III

Códigos Adotados para a Codificação dos Dados

VARIÁVEL	CÓDIGOS	SIGNIFICADOS
FAIXA ETÁRIA	1	20 anos
	2	30 anos
	3	40 anos
	4	50 anos
ESCOLARIDADE	1	Alfabetizado
	2	1º grau
	3	2º grau
	4	Universitário
	1	Feminino
	2	Masculino
TRATAMENTO	1	Senhor
	2	Você
	3	Nenhum
INTERPELAÇÃO	1	Chamamento
	2	Polidez
	3	Vocativo
	4	Cumprimento
	5	Gesto
	6	Polidez + Vocativo
	7	Vocativo + Cumprimento
	8	Polidez + Cumprimento
	9	Chamamento + Vocativo
	10	Chamamento + Polidez
	11	Nenhum
MITIGAÇÃO	1	Sintática
	2	Justificativa
	3	Outras
	4	Nenhuma


```

00001      PROGRAM PHOTO
00002      C
00003      INTEGER TRA(18),INT(18),MIT(18),NF,FE,ESC,SEXO,NR,NRR
00004      INTEGER SEFE,ESSE,FEES,SEFEES
00005      C
00006      OPEN(UNIT=20,FILE='PH.DAT',MODE='ASCII',ACCESS='SEQIN')
00007      OPEN(UNIT=21,FILE='FF.DAT',MODE='ASCII',ACCESS='SEQOUT')
00008      C
00009      NRR=0
00010      C
00011      10  READ(20,'(4I1,18(I1,I2,I1),I3)',END=999) NF,FE,ESC,SEXO,
00012      1    ((TRA(I),INT(I),MIT(I)),I=1,18),NR
00013      C
00014      CALL NEWVAR(FE,ESC,SEXO,SEFE,ESSE,FEES,SEFEES)
00015      C
00016      DO J=1,18
00017      NRR=NRR+1
00018      IF(TRA(J).EQ.3) TRA(J) = 1
00019      WRITE(21,'(6I1,2I2,I1,I2,I1,I2,I3,I4)') NF,FE,ESC,SEXO,
00020      1    SEFE,ESSE,FEES,SEFEES,TRA(J),INT(J),MIT(J),J,NR,NRR
00021      END DO
00022      C
00023      GO TO 10
00024      C
00025      999  CLOSE(UNIT=20) ; CLOSE(UNIT=21)
00026      C
00027      STOP
00028      END
    
```

SUBPROGRAMS CALLED

NEWVAR

SCALARS AND ARRAYS ["*" NO EXPLICIT DEFINITION - "%" NOT REFERENCED]

INT	1	NRR	23	NR	24	FE	25	SEXO	26
TRA	27	SEFEES	51	*J	52	.S0001	53	.S0000	54
NF	55	MIT	56	ESSE	100	SEFE	101	*I	102
FEES	103	ESC	104						

TEMPORARIES

.R0000 105

PHOTO [No errors detected]

NAME * L I N G U I S T I C *
SIZE 55
TABLE LIST NF,FE,ESC,SEXO,SEFE,ESSE,FEES,SEFEES,TRA,INT,KIT,FOTO,NR.
NNF
IT MEDIUM IIISH
UT FORMAT FIXED(6I1,2I2,2(I1,I2),I3,I4)
CASES 1728
LABELS NF,NR.DA PESSOA/ FE,FAIXA ETARIA/ ESC,ESCOLARIDADE/
SEXO,SEXO/ SEFE,SEXO-FAIXA ETARIA/
ESSE,ESCOLARIDADE-SEXO/ FEES,FAIXA ETARIA-ESCOLARIDADE/
SEFEES,SEXO-F.ETARIA-ESCOLARIDADE/
TRA,TRATAMENTO/ INT,INTERPELACAO/ KIT,MITIGACAO/
FOTO,NR. DA FOTO/ NR,NR.DE ORDEM VELHO/
NNR,NOVO NR. DE ORDEN/
JE LABELS FE (1) 20 ANOS (2) 30 ANOS (3) 40 ANOS (4) 50 ANOS/
ESC (1) ALFABETIZADO (2) 1.GRAU (3) 2.GRAU /
(4) UNIVERSITARIO/
SEXO (1) FEMININO (2) MASCULINO/
TRA (1) SENHOR... (2) VOCE (4) NENHUM (5) SEM FRASE/
INT (1) CHAMAMENTO (2) POLIDEZ (3) VOCATIVO/
(4) CUMPRIMENTO (5) GESTO (6) POLIDEZ+VOCATIVO/
(7) VOCATIVO+CUMPRIMENTO (8) POLIDEZ+CUMPRIMENTO/
(9) CHAMAMENTO+VOCATIVO (10) CHAMAMENTO+POLIDEZ/
(11) NENHUM/
MIT (1) SINTATICA (2) JUSTIFICATIVA (3) OUTRAS/
(4) NENHUMA (5) SEM FRASE/
SEFE (1) FEM-20 ANOS (2) MASC-20 ANOS/
(3) FEM-30 ANOS (4) MASC-30 ANOS/
(5) FEM-40 ANOS (6) MASC-40 ANOS/
(7) FEM-50 ANOS (8) MASC-50 ANOS/
ESSE (1) ALF.-FEM (2) ALF.-MASC (3) 1.GRAU-FEM/
(4) 1.GRAU-MASC (5) 2.GRAU-FEM (6) 2.GRAU-MASC/
(7) UNIV.-FEM (8) UNIV.-MASC /
FEES (1) 20 ANOS-ALF. (2) 30 ANOS-ALF. /
(3) 40 ANOS-ALF. (4) 50 ANOS-ALF. (5) 20 ANOS-1.GRAU/
(6) 30 ANOS-1.GRAU (7) 40 ANOS-1.GRAU /
(8) 50 ANOS-1.GRAU (9) 20 ANOS-2.GRAU /
(10) 30 ANOS-2.GRAU (11) 40 ANOS-2.GRAU/
(12) 50 ANOS-2.GRAU (13) 20 ANOS-UNIV./
(14) 30 ANOS-UNIV. (15) 40 ANOS-UNIV./
(16) 50 ANOS-UNIV./
SEFEES (1) FEM-20 ANOS-ALF. (2) FEM-20 ANOS-1.GRAU/
(3) FEM-20 ANOS-2.GRAU (4) FEM-20 ANOS-UNIV./
(5) FEM-30 ANOS-ALF. (6) FEM-30 ANOS-1.GRAU/
(7) FEM-30 ANOS-2.GRAU (8) FEM-30 ANOS-UNIV./
(9) FEM-40 ANOS-ALF. (10) FEM-40 ANOS-1.GRAU/
(11) FEM-40 ANOS-2.GRAU (12) FEM-40 ANOS-UNIV./
(13) FEM-50 ANOS-ALF. (14) FEM-50 ANOS-1.GRAU/
(15) FEM-50 ANOS-2.GRAU (16) FEM-50 ANOS-UNIV./
(17) MASC-20 ANOS-ALF. (18) MASC-20 ANOS-1.GRAU/
(19) MASC-20 ANOS-2.GRAU (20) MASC-20 ANOS-UNIV./
(21) MASC-30 ANOS-ALF. (22) MASC-30 ANOS-1.GRAU/
(23) MASC-30 ANOS-2.GRAU (24) MASC-30 ANOS-UNIV./
(25) MASC-40 ANOS-ALF. (26) MASC-40 ANOS-1.GRAU/
(27) MASC-40 ANOS-2.GRAU (28) MASC-40 ANOS-UNIV./
(29) MASC-50 ANOS-ALF. (30) MASC-50 ANOS-1.GRAU/
(31) MASC-50 ANOS-2.GRAU (32) MASC-50 ANOS-UNIV./
FOTO (1) DOIS SOLDADOS (2) TAXISTA (3) VENDEDOR DE REDE/
(4) ASCENSORISTA (5) RAPAZ CLASSE MEDIA /
(6) SECRETARIA 26 ANOS (7) MULHER BILHETE/
(8) PROFESSOR 38 ANOS (9) BIBLIOTECARIA/
(10) EXECUTIVO (11) DONA DE CASA/
(12) ADVOGADO (13) RAPAZ BARBUO/
(14) MOCA DO ESTAR (15) VELHO ANDANDO/
(16) MOCA BURGUESA (17) MOCA BONITA/
(18) HOIEM PEDINDO ESMOLA
SING VALUES TRC (5) INT (5,7 THRU 10) KIT (5)

111 21411421144 211 2441142111411441141 21411141114 2141141 3411114 212112 1
114 21411411141 211 2421141 214 2141121 2141111111411141024 144 314 214 61 2
1141141121114411421144114211241114112411441114 21411121114 34211121111 21 3
124 344 342 744 344 34411441114 34411441114 344 344 3441114 344 4441112 32 4
121 214114111441124 214 214 224111111211124 214 21111141111 34111141114 22 5
124 24411241144 644 244 644 621 614 921 211 214 644 614 621 642 612 612 61 6
114 614 24111411142 242112111211114114111111124 244 2241144 342 1121111114 7
114 14411121142 31411441141112111141144 2111111114411121144 344 3421112111 8
1141144114111411114114211111124 624114111121111114411441144 34211121121111 9
1241144114411441144 214 24111141144114111141144 214 2441111 3441144 212 61 10
122 214 241 341 311 344 341 214 2141141 214 341111 213 211 343 213 211 21 11
124114411421144114211141142111111411441124 3421144 3121144 94211421122 31 12
114 3211141 344114211411141 121111411411111111144 344 345 554 3441142114 13
114 244 2421144 244 624 2421144 244 441 2111112 242 4121145 554 242 342 41 14
114 212114411441142 244 3421144114411411111114 2421141145 552 212 342111 15
124 341111211411111114211121141114 1411111114 2441111114 342 314 244104 16
124 6441144 344 344 344 3141124 344 144 344 344 644 344 311 344 314 344104 17
122 411111111441144 24411441114 241114411411111114411411124 34411421114114 18
1141114114111411114111111411121114114111111111111111141045 55411111141114 19
111 211111111411114 21211111111111411411111 611 214 214 914 142 312 341 34 20
11111111111111411411142111211211114 44411241141114211121122 14411421121111 21
12411411114114111111111111111111114 14411141111111111141142 9411141 241 61 22
1221112111111411112 312 311111111141141111 1111111114 112 344 312 642111 23
124 31411421144 344 34411121124 324 144 314 314 31111141145 554 2421114 21 24
211 211111111411111 212 2111111114 141 211 611 21211141114 342 612 612 21 25
21211141141114111121142 2111111 211 1411111111 24211441114 34211421141 12 26
211 2141141 142 2121114 2421114 345 551 212 211 242 1141145 5521112 241 12 27
224 344114211411142114211411111114114111121112114211121114114211121142112 28
224 244 2421144 442 444 3411111 2141144 41111121142 414 314 344 342 442111 29
2241141 11211411114 114 344111411441141 114 314 1141144 311 144 314 314114 30
211 414111111421112 3441142111111141141 214 341 44211121114 9421142 142 11 31
211 314 3421144111211421142111411441144 2121114114411441144 34211121122111 32
2141144111114111121144 24211241144114111141141114211141141 14211121112111 33
224 3441142 3411114 342 341 314 6141144 2121114 442 7141144 34211121142 31 34
222 214 2411144 214 244 3421111 2141141 611 314 31111121111 344 313 241112 35
224 34411421144 3441142 1441114 2141144 222 114 244 342 114 942 112 112 31 36
2111144 34211441142 342 1121111 61411441142111114211141114 3421112 342 14 37
214 241114111411112 314 2421112 2141144 222 4121142 4221114 342 414111112 38
211 21411421144 242114411421112 214 2411111 2111144 244 2111421112 241111 39
221 2141141 144 244 214 2121114 214114211141111111411241114 242 2141122 31 40
22411141111144 211111311111114 314114111111111111111141142 34311131142114 41
2211114 24411411111 244 2441111 61411411124 641 214 224 221 344 2131114 32 42
2121114 24111441144114411141114 344114411141142114211121114 34211121112 34 43
211114114111441142 244 121111211141141111111141144 3421114 344 3421141 31 44
2121114 24111111114 214 6111111 214 1111111124 214 3111111 142 212 642111 45
224 614 112 344 614 212 2121141 2121142 214 644 214 314 314 342 312 342 31 46
22111411421144 242 344 3421111 614114111121142 244 342 314 144 342 341114 47
2221141 4421144114211441144111111411411111114114211141144114211421142 11 48
314 214 2441144 244114411421112 2141142 211 2141141 214 114 1421112 212111 49
314 644 3411141 214 644 2411111 2141141 241 211 2111114 314 34211121142 21 50
3121114 2441142 214 2421144 314 2441141 2411114 2441144 311 34411421114 11 51
324 244 2411144 214 244 641 214 2441141114111111144 744 611 14211121142 21 52
324 244 24211421114 24411421111114411411111 214 24211121114 244 642 212 21 53
324 24411421144114211441112111111121144 214114411421114 114 142 212 212 11 54
312 1141141114111121144 3421114 344 644 212 3121144 344 314 342 312 412 22 55
311 214114111441144 244 24111111114 141 2111114114211141114 34211141141111 56
314 114 4411144 4441144 3411114 314114411121114 244 4441114 344 442 442 41 57
32411441112114411421144114211111114114411141144114411421114 34411421144 91 58
324 444114211441144 444 4421111111411421112 414 242 414 314 342 412 444 31 59
324 24411421144 214 24411441114 214114111221114 2421112 214 34211121142 91 60
312 1141142114411421114 3421114 3441142 212 412 2421112 314 944 342 212112 61
314 214 2411144 244 344 244 344 2441144 244 214 24411111144 344 244 244 24 62
3121114 34211441142 342 112 111 614114411421111114211141144 3421112 242 14 63

3324 444114411411112 24411411114 2441144 214 242 244 4441141142 212 242111 64
3321 414 24411441142 344 344 124 2441144 21411421144 344 314 344 342 142 24 65
3324 244114411441142114411421124 2141144 214 242114411421114 6421142 344 64 66
4314 3441141114211141144 21211121114114411421112 244 3421114 344 3421142112 67
4314 244 2411114 422 24411121122 214 444 212 212 242 414 345 552 212 222 41 68
4312 1141141114411221144 34211221114114411421114114411421144 342 212 222111 69
4322 41411441144 444 342 412 424 6141144 214 4121142 3121114 942 312 342 61 70
4322 424114211441144 344 4421111 3141141 2221114114211141144 1421112 342112 71
4321 4141114 244 344 342 2121114 2441142 211 212 342 412 314 344 6421112 32 72
1414 44211441111 4141144 2411112111411421112111411421112 114 34211121122111 73
1412 4141141111411421142 2111114 2241144 2211112 242 4141115 552 2121112 31 74
1414 4441141114411421142 2111114 244114211111142 242 412 114 9421112 242112 75
1424 614 812 441 214 244 441 212 21411411111 2141142 411 4111144 412 422111 76
1424 614 241 344 344 21211111114 34411411111 211114411121114 3421112 211 21 77
1424 61411411114 242 64411141114 214 3411111 214114411141114 344 3121122 21 78
2414 3441144114111121144 4111114 3441145 5521112114211141114 3421114 144 14 79
2414 211111111141114 64411411144114111411111114 244 342 314 344 312 312 31 80
2414 424 24211441122 444 4141112 4141142 414 422 412 4141144 342 444 144 14 81
2424 24411411144 2421144 2411114 3441144 414 2421142 2121114 344 242 212 21 82
2424 214 24211441114 244 442 214 2421144 214 214 244 212 611 344 642 642 64 83
2424 244114211441142114411421114 2441142 224 242114211141144 1421142 242 24 84
34121114114211441144 244 2421124 344114411421124 244 244 444 222 4421142111 85
3412 41411411144 244 24411241144 344114411441122 414 244 4441142 4421142 14 86
341411441141114411421114 1441122111411441144 214 242 244114211121122 242 31 87
3424 244114411411112 24411411112111411441144 211 212 2421112 112 312 211111 88
3421 21411441141111211441141 212 21411441142 212 212 2421114 3121112 212112 89
3424 314 342 3441114 242 3441144 24411441144 3211114114411441114 3141144111 90
44121114 2441141 2121144 3411114 24411441142 212114211421114114211121112111 91
441211141112 4441112 244 2421114 445 5541142 41211441144 414 64211121112 11 92
44141114 21411421112 344 2421114 614 142 21211121142 3141145 55211121112 31 93
4424114411421144 242 242 4421114 2441144 4211114 24211141144 3441122 242111 94
442411441144114411441142111411241114 2441144 444 212 2441114 315 552 212 212111 95
4422111411421144 2421142 2121144 2441142 2111112 242 4141115 552 212 411111 96